

Dr. Eduardo Leger Lobão Junior  
(DO MARANHÃO)  
CLÍNICO NO PARÁ

68



ORMA

154.7

W796

V.2

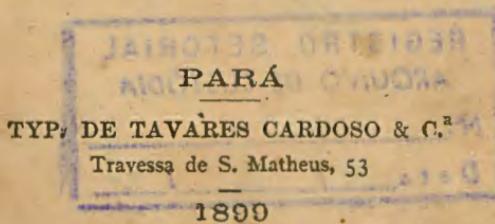
# O HYPNOTISMO

No Maranhão e no Pará

OU

Generalidades sobre o Braidismo

VOLUME II



*Este volume também foi mandado imprimir  
pelo nossa bom amigo — o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Evaristo Lopes  
Guimarães — que bondosa e expontaneamente offre-  
ceu-se a mais este incommodo.*

*Acceitae, pois, querido amigo, ainda uma vez,  
os nossos mais leaes e sinceros agradecimentos e os  
protestos de nossa imperecivel gratidão.*

*LOBÃO JUNIOR.*

## Hypnotismo, religião, espiritismo e desdobramento da personalidade

Não ha nada que desgoste tanto aos sectarios dos *milagres* — os Theotonio Manuel Ribeiro Vieira de Castro (*Milagre e Sciencia*) — Zola, Charcot, Bernheim — *Hysteria, Hypnotismo, Sugestão* — Porto, 1894), Manuel Anaquim (*A moderna questão do Hypnotismo* — Coimbra, 1895), Élie Méric (*Le Merveilleux et la science* — Paris, 1887), — etc., do que dizer-se que estes não são mais do que phenomenos de suggestão. Que o milagre, como elles querem encarrar, não existe: que é uma criação pura e simplesmente psychica. Nada ha ahi de sobrenatural; e sim, como dizem os autores adiantados (Henry Maudsley, Herbert Spencer, etc.,), tudo é natural; e a prova é que a sciencia actual vae ensaiando explicar esse desdobramento de forças, de personalidade, de consciencia, do *eu*; phenomenos até então considerados do dominio da metaphysica. O que não ha duvida é que, como diz Camillo Flammarion, ha forças naturaes ainda desco-

nhecidas; e entre estas, a força psychica é uma das mais importantes e uma das mais ignoradas. Segundo o mesmo mestre, o mundo visivel não é mais do que o véo dum mundo invisivel. São essas forças que a sciencia hodierna vae hoje procurando explicar e algumas já explica quasi satisfactoriamente. Os milagres, o espiritismo, os extases, as religiões, as Bernadette, Luisa Lateau, Felida, Clelia, etc., vão tendo sua verdadeira interpretação. Dizer-se hoje em dia «a fé é quem cura» não é uma sandice; fala-se de acordo com a sciencia moderna. Para Charcot, o espirito é eminentemente suggestionado no que diz respeito á firme crença na possibilidade duma cura sobrenatural e esta, por si propria, torna-se facilmente realisavel. Na opinião de Herbert Spencer, as idéas religiosas não têm com certeza a origem sobrenatural como geralmente quer-se-lhes attribuir, e sim que devemos concluir dos factos que elles têm uma origem natural. «A idéa religiosa não é innata, nem ao homem selvagem, nem ao civilisado: é obra do engenho humano puramente.» E a prova está que «as pessoas privadas de dotes por defeitos physicos, como a surdez, a mudez, a surdi-mudez, assim como certos povos selvagens, não têm também como aquelles a noção religiosa innata.» Isto está provado hoje. Para estes povos selvagens, seus deuses são os chefes «que morrem e continuam em espirito a governar.» No monumental *Tratado de Hypnotismo* do Dr. Francisco Fajardo (Rio de Janeiro, 1896), pag. 320, encontra-se citado a esse respeito, o seguinte: um zulú, interrogado se sabia que poder tinha feito o mundo, o sol, as arvores, respondeu: «não; nós vemos-lhos, mas não podemos dizer donde vêm; supomos que vêm de si mesmos (Gardiner.—

*Journey to the Zoolu Country, in South Africa, 1836, 12, in H. Spencer, Principes de Sociologie, 3).*»

Ainda em Fajardo lê-se: Um chefe *commoro*, citado por S. Boker, perguntado sobre uma existencia *post-mortem*, disse simplesmente: «Uma existencia futura? Como é possivel? Pode um defuncto sahir do tumulo, a menos que seja desenterrado (H. Spencer.

✓ — Op. cit. 2)?» Uma religião é a consequencia duma suggestão feita desde a infancia, repetida e renovada diariamente, graças ás ceremonias dos cultos.✓Como vio-se, a sciencia hodierna vae procurando derribar o pedestal do maravilhoso. Com o seu escapelido — a observação — e o estudo accurado, vae procurando rasgar o véo que ainda oculta pontos ignorados, verdades que até agora passavão por ficções. O sobrenatural vae cahindo, para dar lugar ao natural. O moderno psychismo de Lombroso ha de, quando estiver melhor estudado, vir expandir luz e espalhar scentlichas. E a humanidade só terá a lucrar com esses progressos. Os mysterios, os dogmas, hão de ir riscando-se das paginas dos livros e dos annaes da historia. Os raios X vão surgindo; e o homem orgulhando-se cada vez mais, por ter-lhe sido legado em partilha, o discernimento, a razão, a intelligencia. Não supponha-se agora que o que acabamos de dizer é mera utopia: ahi estão os factos registrados nos livros que occupam-se do assumpto e o nome dos autores.

Quanto aos raios X, por ter agora tocado nesse ponto, permittam-nos os leitores que abramos aqui um pequeno parenthese, para deixar gravada a opinião a tal respeito, dum estudosco occulista brazileiro (Honorio d'Oliveira), a quem pedimos venia neste momento, para divulgar sua

maneira de pensar, sobre essa gigantesca descoberta da sciencia actual, neste fim de seculo. E' assim que diz elle: « Verdade ou ficção, o *Invisivel* está impondo-se ao ferrenho officialismo doutrinario. Causou-me surpreza (para não dizer compaixão), quando li ha tempos a noticia de que a Academia da França tinha-se reunido em sessão permanente para discutir a questão dos raios X; questão que tratada esotéricamente reduz-se á uma simples condensação de força etherea posta por meios artificiales nos limites das vibrações susceptiveis de actuarem sobre nossos sentidos. Nós, os *Mysticos*, também amamos a sciencia, porém procuramos manipular *sem artifícios* essa força etherea que cerca-nos de todos os lados, que deve mesmo fazer parte de nossa entidade. E eis afinal como o homem, mesmo materialista, tem necessidade de apoiar-se no *Invisivel*.» Ahi fica ella (opinião do Sr. Honorio de Oliveira), tal qual foi-nos enviada em carta, sem comentario, para ser aceita ou rejeitada pelos leitores de idéas pró ou contra.

\* \* \*

Diz o Pr. Bernheim (*Hypnotisme, Suggestion, Psychothérapie*) que os pregadores, professores, charlatães, seductores, advogados, homens de estado, etc., são suggestionistas; e que o fanatismo religioso e politico, o anarchismo, nihilismo, boulangismo, etc., se recrutam por via de suggestion auditiva. Actualmente as idéas religiosas vão tomando uma significação bem

different e feição nova: pelo menos seus males não são tão grandes (Fajardo). E em quanto ha assim impossibilidade philosophica em demonstrar que um phenomeno dado não é o effeito duma causa material, todos os que conhecem a historia da sciencia admittirão que seus progressos têm sempre significado e significam hoje mais que em nenhuma outra época, o desenvolvimento do dominio do que chamamos *a maternia e o determinismo*, em quanto se apaga concorrentemente, em todas as regiões do pensamento humano, o que chamamos *o espirito e a espontaneidade* (Th. Huxley.—*Les problèmes de la Biologie*. Paris. 1892. 100., cit. por Fajardo).

\* \* \*

Outras questões da actualidade são a clarividência e a telepathia (sobre as quaes mais adiante estenderemo-nos), que em muitos paizes têm sido estudadas e até com empenho e calor: na Inglaterra, por homens como William—Crookes, e outros,—na Alemanha, por Eulenberg, Mendel, Preyer, Helmholtz, Moll, Krafft-Ebing, Schrenck-Notzing (Muninch.—Op. cit. Fajardo), demonstrando a alteração do peso dos corpos, os movimentos dos objectos pesados sem contacto, apparições luminosas de mãos, fantasmas, etc., e assim outras. Uma mão luminosa apparece, caminha, approxima-se, toma um lapis, escreve, abanada em seguida o lapis e desapparece por cima da cabeça do experimentador: eis o que se passou numa

das experiencias de Crookes. Segundo os estudos deste autor, o mundo physico fica dum lado e um mundo á parte offerece theatro aos phenomenos espiritas — mundo extra-sensivel, ultra-material, onde não ha lei de gravitação, o peso dos corpos é figura de rhetorica. Paul Gibier, citado pelo illustrado Dr. Fajardo, em seu livro — *Le Spiritisme* Paris. 1891. 379. 388., — também tem-se ocupado deste assumpto, isto é, do espiritismo, o qual é chamado por elle « occultismo experimental. » Elle « observou a transmissão da força á distancia por effeito da vontade; fez experiencias de materialisação do espirito e garantiu não existir feitiçaria nos exercicios dos fakirs, os quaes elle iguala ao espiritismo. » Na opinião deste autor os estudos destes phenomenos — espiritismo ou fakirismo — podem enlouquecer as pessoas que a elles se entregam; mas só acreditamos que isto dê-se nos fracos de espirito. E' o nosso dever assignalar os perigos inherentes ás experiencias de psychismo com as quaes se brinca, sem entretanto temer o grande perigo que ellas fazem correr, diz este autor (Op. cit. 386). » Casos, observações de *telepathia spontanea*, de *allucinações telepathicas*, encontram-se nos *Proceedings*, semestraes da *Society for psychical research*, em importante trabalho de Gurney, Myers e Podmore (*Phantasms of the Living*), já mesmo em muitos trabalhos brasileiros soberbos, de homens notaveis, como o Pr. Alfredo Alexandre (Fajardo — Op. cit., 317), etc., etc. Além destes nomes, outros não menos illustres têm-se ocupado também da telepathia — Balfour, Guthrie, James Birchol, Barret, etc. — A mór parte destes observadores e experimentadores mais acima expostos « tem tratado de accumular material,

factos e factos, sem procurar uma adaptação dos phenomenos espiritas á esta ou áquella doutrina psychologica.» Lombroso, de seus estudos em collaboração com Vigioli, Tamburini, Bianchi e Virgilio, sobre o assumpto em questão, transcriptos em todos os jornaes, até nos nossos aqui, neste afastado Estado; o homem que era contrario ao espiritismo, que até insultara aos seus adeptos, «concluiu admittindo as cousas do espiritismo como reaes e a presença do *fluido nervoso* ou *força psychica* como uma verdade incontestavel. Lombroso examinou a transmissão do pensamento, os factos medianimicos, aceitando-os como reaes (Cesare Lombroso. — *Pickmann e la transmissione del pensiero* in Nizet, Op. cit., 94).»

O sabio professor da Universidade de Turim «observando a negação de certos phenomenos hypnoticos, que eram reaes, foi então levado a «perguntar si o seu scepticismo para com os phenomenos espiritas não tinha a mesma natureza que a de outros sabios para com os phenomenos hypnoticos (*Les faits spirites et leur explication psychiatrique*, 1892 (*in Revue de l'hypnotisme*)); fez seu médio de M.<sup>me</sup> Eusopia e estudou a fundo o espiritismo.» O mesmo auctor admittindo a exteriorização da sensibilidade, termina desta forma: «nenhum destes factos (que é preciso admittir, porque não se pôde negar o que se viu) é, entretanto, de natureza a fazer suppôr, para explicá-los, um mundo differente daquelle que admittem os neuro-pathologists. Nada vejo de inadmissivel que nos hystericos e hypnoticos a excitação de certos centros provoque uma transposição e uma transmissão das forças psychicas, e uma transformação em força motora ou em força cerebral; a força luminosa de um médio levantaria

uma meza, etc.» Adepto e entusiasta investigador da exteriorização da sensibilidade, é M. Rochas d'Aiglun, funcionario da Escola Polytechnica de Paris, citado por Fajardo e Papus. Elle pensa identicamente a Lombroso — «que a força psychica se esterioriza, passando á força motora.» O hypnotico é insensivel, porque sua sensibilidade pára em volta delle, a um ou mais centimetros: a dôr só será sentida quando provocada á alguma distancia do hypnotico; elle mesmo é insensivel.» Rochas d'Aiglun (*Les états profonds de l'hypnose*. Paris. Chamuel. 1892 — in Nizet. p. 97) reconheceu a presença destas camadas de sensibilidade até vários metros da superficie; idéa esta que, como muito bem diz o Dr. Fajardo, não é nova: porquanto em Herbert Spencer (*Principes de sociologie*. Paris. 1887. p. 9) já se encontra estas palavras: «Comumente supõe-se o espirito gira ao pé do corpo ou volta a visital-o.» Facil, é portanto, de ver-se ahi larga influição auto — e allo-suggestiva, o que não desdoura, nem quer dizer que se nega com isso, «em absoluto e *in toto*, os trabalhos de Rochas.» Em summa, actualmente tendem a se confundir no espiritismo a dupla consciencia, o odismo de Reichenbach, o moderno psychismo de Lombroso; encontrando-se no fim da serie a inexgottavel fonte de riquezas a explorar — o occultismo, sobre o qual nos prolongaremos mais adiante. A quasi totalidade dos phenomenos espiritas tornam-se explicaveis pela doutrina das variações e alterações da consciencia.» E aquelles que vireni nelles milagres, podemos e devemos responder-lhes como Henry Maudsley (*La pathologie de l'esprit*. Paris. 1883. p. 71): «a melhor resposta que se pode dar á uma pessoa que viu ou observou milagres, é certamente, nove vezes so-

bre dez, declarar-lhe que não se pode ter nenhuma confiança em sua observação e recusar-se discutil-a; porque a vida é muito curta para que possa-se perder tempo, aprendendo o alphabeto da observação e do raciocinio de cada novidade que apparece. » Os outros phenomenos, que dominam um mundo á parte, extra-sensivel, são do dominio do psychismo ou moderno fluidismo (Fajardo. Op. cit. p. 319). Ha tendência hoje a considerar-se o hypnotismo como uma manifestação do espiritismo ou espiritualismo (Castro Lopes, G. Delanne. Paul Gibier, Joseph Franco, A Mossó, etc., citados pelo Dr. Fajardo). « Parece que todos os phenomenos do espiritismo não são senão manifestações dos varios estados hypnoticos e principalmente do somnambulismo e da anto-suggestão. Parece que todas essas percussões e evocações, etc., são puros factos de ordem suggestiva; não passam de allucinações, illusões dos sentidos, etc. Mas são allucinações, illusões, impulsões, etc., tão perfeitas que, como no hypnotismo, trazem uma convicção arraigada, profunda á pessoa que observa-as, de modo que ella affirma com toda a segurança ter observado com os proprios olhos taes e taes phenomenos em volta de si. » Diz Figuier (*Les mystères de la science*), « depois deste historico do espiritismo, desde sua origem até o momento presente, resta-nos, segundo o plano uniforme deste trabalho, dar a explicação das acções dos mediuns, em suas relações com os pretendidos espiritos. Tendo no que precede, já mais de uma vez exposto nossa theoria physiologica do estado extatico dos mediuns, temeríamos cahir em repetições, insistindo muito tempo sobre esta parte theorica. Limitamo-nos por consequinte, a lembrar que é pelo estado de hypnotismo,

descoberto pelo Dr. Braid, em 1841, estudoado, como veremos adiante, pelos Srs. Azam, Broca, Follin, Verneuil, etc., e novamente erguido em 1879 pelo professor Charcot em suas experiencias sobre as hystericas da Salpêtrière, que nós explicamos o estado do médio e a sinceridade do seu testemunho. Um médio é, como dissemos, *um allucinado sem o saber.*»

Segundo o mesmo autor os *movimentos inconscientes* que observam-se nos *médios* « têm sua causa no estado *hypnotico* do individuo, provocado pelo magnetizador ou pela pessoa que está em relação com o *medium*. Como Figuier, pensam Boulyguine, Bobylew, Borgmann (de São Petersbugo) etc, todos professores distinctos da Sociedade de Physica da Universidade daquella capital, os quaes, numa commissão para que foram nomeados por essa sociedade, para estudar o ponto em questão (o espiritismo), concluiram desta forma, em 1876 (Fajardo. Op. cit.): « *Os phenomenos espiritas provêm de movimentos inconscientes ou de um embuste, e a doutrina espirita é uma superstição.* » Os meios de que se servem os médios escreventes, ou psychographicos, estão hoje completa, perfeita e totalmente esclarecidos, explicados, depois dos estudos experimentaes de graphologia dos Srs. Ferrari, Héricourt e Ch. Richet (Bourru e Burot — *Les variations de la personnalité*. 1898, pgs. 209 e 283). « E senão, diz Fajardo, (Op. cit. pg. 308), é bastante ouvirmos esta conclusão que tiram da graphologia experimental: » « Emfim, estas experiencias comportam uma terceira conclusão, a saber, que os espiritas que appellam para estes diferentes escriptos dos *mediuns escreventes*, para affirmarem a existencia real de pessoas diferentes que lhes guiariam a mão, não podem ser admit-

tidas para fazerem valer este facto em apoio do systema. A variabilidade da personalidade sendo sufficiente para explicar taes differenças, a hypothese da variedade das pessoas deve ser afastada.» A escripta automatica é um facto bem conhecido. Taine mostrou muito bem a possibilidade e o interesse deste pheno-meno.» «As manifestações espiritas nos mostram a coexistencia no mesmo instante, no mesmo individuo, de duas vontades, de duas accções distinctas, uma de que elle tem consciencia, outra de que a não tem e cujos phenomenos elle attribue a seres invisiveis. Ha uma pessoa que, conversando, cantando, escreve, sem olhar para o papel, phrases seguidas e até paginas inteiras, sem ter consciencia do que escreve. Sua sinceridade é perfeita; ella declara que no fim da pagina não tem idéa do que traçou sobre o papel, quando as lê fica admirada, por vezes assustada. Certamente se observa aqui um desdobramento do *eu*, a presença simultanea de duas series parallelas e independentes, de dois centros de accão, ou, se quizermos, de duas pessoas moraes justapostas no mesmo cerebro. Cada uma tem uma obra e outra mais diferente, uma em scena, outra nos bastidores.» Um individuo neste estado tem allucinações, sensações (cuja séde e origem estão no sensorium — Huxley — *Problèmes de la biologie*), etc., centraes cerebraes, tão energicas e vivas que se confundem com as que partem da peripheria.

\*

\* \* \*

Recapitulando diremos:

Eis, pois, os senhores espiritos, as senhoras al-

mas, a *velha e arraigada religião*, os taes capetas, diabos ou demonios, fantasmas (que todos têm a mesma origem), explicando-se e explicados pelo hypnotismo, suggestão e auto-suggestão; pelos desdobramentos e variações da personalidade, da consciencia, do *eu*, (assumpto, este ultimo, que mais tarde ventilaremos, ajudado nisto pelas soberbas obras dos Prs. Alfred Binet.

— *As alterações da personalidade.* — Paris — 1892; e Bourru et Burot. — 1888; — Fajardo. Op. cit. — 1896); pelo nosso proprio organismo, pelo nosso psychico, sem ser preciso appellar para a solução destes phemonenos, o auxilio do sobrenatural: têm uma origem natural e concebivel. «O estudo rigoroso das multiplas variações, manifestações da personalidade, seus desdobramentos, sob os nomes diferentes de *dupla personalidade*, *dupla vida*, *dupla vista*, *dupla consciência*, a distração, etc., está na ordem do dia, e «tem vantajosamente concorrido para esclarecer as obscuras cousas do domínio espirita.» Professores celebres, como: Richet, Azam, Wundt, Alfredo Binet, Taine, etc., estudando profundamente o assumpto, chegaram á esta conclusão, hoje corrente na sciencia, «que ha no medium um estado de *consciencia secundaria ou inferior*, de *sub-consciencia*, dentro do qual elle pratica todos os actos que depois, no estado de consciencia superior, de consciencia mais lucida, ou melhor, de consciencia normal, da verdadeira consciencia, (estas duas expressões pertencem-nos neste momento), não reconhece como seus, attribuindo-os a um ente especial, que apresentou-se só em espirito, trazendo as idéas ou copias escriptas de pensamentos originaes e desconhecidos do medium.» Como vio-se, tudo reduz-se a phemonenos hypnoticos, suggestivos ou auto-suggestivos. «O

espirita que é bom medium, geralmente tem tido um ou mais ataques nervosos ou outro de natureza semelhante; de modo que, com facilidade, passa ao estado de sub-consciencia, tem idéas e concebe actos que incontinentem tem principio na escripta automatica ou na emissão de palavras auto-suggeridas no momento de grande excitação dos centros cerebraes que presidem a tão retumbantes manifestações. A relação entre a consciencia propriamente ou estado primeiro e a sub-consciencia ou estado segundo não é ainda conhecida: ahi estão dois dynamismos cuja ligação é até agora de todo ignorado. Se fosse conhecido o caminho mysterioso que conduz do estado consciente ao sub-conciente, tudo estaria claro como agua de fonte e o espiritismo serviria hoje de tratamento e base de estudos psychologicos experimentaes, e não de capa de charlatanismo, curandeirismo ou a ingenuos occultistas bisonhos. » Porém os sabios têm trabalhado e trilhado essa senda; e já muita coisa tem sido revelada e descoberta: muito têm feito já, incontestavelmente. E a prova está que o maravilhoso vae cahindo por terra e desapparecendo no abysmo das superstições. Vem surgindo a aurora do comprehensivel e do logico — a verdade tal qual é e deve ser — a realidade dos factos, até então inexplicaveis, ignorados e inconcebiveis. E homem de scienzia nenhum, hoje contesta mais que, quando um medium, um nevropatha, um hysterico (pode soffrer duma outra nevrose — epilepsia — Alfred Binet, se a memoria não falha-nos) geralmente, como quizerem chamar, evoca o que elle (medium) chama o Espírito, que elle não evoca senão o seu *eu* segundo, secundario, inferior, inconsciente ou sub-conciente — o seu outro *eu*. — Bem razão tinha portanto Pelletan quando disse:

*Le monde marche.* Estes phenomenos, repetimos, vão sendo já muito bem estudados, isto é, a multiplicidade ou pluralidade da personalidade, da consciencia, da memoria (que segundo Binet não é mais do que a consciencia retrospectiva), etc. Vão recebendo uma verdadeira e racional interpretação scientifica. Os casos, as observações, as experiencias dos mestres, vão surgindo de todos os pontos do globo, os quaes são mais frequentes do que se supponha; e augmentando assim o não pequeno já cabedal existente, nesta questão. Finalmente, o que é fóra de duvida é «que pode haver num mesmo individuo, pluralidade de memorias, de consciencias, de personalidades; e cada uma destas memorias, destas consciencias, destas personalidades, não conhece senão o que se passa em seu territorio. Fóra de nossa consciencia, pode-se produzir em nós pensamentos conscientes que ignoramos; fixar a natureza, a importancia, a extensão destas consciencias nos parece impossivel por em quanto; pode ser que a consciencia seja o privilegio de certos de nossos actos psychicos; pode ser que esteja por toda parte do nosso organismo; pode ser mesmo que acompanhe todas as manifestações da vida.» Terminaremos este capitulo com as palavras, ou melhor idéas do grande Ribot, ha 15 annos, pouco mais ou menos, escriptas na sua gigantesca obra, que possuimos e lemos sempre com admiração todas as vezes que é preciso, como agora — *As molestias da personalidade;* — idéas, cuja exactidão, como muito bem diz Binet, os novos factos demonstram plenamente; e as quaes vêm muito a proposito ao nosso thema. «A unidade do eu, no sentido psychologico da palavra, é, diz elle, a cohesão, durante um tempo dado, dum certo numero de estados de conscienc-

cias claros, acompanhados doutros menos claros, e duma multidão de estados physiologicos que, sem serem acompanhados de consciencia, como seus congeneres, agem tanto quanto elles. Unidade quer dizer coordenação.»

\*

\* \* \*

Expliquemos agora com alguns exemplos em que consiste a dupla personalidade, a dupla consciencia: dilatemos mais este assumpto, pode dizer-se, hodierno. Os casos apresentados e descriptos pelos autores modernos já não são poucos; e a proporção que estes estudos vão sendo mais aprofundados, como dissemos, maior numero vae apparecendo. Apenas indicaremos os mais em voga. Nestes doentes ha dois estados que os mestres chamam estado *primeiro* e estado *segundo*. No estado primeiro, a pessoa é amavel, alegre, divertida; no estado segundo, ella odeia, mysanthropa, aborrevida. Num, a mesma pessoa ama, noutro despresa e odeia. Num estado ella não lembra-se nem sabe o que se passa no outro. Em summa, como vio-se, no estado A., ella só recorda-se do que passa-se neste estado; no estado B., só o que dá-se neste. Taes são os casos de Férida, de Azam (de Bordeaux. — *Hypnotisme, double conscience et altérations de la Personnalité*, Paris, 1887, cit. por Binet); da dama americana, de Mac-Nisch (*Philosophy of sleep* 1830. L' observation appartient, paraît-il, à Mitchell et Nott et a paru pour la première fois en 1816. Binet); de Luiz V, descripto pela primeira vez por Camuset (*Annales médico-psychologiques*, janvier 1882. Binet), e depois por M.

Ribot (*Changements de personnalité*, p. 19. Binet); M. Legrand du Saule, M. P. Richer, M. M. J. Voisin (*Archives de neurologie*, septembre 1885, p. 212: Binet); de Mlle. R. L., de Dufay (de Blois.—*Revue scientifique*, 15 Juillet 1876. Binet); de Clélia; de Myers (*Automatic writing*, Proceed. S. P. R., 1885. Binet), Emilio X, do Pr. Proust; de Adrianna; de P. Janet, etc., etc.

Aos leitores, recommendamos a leitura destes casos, nestas obras; e se não quizerem dar-se a tanto trabalho, basta lerem as obras do Prs. Binet, Bourru e Burot—*Alterações e variações da personalidade*; e bem assim o *Tratado de hypnotismo* de Fajardo. Não transcrevemos aqui, como o fez o Dr. Fajardo e alguns outros autores para as suas obras, por já termos excedido assim mesmo o limite que traçamos. E' preciso notar-se que nos doentes acima citados, mais de dois estados distíctos, de duas consciencias, tem-se observado (Binet). Tres e mais de tres, seis, falá este autor. Antes de conhecermos os trabalhos dos mestres sobre este assumpto, no coineço de nossos estudos hypnoticos, já estes phenomenos tinham-nos ferido a attenção; porém como não soubessemos expical-os, apenas aceitavamos, e cá comprehendiamos a nosso modo. Pois bem, o que pensavamos a esse respeito, é idéntico ao que vemos hoje divulgado nos livros que tratam este ponto. Fossemos nós falar naquelle tempo sobre isso, diriam—tolices; porque não eramos, nem somos conhecido no mundo científico. Como este, quantos outros factos eguaes, não temos visto registrados nestes ultimos tempos! Sobre a questão vertente, temos tres observações interessantes e typicas, dignas de figurarem ao lado das que mencionamos atraç;

mas como não temos autorisação das pessoas, calamo-nos. Apenas diremos que todas tres são hystericas: uma é a reprodução exacta do quadro pathologico de Férida. Porém temos falado tanto em consciencia; umas pessoas hystericas tendo duas, outras tres: temos tantas consciencias assim? ou melhor, a consciencia não tem limites? Mas antes digamos logo que esse estado não é imcompativel com uma longa vida; haja vista a observação de Weir— Mitchell, citada por William James— *Psychology*— I, 383 (cit. por Binet), em que a doente morreu com 65 annos. Estes phenomenos não tem-se observado só em hystericos, repetimos; e sim também encontra-se exemplos hoje bem conhecidos destas particularidades psychologicas no *sonho*, nas *intoxicações pelo alcool, ether, haschich, etc.*, nas *loucuras circulares*, na *epilepsia*. Existe mesmo nalguns epilepticos uma dupla vida psychologica apresentando os mesmos caracteres que na hysteria (*Bulletin médical*, 1889, n.º 18, cit. por Alfred Binet). « Tem-se pretendido explicar os desdobramentos da personalidade pela dualidade dos hemisferios cerebraes; porém M. Ribot refutou duma maneira definitiva esta opinião bem extravagante ». As alterações e successões de personalidade nos hystericos, não são phenomenos excepcionaes, tornamos a dizer, e algumas vezes temos visto confirmada esta verdade em nossa clinica; agora o que é excepcional, segundo Binet, é encontrar-se sujeitos typos, como Férida e como Luiz V, nos quaes o desdobramento é marcado, impresso, em tão grossos caracteres que poude ferir, tocar, espíritos não prevenidos. Talvez mesmo, continúa o Pr. Binet, se observasse-se mais attenciosamente muitos hystericos encontrar-se-hia outros que nada deixassem a desejar

aos precedentes; e a prova está nos tres casos apenas apontados por nós, mais atraz. «Em todo o caso, a successão de personalidades distinctas deve existir, em algum grau, em muitos; este phenomeno deve se tradusir, não por symptomas ruidosos, mas por amnésias e mudanças de caracter, recordando nalguma cousa os de Félida e de Luiz V, e systematisando-se, prendendo-se a certos periodos de existencia. São symptomas estes que precisa-se procurar, como dizia Lasègne falando da anesthesia». E' digna de nota a seguinte particularidade que não encontra-se em todos os doentes dessa ordem, isto é, as lembranças ou recordações do estado segundo, quando mergulha-se-os em soninabulismo hypnotico, provocado. No doente, Emilio X., de Proust., este phenomeno observa-se; no que se distingue dos outros até então conhecidos e apontados pelos autores. Numa das nossas tres doentes que apenas esboçamos mais acima, este facto observamos algumas vezes. Só temos pena, repetimos, não podel-os publicar *in extenso*.

Podiamos ainda estender-nos sobre este vasto assumpto; porém para o plano que traçamos, já basta o que fica dito; e voltemos aos limites da consciencia, assumpto já ligeiramente tocado no começo deste capitulo. Como vio-se, «admittio-se muitas vezes até aqui que a propria consciencia determina seus limites, e que ahi onde ella cessa, só ha processos physiologicos. A actividade nervosa de cada um de nós seria pois de duas especies: uma luminosa, consciente por si propria; a outra cega, desprovida de consciencia e reduzida á mudanças materiaes que se effectuariam nas cellulas e fibras que compoem os centros nervosos. Tem-se feito mesmo muitas hypotheses sobre estes

pontos, e é inutil recordar as theorias de Carpenter, de Maudsley e de Huxley sobre a cerebração inconsciente. Ha ahi motivos, parece, para rever estas theorias que não são nada menos que definitivas. Um grande numero de theorias physiologicas ou psyco-physiologicas tem-se tornado classicas insensivelmente, sem nunca ter podido dar provas sufficientes; á força de repetil-as, tem-se-lhe dado autoridade; é assim para o schema bem conhecido da actividade nervosa, que não repousa sobre dado algum histologico, e que é mesmo désmentido pelos factos histologicos recentes; será da mesma forma, presumimos, para a hypothese da cerebração inconsciente. Esta hypothese só repousa sobre o testemunho da consciencia, e este testemunho deve ser considerado como muito suspeito. Vimos que o esquecimento é muitas vezes puramente relativo, verídico sómente dumha condição mental particular, e não pôr uma condição mental differente; vimos igualmente que a inconsciencia só existe a respeito dumha certa personalidade, e cessa para uma outra synthese de phénomenos ». Eis, pois, o que diz um mestre sobre este ponto; mas em uma palavra — nada está provado a este respeito. Esta questão precisa ainda ser resolvida.

## Hypnotismo e Milagres

No capitulo anterior, sobre hypnotismo, religião, etc., de leve tocamos nos *milagres*; neste vamos estender-nos mais sobre esse ponto, porém deixando falar por nós o Dr. Félix Regnault (*Hypnotisme, Religion*, Paris, 1897, pag. 145 e seguintes). Afim de que os seus adeptos (dos milagres) não taxem-nos disto, nem daquillo, vamos copiar textualmente aquelle autor, e no proprio original. Assim diz Regnault:

« Si on parcourt l'histoire, on trouve maints exemples de guérisons miraculeuses. L'histoire ancienne nous révèle même les pratiques auxquelles on se livrait pour provoquer la suggestion curative. Un papyrus découvert dans les ruines de Thèbes par Ebers, donne des formules d'incantation: « Pose ta main sur lui pour calmer la douleur, et dis que la douleur s'en aille. »

« Dans les cas graves, on recourait à l'attouchemen-  
t avec le bâton céleste, petite baguette de bois

longue de quelques centimètres, chargée d'inscriptions magiques d'une puissance extrême, contre lesquelles les esprits les plus rebelles n'auraient su lutter.

« En Grèce, le temple d'Epidaure, desservi par les Asclépiades, fut bâti sur un lieu sanctifié par un prodige authentique. Un petit berger avait vu de ses propres yeux, dans un nimbe de lumière, le fils d'Apollon, Asclépias, allaité par une chèvre. Ayant de laisser entrer les malades dans le temple, les prêtres les soumettaient à une diète sévère de plusieurs jours, à des bains fréquents et prolongés.

« Des stèles déposées par les guéris certifiaient le miracle. M. Kavadias en a retrouvé un grand nombre.

« Chez les Israélites, le miracle affirmait la nature prophétique. De tous temps les prophètes furent guérisseurs. Il est surtout intéressant d'examiner ce rôle dans la vie de Jésus-Christ; nous y trouvons des récits circonstanciés de miracles qui montrent bien quelles conditions y présidaient.

« Ces miracles ont laissé longtemps hésitants les esprits critiques, même ceux qui admettaient la véracité des récits de la Bible. Renan, par exemple, dans sa *Vie de Jésus*, n'a pu comprendre la part de vérité qui existait dans ses récits.

« Toutefois on constate dans les détails mêmes des miracles de la Bible, la bonne foi de ceux qui l'écrivirent. En effet nous trouvons, indiqués dans les Testaments les facteurs nécessaires à la production du miracle.

« Il faut:

« 1.<sup>e</sup> — Que le miraculé ait la foi.

« Il est bien évident que les incrédules ne peuvent être l'objet d'un miracle. Ce point avait déjà été

noté dans la Bible. Dans l' Évangile selon saint Matthieu, chapitre XIII, nous lisons: « Il ne fit pas là beaucoup de miracles à cause de leur incrédulité. » Ce que les commentateurs de la Bible expliquent par ce fait qu'il ne voulut pas faire de miracles pour les punir. Mais l'Évangile selon saint Marc (chap. vi) contredit cette assertion. Car il dit qu' « il ne put faire là malades en leur imposant les mains. Et il s'étonnait de leur incrédulité. »

« Les hypnotiseurs savent bien qu'il est nécessaire que le sujet croie en eux; aussi ne négligent-ils rien pour lui persuader qu'il devra nécessairement succomber dans la lutte hypnotique. C'est ce qui explique pourquoi on ne peut endormir certaines hystériques pourtant très suggestionnables: c'est qu'elles s'en défendent.

« 2.<sup>e</sup> — Que l'opérateur ait la foi.

« Cette condition paraîtra moins indispensable que la précédent, elle est pourtant bien réelle. Si l'opérateur doute de sa puissance, il n'aura pas pour suggestionner cette certitude dans la parole, cette sincérité de l'accent, cette assurance du regard si nécessaires. C'est ce qui explique la faiblesse de certains médecins débutant dans cet art, et comment d'autres n'y parviennent jamais.

« Ce fait avait été également signalé dans les Évangiles. Jésus-Christ avait chassé le démon du corps d'un possédé, alors que ces apôtres n'y avaient pu réussir. « Pourquoi n'avons-nous pu le chasser, demandèrent-ils? — A cause de votre incrédulité, » et il leur conseilla de jeûner et de prier, ajoutant qu'avec la foi, on soulevait des montagnes (chap. xvii, saint Mathieu).

« Aujourd’hui les catholiques ne cherchent pas à expliquer la genèse des miracles. Ils croient au miracle s’il se produit une contravention aux lois de la nature.

« Telle n’était pas l’opinion de ceux qui écrivirent le Nouveau Testament.

« Pour eux les malades étaient possédés par un double, un esprit, un démon et parfois même par une légion. Jésus conversait avec ses démons et les chassait. Il pouvait les faire entrer dans les corps d’autres animaux, tel un troupeau de porcs qui fut ainsi possédé.

« Ces miracles n’étaient évidemment pas faits pour déplaire au peuple. Mais on tend trop à s’imaginer qu’il y voyait nécessairement une preuve de divinité. C’est qu’en effet il devait exister à cette époque de nombreux hypnotiseurs qui chassaient des doubles et faisaient concurrence au Christ. La Bible nous conserve la mémoire d’un d’entre eux (Évangile selon saint Marc, chap. ix): « Nous avons vu quelqu’un, dirent les apôtres à Jésus qui chassait les démons en votre nom et qui ne vous suit pas et nous l’en avons empêché. »

« Bien loin d’adorer Jésus après qu’il eut chassé les esprits impurs dans le corps des porcs, les gens du pays le prièrent de partir. Ils le prenaient en effet pour un sorcier et craignaient d’être envoûtés.

« Et comme les prêtres juifs accusaient Jésus de chasser les démons au nom de Belzébuth, Jésus répondit: « Si c’est au nom de Belzébuth que je chasse les démons, au nom de qui vous enfants les chassent-ils donc? » Il reconnaissait ainsi qui d’autres que lui avaient ce pouvoir.

« Enfin nous voyons les Juifs discuter la question de savoir s'il est permis de guérir le jour de sabbat. Ils ne voyaient donc là qu'un travail, et n'auraient pas eu cette idée s'ils l'avaient regardé comme un miracle dans le sens où nous le prenons aujourd'hui.

« Au reste Jésus témoignait d'une sincérité et d'une bonne foi absolument exceptionnelle chez un thaumaturge et qui doit le faire admirer même de nos jours, en dehors de toute idée religieuse. Comme on l'appelait auprès d'une jeune fille qu'on croyait morte: « Elle dort simplement, » dit-il, et il la réveilla, diminuant ainsi de beaucoup la portée de son miracle (chap. ix, Saint Mathieu).

« Ces récits de miracles dont les détails apparaissent aujourd'hui à la science si vrais, permettent d'affirmer à nouveau l'authenticité des Évangiles, ou tout au moins saint Mathieu, saint Marc et saint Luc, alors qu'ils sont regardés par certains comme une preuve de leur fausseté. Si ces documents étaient apocryphes nous ne retrouverions pas cette bonne foi et cette véracité, dans les détails de faits qui jusqu'à ces dernières années parissaient inexplicables. Cette constatation n'est pas oiseuse, car on sait qu'il existe une école qui nie l'authenticité des Évangiles et même l'existence de Jésus. La science nous permet aujourd'hui de faire justice des opinions passionnées de quelque côté qu'elles viennent.

« Après la mort de Jésus, les thaumaturges furent toujours nombreux. L'histoire nous a transmis le nom de quelques-uns, Apollonius de Tyane, Simon le Magicien, parmi les plus célèbres.

« Simon le Magicien ne fut pas toujours heureux.

Un jour devant Néron, il essaya de s'élever dans les airs, mais il retomba et se cassa les jambes.

« Appollonius de Tyane, qui vécut au premier siècle de l'ère chrétienne, apprit à l'école des Brahmes et eut une foule de disciples.

« Laissant croître ses cheveux, marchand pieds nus, vêtu d'une toile, il donna ses biens à son frère et aux pauvres, voyagea, prêcha et guérit.

« Il voyait à distance, ressuscita une jeune fille qui était morte et qu'on portait au cimetière. Un jour, il faisait à Athènes une conférence. Un jeune débauché se met à rire. Le conférencier regardant son auditeur, lui dit: « Ce n'est pas de toi que vient ce rire, mais du démon qui te possède à ton insu. » Sous le regard d'Appollonius, le démon, plein de crainte et de fureur, se prit à crier comme les malheureux qu'on torture, jurant qu'il voulait sortir et promettant ne plus rentrer en corps humain. Comme signe de départ, on convient qu'il reviendra une statue du portique royal. La statue est renversée; au même moment, le jenue homme semble se réveiller, se frotte les yeux, regarde le soleil, rougit de se voir l'objet de la curiosité de tant de monde.

« Les apôtriers chrétiens employaient également les miracles pour convertir. Ils les accomplissaient au nom du Christ. Les Évangiles nous content les suivants:

« Peu de temps après la mort de Jésus, à la porte du Temple, Pierre et Jean rencontrèrent un mendiant, boiteux de naissance. Pierre lui dit: « Regarde-nous, je ne possède ni or ni argent, mais ce que j'ai, je te le donne. Lève-toi, au nom de Jésus de Nazareth et marche. » Aussitôt le boiteux se leva, ses pieds s'affirmèrent et il entra avec eux dans le Temple pour louer le Seigneur.

« Par la suite, la réputatian de Pierre s'accrut. On apportait les malades dans les rues sur son passage afin que son ombre en couvrît au moins quelques-uns et les délivrât de leurs douleurs. Pierre vit un jour dans la ville de Lydde um paralytique nommé Enée qui, depuis huit ans, était au lit: « Levez-vous, lui dit-il, le Seigneur Jésus vous guérit. » Et le paralytique se leva. Tous ceux qui demeuraient à Lydde et à Saronne vivent cette guérison et se convertirent.

« Il ressuscita même une morte. Il fit sortir tout le monde de la chambre mortuaire et se mit à genoux en prières. Puis se tournant vers le corps: « Tabithe, dit-il, levez-vous. » A ces paroles, la morte se leva sur son lit.

« La multitude accourait des villes voisines à Jérusalem, amenant les possédés du démon, et tous étaient guéris.

« Les autres apôtres guérissaient aussi, surtout les boiteux et paralytiques, et chassaient les esprits impurs; car ces trois genres de guérisons sont le plus souvent notés dans les actes. Une histoire curieuse montre bien les idées de l'époque. Paul et Barnabé firent um jour marches à Lystre un homme perclus dès le sein de sa mère. Le peuple, témoin de cette guérison merveilleuse, disait: « Ce sont des Dieux sous formes humaine. » Il appelait Barnabé Jupiter, et Paul Mercure, parce que celui-là portait toujours la parole. Le grand prêtre du temple de Jupiter voulut leur offrir des couronnes et immoler des taureaux devant la porte de leur maison:

« Une fois établie, l'Eglise eut constamment recours aux miracles. Saint Martin à Tours, saint Germain à Auxerre, saint Loup à Troyes luttèrent contre l'arianisme par des miracles.

« Les rois de France guérissaient les écrouelles par attouchement. Saint Louis fut à ce titre un des plus célèbres.

« Plus tard, les saints e les personnages religieux du Moyen Age et de la Renaissance guériront comme leurs prédécesseurs des premiers temps du christianisme. La preuve de la nature hystérique de ces guérisons uous est fournie par les tableaux mêmes, qui furent peints pour en perpétuer le souvenir. Charcot, Richer, Henry Meige, ont pu, por une étude patiente, en recueillir d'innombrables exemples dans les œuvres d'art: tableaux, sculptures, tapisseries, plaques d'ivoire, etc.

« Les œuvres de maîtres tels que ie Dominiquin, André del Jarte, Rubens, etc., portent les preuves d'une escrupuleuse observation de la nature. Les contractures, les paralysies qu' offrent les miraculés sont incontestablement hystériques.

« Elles sont reproduites avec un caractère de précision tel que l'imagination ne sanrait les avoir inventées.

« Tantôt, les possédés forment arc de cercle, la tête reuversée en arrière, le cou gonflé, les yeux convulsés, la bouche ouvert, les cheveu épars. D'autres fois, les doigts sont crispés sur la paume, comprimés par le pouce qui passe au-dessus d'eux, l'avant-bras demi-fléchi et tordu dans la pronation forcée, absolument comme dans l'attaque hystérique ».

\*  
\* \*

« MIRACLES CONTEMPORAINS. — KALI GHAT. —  
NOTRE-DAME DE LOURDES. — De nos jours, le désir de croire, d'implorer un secours persiste aussi grand. De toutes parts se dressent les églises, lieux de pèlerinage. Elles occupent les sites les plus en vue, et le clocher du sanctuaire se détaché au loin dans le ciel. Des grottes qui abritèrent les saints, des fontaines miraculeuses, d'antiques arbres, sont encoré objet d'adoration. Ici on vénère une vierge noire, là un saint local, plus loin la mère de Dieu est apparue à quelques innocents.

« Les miracles se multiplient, les ex-voto abondent. Ce n'est dans l'église que béquilles, cœurs, plaques commémoratives, peintures naïves. La multitude empressée ne chôme pas; et par intervalles, aux grandes commémorations, les wagons déversent par milliers le bétail humain, venu des quatre coins du monde.

« La vérité d'autrefois est encore celle d'aujourd'hui. Ces miracles historiques, qui font sourire le sceptique, s'accomplissent tous les jours sur toute la surface du globe. Aucune religion n'en a le monopole. L'Australien fruste, l'Indou fervent en voient tout comme le Chrétien.

« Il serait impossible de dénombrer les milliers de lieux de pèlerinage. Proposons-nous simplement d'en étudier deux dont l'opposition m'a vivement frappé: l'un aux Indes, aux portes de Calcutta, Kali-Ghat; l'autre, chez nous, em pleine France, Notre-Dame de Lourdes.

« Aux portes de Calcutta, se trouve le temple de la déesse Kali, forme de Dourgha, symbolisant la destruction. Le dimanche, la foule des pèlerins s'y porte et c'est ce jour que nous avons choisi.

« Du grand chemin, une étroite rue y conduit, bondée de marchands d'images saints, de chapelets, de statuettes religieuses. Puis des vendeurs de fleurs jaunes sacrées, en chapelet, et de lotus blancs et roses. Et le profane n'est pas oublié: de temps en temps, des marchands de tranches de pastèques et de concombres, de bonbons au miel, dévorés de guêpes.

« Enfin, ça et là, une boutique est transformée en temple. On y adore ou la statue de Ganesa le Dieu de la sagesse, à trompe d'éléphant, entouré d'impurs lingams, ou le lingam seul, isolé, gingantesque. A côté, est le plateau pour l'offrande mounayée.

« La foule se presse, étrange, bariolée, hommes, femmes, enfants, le chef de famille à la tête avec le bâton de pèlerin. Les autres, tenant le pan de son habit, suivent comme dans la Bible. Le riche babou aux vêtements européens, et le pauvre couvert d'une loque, se coudoient, animés de la même ferveur. Et, en masses pressées, sur les bas-côtés de la route, aveugles, podagres, impotents et lépreux, accroupis devant de petits tas de riz et quelques menues pièces de monnaie, implorent l'aumône d'une voix aigre. Des sentiments semblables amènent des démonstrations identiques, et je me rappelai tout à coup le pèlerinage de Parau-le-Moïdal, pour le centenaire de Marie Alacocque. C'étaient mêmes cris, même affluence, mêmes mendians.

« Mais bientôt le spectacle allait devenir absolument original. En approchant du temple, se voient d'a-

bord les demeures des bayadères, qui, souriantes mais correctes, regardent la foule sur le pas de la porte. Puis une fontaine sacrée, couverte d'un petit dôme à piliers. Les fidèles en font le tour, baisingent les piliers, trempent les doigts dans l'eau pour les porter au front, en murmurant les paroles sacrées, baisingent encore le bœuf en pierre accroupi devant la porte et prient dévotement mains jointes, tête basse.

« Voici enfin un arbre sacré. Ses branches sont chargées de cailloux, suspendus par des ficelles, et, à ses pieds, gît un lingam vénéré et antique, simple pierre brute de granit rouge.

« Mais à côté que regarde cette foule silencieuse et pressée? C'est un fakir, long et maigre, nu, sauf l'indispensable chiffon, les cheveux teints en rouge, la peau grise, barbouillée de cendre. Il se tient raide, fixe, immobile et regarde le soleil dont les chauds rayons viennent lui brûler les yeux. Il le défie, sans clignement aucun, hypnotisé, la langue tirée au dehors et mordue par les mâchoires crispées: une écume sanguinolente sort de sa bouche.

« Enfin nous sommes au temple. La foule se rue, mais le profane n'entre pas. Il entend le bruit de la cloche et le murmure continu des prières, mais ne peut voir dans le sanctuaire de Kali, la terrible adorée.

« En vain m'adressé-je à un serviteur du temple; il me place en un endroit permis, d'où, paraît-il, on peut distinguer d'ordinaire; aujourd'hui la foule compacte s'y oppose.

« Derrière le temple, se font les sacrifices. Sur une largue place dallée, rougie de sang, s'élèvent deux guillotines primitives, en bois, rougi lui aussi.

« Deux montants, un appui pour le cou, et, pour

maintenir l'animal, une tige de bois fixée à deux trous des montants, cela suffit. Couronnés de fleurs, les chevreaux noirs attendent. Il attend aussi le sacrificateur armé du couteau des sacrifices, lame large et concave. Un fidèle achète un chevreau. Le cou à la guillotine, l'animal pousse comme un cri d'enfant; mais le couteau tombe et lui tranche la tête.

« Le sang jaillit et la foule tend la main pour le recevoir encore tout chaud et s'en baptiser le front. De grands chiens jaunes, à demi sauvages, mais respectés, viennent liper le sang et manger les débris de peau et de tripes que leur disputent les milans dont les coups d'ailes vous rasent la figure.

« Et les chevreaux détronqués se tordent, tandis que les têtes alignées, agitant encore un peu les oreilles, vous regardent de leurs grands yeux résignés. Sur la cornée de l'une, tombée là depuis trois ou quatre minutes, une mouche vint se poser; l'animal cligna la paupière, la vie ne s'était pas encore retirée.

« Notre-Dame de Lourdes présente une supériorité marquée sur tous les pèlerinages analogues actuels. Elle le doit à ce que tout est préparé en vue de la suggestion. Tout d'abord les mediants et les infirmes sont soigneusement écartés de la grotte. Tandis qu'à Paray-le-Monial par exemple on est entouré de paralytiques et de gibbeux et que les pèlerinages des Indes sont de vrais musées pathologiques où lépreux, éléphantiasiques, microcéphales et déformés de toutes sortes semblent s'être donnés rendez-vous, ici, aucun souffreteux. Cette pensée involontaire ne viendra pas aux malades: si la vertu du pèlerinage est souveraine, pourquoi tous ces malheureux n'en profitent-ils pas ?

« Les mesures d'ordre sont aussi admirablement

entendues. Les pèlerinages se font par provinces. Des bandes de plusieurs centaines de personnes arrivent sous la direction de leurs curés. Elles chantent des cantiques dans leur patois, qui est évidemment bien plus suggestif pour eux que la langue nationale.

« Les malades sont conduits par des infirmiers volontaires, qui, pour une partie au moins, sont recrutés parmi les miraculés. On voit la puissance suggestive de ces infirmiers convaincus qui réconforment le patient avec l'histoire de leur guérison.

« L'action hypnotique elle-même se produit de deux façons différentes. D'abord au-devant de la grotte: les malades, traînés par des infirmiers dans leurs petites voitures, y séjournent en prières plusieurs heures, parfois toute la journée. La grotte est brillamment illuminée, la statue de la Vierge se détache sur cette lumière, un curé joue de l'orgue, et la multitude, quelquefois au nombre de plusieurs mille, chante des cantiques. Quel médecin hypnotiseur peut déployer une pareille mise en scène? Aussi les extatiques ne sont pas rares. On voit des figures figées dans la prière, le regard vague, absolument comme ces fakirs de l'Inde qui, nus et immobiles, fixent le soleil des heures entières.

« Dans le cas où la grotte ne réussit pas, on peut boire de l'eau sacrée, mais il reste comme dernière ressource les bains froids.

« Ils sont à la température de 6°, dans un petit espace qui contient seulement trois cuves. L'eau sert successivement à plusieurs malades et n'est renouvelée que lorsqu'elle est sale. La conviction et l'ardeur à la prière sont peut-être plus grands ici qu'à la grotte.

« Enfin une des pratiques les plus habiles est as-

surément celle des certificats de guérison constatés par un docteur en médecine.

« Celui-ci ne voit le client que la guérison établie et il s'assure si elle n'est pas fictive. Mais d'ordinaire les certificats délivrés par des médecins de province, autorisés par l'administration de Lourdes, indiquent l'état du malade avant son transfert au lieu saint. Parfois ce sont même des certificats d'infirmité délivrés, un peu à la légère peut-être, par des médecins qui ne croyaient pas du tout en agissant ainsi favoriser le pèlerinage. Ainsi on a diagnostiqué des sténoses de l'oesophage qui n'étaient fort probablement que des spasmes hystériques.

« De la sorte, les malades sont armés contre les objections des incrédules; la discussion devient impossible. On cite l'opinion de médecins qui, parfois, sont des autorités dans l'art médical. La conviction des patients n'est plus ébranlable.

« D'ailleurs le sanctuaire ne guérit pas les seules manifestations hystrémiques. La suggestion agit sur un plus grand nombre de maladies, comme nous avons pu nous en rendre compte.

« Nous avons trouvé: 1.<sup>o</sup> les hystériques. C'est le plus grand nombre, m'a avoué le médecin de Lourdes. Il s'agit de paraplégie, de mutité, tremblements, et tous les maux qui peuvent frapper cette catégorie de malades. J'ai vu une demoiselle morphinomane qui était en train de guérir, et diminuait chaque jour sa ration de morphine.

« 2.<sup>o</sup> Une seconde catégorie nous sera fournie par des pseudo-guéris qui de bonne foi croient avoir été l'objet d'un miracle.

« On peut même voir des phthisiques, des asthmatiques,

tiques qui se prétendent guéris alors qu'il n'en est rien. On ne prend pas assez de précautions. Ainsi on m'a présenté comme miraculé un malade dont voici l'histoire.

« Il s'agit d'un pauvre diable, maigre, efflanqué, mais distingué, de bonne famille et qui sert maintenant d'infirmier volontaire. Il a eu en 1880, un mal de Pott avec abcès multiples et paraplégie consécutive. Tous ces accidents se sont lentement développés avec des alternatives d'exacerbation et de rémission. Il a fait de 1880 à 1890, de nombreuses saison à Notre-Dame de Lourdes, les premières furent infructueuses au point qu'il en vint à douter de leur efficacité. « Je fus puni de cette mauvaise pensée, ajoutet-il naïvement par une exacerbation de mon état. Mais la foi revint, je fis d'autres pèlerinages et l'amélioration succéda au point que maintenant je puis marcher et aider les autres. » Le tout dit sur une voix lente, monotone, avec des redites et des digressions nombreuses, mais d'une bonne foi incontestable.

« Ce malade est-il guéri ? Il suffit de voir sa déformation vertébrale, sa tête rentrée dans ses épaules, mais surtout ce corps efflanqué sur lequel dansent ses vêtements et son facies de phthisique, pour affirmer le contraire. Comme miracle, il ne s'agit là simplement que d'un mal de Pott amélioré suivant les procédés ordinaires de dame Nature; nous ne retrouvons pas cette rapidité et cet absolu dans la guérison qui font crier les croyants au miracle.

« 3.<sup>e</sup> Enfin, on peut observer des améliorations réelles chez des malades organiques.

« On m'a montré un jeune curé phthisique qui

depuis trois mois ne pouvait plus dire la messe, et était au plus bas, anorexique et cachectique.

« Après trois bains froids pris à la piscine, il vit la fièvre disparaître, l'appétit revenir formidable, les forces renaître.

« Il se remit à marcher et à dire la messe.

« Les râles qui étaient généralisés dans l'étendue des poumons sont actuellement localisés au sommet. S'agit-il d'une poussée congestive guérie par le changement d'air ou le bain froid ? La croyance à la guérison a-t-elle produit cette amélioration ? Peut-être les deux causes se sont-elles réunies en l'espèce ?

« Notre-Dame de Lourdes peut donc donner des succès thérapeutiques au médecin qui l'ordonne.

« Mais il ne faut pas croire que le nombre des malades guéris soit bien fort. On nous a déclaré une moyenne de 20 à 30 p. 1.000. Sans toutefois attacher une véracité absolue à l'exactitude de ces chiffres, on voit qu'il n'y a là rien de bien extraordinaire. »

\*

\* \* \*

« AS PROPHECIAS PODEM REALISAR-SE PELA SUGGESTÃO.—(O thema que encima estas linhas também é assumpto da ordem do dia, e assim é ventilado pelo Dr. Félix Regnault (ob. cit., pag. 126 e seguintes):

« O homem tem sede de crenças, a afirmação satisfaz sua credulidade. Em todos os tempos acreditavam em predições e pensavam que o futuro era um livro aberto onde alguns privilegiados podiam lêr.

« Na antiguidade, as prophecias eram uma mola religiosa, adquiridas pelos padres e sacerdotizas. Os fieis iam aos templos para ahi sonharem ou ficar em extase, e os advinhos respondiam oralmente ou por escripto, em prosa ou em verso. As vezes as repostas eram obscuras, os padres se encarregavam de as interpretar assim como os sonhos. Não prophetisavam somente nos templos, mas tambem nas florestas, grutas e antros. As sibyllas erravam como os derviches actuaes. Recolhia-se ás suas divagações, provindo dahi os obscuros livros sibyllinos. Os padres liam nas entranhas das victimas, estudavam o vôo dos passaros. Em Delphos, os vapores subterraneos punham a Pythia em delirio.

« Os deuses revelavam o futuro áquelles que lhes pediam, ou mesmo expontaneamente nos sonhos que não se tinha pedido. Assim a historia abunda em prophecias realisadas.

« Heitor, diz-nos Homero, comunicou a Achiles a sua morte proxima, perto das portas Scéas.

« Em vão Cresus afastara as armas de ferro de seu filho Atys. Morreu como lhe tinha predicto o oráculo; na caça, um companheiro-desastrado ferio-o com um dardo.

« Segundo a predicção do divino Demophon, Alexandre foi ferido numa batalha contra Porus. Calanús, trepando na fogueira, predisse-lhe que o veria breve. Poucos dias depois, o rei morria em Babylonia.

« O historiador José conhecia o futuro. Durante a guerra judaica, predisse exactamente a queda de Jotapat após quarenta e sete dias de cerco e seu captivoирo. Escapou, com effeito, ao punhal de seus concidadãos, que, refugiados em um poço, queriam todos

matar-se. Pouco depois, fez conhecer a Vespasiano a sua futura elevação ao throno.

« Tiberio, Galba, Dioclecio, tiveram o imperio que os adivinhos lhe tinham promettido. \*

« Um certo Ascletario avisou Dioclecio de sua morte proxima. « E como morrerás tu? pergunta o imperador. » — « Eu serei devorado pelos cães. » Por ordem de Dioclecio, mataram-o e dispozeram-se a queimá-lo. Uma tempestade, porém, subrevém e afugenta os executores, e os cães vêm devorar o cadáver.

« Brutus, que combatia pela liberdade, viu appaecer em sonhos uma figura estranha. « Morrerás nos campos de Philippe, disse ella »; depois desapareceu. Elle viu-a antes da batalha em que pereceu.

« Calpurnia, esposa de Cesar, viu-o em sonho, coberto de golpes, na vespera da sua morte.

« E este cavalheiro romano que em sonhos viu-se

---

\* Dioclecio, ocupando apenas um posto inferior no exercito romano, e encontrando em Tongus, numa estalagem má, teve uma discussão com uma sacerdotisa, sobre os viveres que ella lhe fornecera: « Sois muito aarento, dizia-lhe ella. — Pois bem! Serei generoso quando fôr imperador — Não estejaes gracejando, replicou logo; sereis imperador quando tiveres matado «aper», isto é, o javali.

Dioclecio, desde esse momento, concebeu a esperança de alcançar o imperio, mas dissimulou e fingiu rir das palavras de sua hospede. Entretanto, julgando que tratava-se de um javali, entregrava-se a caça destes animaes e tinha o cuidado de matal-os com sua propria mão. Vendo Aurelio. Probus, Tacito, Carus, sucederem-se alternadamente no throno, dizia: « Eu mato sempre os javalis, porém é um outro que os come. »

Emfim o imperador Numezio foi assassinado por Arrio Aper, cuja filha fôra desposada por Dioclecio. Dioclecio estava presente. Apenas o crime foi conhecido, que a multidão correu, perguntando quem era o assassino. « Ei-l-o, disse Dioclecio, matando Aper com sua propria espátla. » Depois exclamava: « Matei, enfim, este fatal javali! » Com effeito, sucedeu a Numesio.

matar por um gladiador: um golpe infeliz prostrou-o no dia seguinte no circo.

« Os oraculos gostavam de divertir-se, ás vezes, fazendo jogo de palavras equivocas para enganar os humanos.

« Cresus atacou Cyro, confiando no oraculo de Delphos que lhe predissera que elle destruiria um grande imperio: era o delle.

« Hamilcar, assediando Syracusa, foi avisado em sonhos, de que ceiaria nesta cidade. Ceiou como prisioneiro.

« O christianismo não pôde abolir a crença das predições; sómente dirigiram-se aos monges.

« O solitario João, no Egypto, no fim do IV seculo, predisse a victoria de Theodosio contra Eugenio.

« E' curiosa, esta historia de Isaac o Anjo, imperador de Bysance. Mandou que o adivinho chamado Basilacio lhe predisses o futuro. Este, fingindo-se louco, esforçou-se para deitar a baixo o chapéo do imperador, furando, finalmente, os olhos do retrato deste. Pouco depois Isaac foi destronado e teve os olhos furados.

« Já perto dos nossos dias, Cardiére, amigo de Miguel Angelo, foi avisado, em sonhos, por Lourenço de Medicis, de que seu filho, Pedro de Medicis, seria expulso de seus Estados, para nunca mais ahi entrar. Este sonho realisou-se.

« Em 1774, Bernardino Renzi, anunciou a morte de Clemente XIV para o mez de Setembro, e no dia marcado, avisou a comunidadê.

« Napoleão lembrou em Santa Helena que Lassale, na vespera de Wagram, e Cervoni em Eckmühl, predisseram as suas proprias mortes.

«Estas predicções podem ter uma parte de verdade, sem que, por isso, o homem conheça o futuro.

«Pensar que um acontecimento vai realizar-se, é ficar desarmado diante delle. Não se tem mais coragem de lutar e ajuda-se, por si mesmo, a realização de uma lugubre prophecia.

«Assim o temor da morte esperada anniquila a vontade. Uma cartomante tinha predito a uma nevropatha que um cavalo branco a esmagaria. Um dia, a desgraçada viu um cavalo branco atirar-se sobre ella, em grande galope; ficou immovel, paralysada pelo medo, e foi esmagada pelo animal.

«Outros, predizem a morte para tal época, e o medo mata-os na data fixa.

«Quando os feiticeiros negros atiram um malefício contra um de seus inimigos, este julga-se realmente perdido, empallidece, emmagrece, absorto em pensamentos negros; definha-se e acaba por morrer.

«Apesar de parecerem assombrosos estes factos, não seria difícil achar analogos na historia e até entre nós. E' o quebranto da idade média, ainda praticado nesta época.

«Os medicos, certamente, não suggestionam a morte aos seus doentes impressionaveis. Um medico, porém, que se mostre sem coragem, terá sempre uma influencia desgraçada. Que bem estar, pelo contrario, nos traz um rosto alegre e confiante!

«Em certos casos, a hysterica se auto-suggestiona um acto, uma molestia que se produz com grande admiração do público. Ella annuncia que vai cahir em convulsões e lethargia. O acontecimento realisa-se e todos julgam ser um milagre.

«Um doutor Bertrand, partidario acerrimo do

maravilhoso, tinha assim inscripto em seu jornal, mais de oitenta predicções iguaes de hystericas.

« Melhor ainda, eu conheci uma hysterica que, desde que o acontecimento se realisava, imaginava que a somnambula lho prophetisara. A convicção produzia-se posteriormente. Os tolos a quem ella confiava-se acreditavam, portanto, nella.

« Para os espiritos credulos, iguaes factos constituem provas absolutas. Antigos clientes dos oraculos dirigem-se hoje aos somnambulos, cartomantes, fabricantes de horra de café.

« A victima teve assim entre as mãos uma arma tremenda se o seu algoz tivesse fé! Ella convidava-o para o tribunal superior numa data fixa e a predicção realisava-se. A historia relata varios factos deste género.

« Hananias, propheta inimigo de Jeremias, conduzia o povo a um mau caminho. Jeremias predisse-lhe, em nome do Senhor, que morreria naquelle anno, o que aconteceu.

« Em 1314, o grande mestre dos Templarios, Jacques Molay, e um outro dignatario da mesma ordem, foram queimados sem julgamento, por ordem do rei. Correu o boato de que elles intimaram ao Papa o seu comparecimento perante Deus, dentro de quatro mezes, e Philippe, o Bello, dentro de um anno; a prophecia realisou-se.

« Em 18 de Agosto de 1634, Urbano Grandier, de cima da fogueira, intimou ao seu accusador, o padre Lactance, o seu comparecimento perante Deus, dentro de um mez. Alguns dias depois, Lactance cahio do carro duas vezes seguidas, sobreveio o delirio, e o mez decorrido, dia a dia, expirou em convulsões.

Se realisa-se o chamado de um inocente contra um algoz, pode succeder o mesmo com a maldição paterna contra um filho ingrato.

«O facto seguinte, citado nos *Annaes de Psychologia*, é frisante. Um feiticeiro, amaldiçoando seu filho, provoca nelle uma contracção de braço, que affirma ser elle o unico a poder cural-o. Todas as suggesões medicas foram impotentes. O medico apresentou-se ao doente como seu proprio pae e foi-lhe facil acabar com a contracção, anunciando que retiraria sua maldição.

«E esta fonte milagrosa no districto de Briey. A mulher adultera que ahi mergulhava o braço via-o paralysar-se. Assim os maridos desconfiados ahi conduziam as suas esposas.

«As vezes a prophecia não é necessaria. O culpado cheio de remorsos é perseguido por visões que reclamam vingança, e acaba morrendo furioso.

«O medico Maunory \* tinha procurado com a mais terrivel barbaridade as placas de anesthesia no corpo de seu inimigo, Urbano Grandier. Depois da morte do desgraçado, «uma noite, pelas dez horas, voltando de um dos pontos da cidade, onde fôra visitar um doente, e indo de companhia com um outro

---

\* Maunory e o padre Lactance não foram as unicas victimas nas possesões de Loudun. O padre Surin, um dos exorcistas, depois de ter procurado expulsar os demonios, sofreu, elle proprio, os ataques e morreu doido. O padre Tranquille, um outro exorcista, foi tambem atacado de delírio de demonopathia. O padre Lucas, assistindo-o, apanhou a molestia. Eufim, o tenente civil Chauvet, que mostrou-se incredulo, ficou tão aterrorizado com uma accusação de magica lançada contra elle por uma das possessas «que depois nunca mais o viram em seu perfeito juizo».

homem e seu praticante, exclamou de repente, como em sobresalto: « Ah! eis ahi Grandier! que me queres? » E começou a tremer freneticamente. Conduziram-no, cheio de medo, e morreu poucos dias depois, pensando ver sempre Grandier, procurando afastal-o, proferindo sempre discursos horríveis.

« O mesmo se deu com o rei Carlos IX que revio, nos ultimos dias da sua vida, o massacre do dia de S. Bartholomeu. « Me parece a todo momento, tanto acordado como dormindo, que estes corpos massacrados se apresentam a mim, as faces horrorosas e cobertas de sangue; eu quereria que não se tivesse comprehendido no massacre os irresponsaveis e os inocentes ».

« De Beaufort, assassino do duque de Gloucester, viu sua victima antes de morrer: « Vae-te, vae-te! lhe gritava elle, porque me olhas tu assim? »

« O rei Theodorico tinha ordenado a morte do virtuoso Symmaco. Assaltado pelos remorsos, elle tomou a cabeça de um peixe desconhecido que estava á sua mesa, pela de Symmaco. Tal foi a sua melancolia que só terminou com a sua vida.

« No Dahomey, o terror de Deus provoca convulsões reveladoras no hysterico culpado. As mulheres, em uma sarabanda desenfreiada, giram em circulo, em torno do fetiche, cone de terra argiliosa sobre o qual acha-se uma figura humana grosseiramente marcada. O sangue de uma gallinha a tem consagrado. Os gritos, a fadiga, o circulo perpetuo fasem cahir algumas em convulsões. São as culpadas. Paes ou maridos as levam ao templo, onde elles ficam tres mezes sob a guarda dos sacerdotes.

« Assim tambem, na Europa, ha dous seculos, as

possessas que as orações não conseguiam curar, eram encerrados em logares santos.

« Levemos mais longe as nossas investigações. O duello judiciario existio e existe ainda entre um grande numero de povos. Accusado e accusador combatem, appellando para o julgamento de Deus. Entre dous adversarios crentes, o culpado será vencido pelo inocente. Este julgamento está muito espalhado entre os povos primitivos: na Australia, onde os campeões combatem armados de espadas, de páos e escudos de cortiça; nas ilhas Kourilas, onde elles armam-se de maças. Entre os Esquimáos elle regula todas as questões. Entre os Tlenkits (Pelles-Vermelhas), as contestações entre adversarios acabam por um combate judiciario entre campeões escolhidos que recordam os Horacios e os Curiacios. O duello judiciario persistio nas sociedades mais evoluídas; estava em vigor na idade média. O processo adoptado mostra bem que se tratava de provocar a perturbação do culpado.

« Tambem na Bohemia, no xiv seculo, antes de combater os dous adversarios prestavam juramento; se um delles enganava-se recitando a formula legal, perdia o processo.

« Na Polonia, o defensor vencia a questão, se no dia fixo, elle se apresentasse com testemunhas aceitas pela parte adversa, e se todos elles prestassem juramento sobre o crucifixo. Mas o querellador podia recusar as testemunhas e exigir o combate.

« O duello judiciario era tido em grande estima. Sem elle, affirmava o redactor dos jurys de Jerusalem, os herdeiros legitimos seriam espoliados pelo auxilio de falsas testemunhas.

« Em nosso seculo ainda, a Georgia conservava o duello judiciario.

« Certas provas judiciais, como a absorção de veneno entre os gregos, podem ser assim explicadas. O veneno é vomitado pelo innocent, a convicção que tem este, de que isto se dará, deve ajudal-o muito. O terror, ao contrario, paralysará o criminoso.

« Se certas provas se explicam, todavia, convém confessar, não é explicavel o seu emprego. Notavelmente a prova do ferro em brasa, da agua quente, do oleo fervendo, etc. Ainda que a reacção seja menos viva e a dôr nulla no membro anesthesiado, assim mesmo não está elle á prova do calor.»



## Hypnotismo e Criminalidade

Estudemós o bello, mas intrincado capitulo — *Hypnotismo e Criminalidade*. — Assumpto da ordem do dia, porém vastissimo; e que para tratá-lo, será preciso fazer entrar em scena as luses dos grandes medicos legistas e dos grandes juristas ou criminalistas adiantados (Lombroso, Laschi, Ferri, Tarde, Garofalo, Benedikt, Brouardel, Bournet, Coutagne, Ladame, Sémal, Liégeois, Laurent, Joly, Bertillon, Guillot, Drill, Lacassagne, Bernheim, Paul Garnier, Corre; Morselli, Dubuisson, Ribot, Gilles de la Tourette, Beaunis, Delbœf, etc), que nestes ultimos tempos têm-se ocupado e estudado a fundo, esta questão, que tão graves e desastrosas consequencias pode trazer, e tem trazido já ao seio da sociedade. Neste ponto dividem-se as opiniões. Uns autores querem que o hypnotizado só execute as suggestões que são do seu gosto, ou de acordo com a sua educação e moral; outros, qualquer que seja-lhe dada, embora oferecendo no começo, alguns, em quanto não estão educados á hypnose, uma certa resistencia,

ás que são contrarias ao seu caracter. Aventa-se aqui a mesma questão que a de saber-se, se contra a vontade da pessoa, por surpresa, esta pode ser hypnotisada. Contra esta ultima maneira de vêr, protesta Cullère (*Magnétisme et Hypnotisme*), com o que não concordamos, depois da descoberta das zonas hypnogenas, por Pitres, de Bordeaux (*Des zones hystéro-gènes et hypnogènes*). — Dr. Gaube, *Recherches sur les zones hystéro-gènes*), nem tem sido isto sempre o que temos observado na nossa pratica, já não pequena, sobre o caso vertente. E' assim que diz elle: « Ha um seculo que sabe-se operar o somnambulismo e inumeros individuos, diferentes pelo caracter, inclinação e moralidade são acostumados á sua pratica; e, no entretanto, procura-se hodiernamente encontrar o perigo nas experiencias de gabinete. Atiremos para longe e resolutamente, em nome do simples bom senso, a hypothese de que poder-se-ia, contra a vontade, inconscientemente, por surpresa, ser hypnotizado, hypothese elegante, esplendida para discussões academicas; medida, porém, palmo a palmo, pelo commun dos espiritos, teria como efecto enganal-os, fazendo-lhes admittir a possibilidade de phenomenos de que sómente têm cogitado paginas eminentemente phantasticas. Não acreditamos, porque se ha descoberto e estudado novos factos biologicos, que a vida transformar-se-á num conto de Hoffmann ou de Edgar Pöe, em que hypnotizadores e hypnotizados valsarão diadamente como em um conto de fadas. Sim; devemos affirmar-o: o crime hypnotico é possivel; accrescentando, porém, que os progressos da sciencia ainda não crearam um criminoso e o hypnotismo não augmentará o numero dos faccinoras, etc». Não obstante o

valioso nome deste eminente medico legista, pedimos venia para refutar sua sem razão maneira de pensar. Os factos nos tem demonstrado o contrario. E não sómente a nós, como tambem a muitos outros experimentadores, (Pitres, Gilles de la Tourette, Ladame, Liégeois, etc.), tão ou mais distintos que este medico, assim como veremos mais adiante. Quantas e quantas vezes, não temos hypnotizado, contra a vontade, por surpresa, comprimindo as zonas cutaneas hypnogenicas, muitas pessoas sensiveis ao hypnotismo?! Não consignamos aqui estes factos, que temos todos registrados em nossas notas; porque então não sabemos, onde iríamos parar com este escripto; porém, relatarmos mais tarde alguns dos autores acima citados, por inspirar maior fé e credito. De duas uma: ou Cullère nunca fez estudos a esse respeito, e então é elle quem escreve *paginas phantasistas*; ou então não admite, porque é teimoso, systematico, pessimista, ou sómente por ter ouvido outros disserem, sem ter para affirmar o facto, os estudos precisos e necessarios. Não ha duvida que umas pessoas resistem mais que outras (também uns sujeitos são mais nervosos que outros: é coisa velha e banal); e nem todas apresentam essas placas; mas acabam por fim, com a continuaçao, ou melhor, com a educação á hýpnoze, os mais resistentes, cedendo, hypnotisando-se.

E' uma questão mais de educação, repetimos. E' o mesmo que dá-se com a suggestão criminosa. Basta para isso diser-se que a pessoa torna-se passiva, (não tão absolutamente, como disia-se antigamente; pois hoje não pensa-se mais assim: porque a experienca tem demonstrado que, no hypnotizado «ha sempre duas forças em conflicto — a suggestão e a personalidade» —

— e que todo individuo não pode ser transformado em machina, oppondo-se a isso ás vezes tenazmente uma resistencia organica, consciente ou inconsciente »), e como tal deve faser tudo, ou quasi tudo, pelo menos, que se lhe ordenar, por vontade ou não, aqui neste caso. Todas as experiencias feitas pelos mestres, que assim pensam, como nós, neste sentido, temos repetido e com igual exito. O individuo torna-se um verdadeiro automato, completo, ou quasi completo; já não é totalmente senhor de si; portanto como não executar as ordens que der-se-lhe? Um relogio, um machinismo qualquer, só não anda depois de ter-se-lhe dado corda, se está quebrado.

E' o caso do hypnotizado no terceiro estado de Charcot — em somnambulismo provocado — embora, como dissemos atraç, nos de lethargia e catalepsia também possam, em muito menor escala, é verdade, receber suggestões e executal-as. Se isto é exacto como os factos demonstram todos os dias, como não aceitar que uma pessoa mergulhada nesses estados, principalmente no primeiro, não possa faser quasi o papel de joguete, de chave do machinismo, que chama-se o suggestionista? Só sentimos é a imprensa custar caro no nosso paiz, e ainda termos necessidade de trabalhar para viver! Do contrario havíamos de expor as observações deste genero que registramos ha quasi nove annos de pratica sobre o caso em questão. Essa opinião não parece ser dum pratico, dum experimentalista da estatura mental de Cullère; antes sim, uma theoria aventurada a esmo, palavras soltas ao vento, dum theorico. Bem sabemos que este mestre tem adeptos; mas duma *suggestion* ningum está isento neste mundo. Não ha tantos christãos, judeos, etc? O que são

elles scientificamente falando hoje, senão suggestados?! E' verdade que podiam objectar-nos que ha autores que disem que todos não somos hypnotisaveis, nem suggestáveis; e que nem todos os tres estados de Charcot podem ser corridos em escala por todos os hypnotisados. Ao que responderíamos — á primeira — que todos nós dormindo naturalmente, é provavel também que possamos dormir artificialmente (*hypnotismo*), assim como dorme-se desta ultima forma, pelo chloroformio, ether, morphina, etc; quando descobrir-se um meio, um apparelho, para isso. Á segunda, que não é só o estado de somnambulismo (estado poly — ou monoïdeico) o unico proprio para receber a suggestão: o de catalepsia (estado monoïdeico) e lethargia (estado oïdeico) também o são, embora; como já deixamos dito, em muito menor escala. E depois além da suggestão hypnotica, temos ainda a suggestão em estado de vigilia, acordado, no qual o individuo pode ser influenciado, e é-o, na opinião de muitos mestres. Uma pessoa impressionavel, ou sã, relativamente (todos nós temos nervos mais ou menos abalados) pode ser hypnotizada e suggestada, acordada. Convence-se, persuade-se, intimida-se (crianças); a pessoa cahe neste estado (*hypnose*), e obedece as nossas ordens (suggestão). *Convicção, persuacão, intimidação e suggestão* são synonimos aqui. Quanta vezes não temos feito experiencias destas! Nalgumas pessoas, e mesmo nalgumas criancas, ás vezes precisa-se dum pouco de paciencia, quando estas são mais resistentes, menos nevropathas. Mas noutras (*hystericas*), o resultado é rapido. Esta questão de refratariedade ao hypnotismo e á suggestão, não acreditamos muito. E me parece que se esta duvida ainda existe, os motivos são:—

falta de paciencia do operador, e fallibilidade de todos os meios e processos até hoje em voga e postos em practica. — A nossa practica tem-nos demonstrado que não são só as pessoas nervosas, as *unicas* a hypnotisarem-se e suggestarem-se e *mais facilmente*, no que estamos de acordo com as idéas da escola de Nancy. Este ponto é um dos que mais temo-nos aprofundado; e discordamos completamente da escola de Salpêtriére. Quantas pessoas seiu tárá algumas nervosa, não temos hypnotizado e suggestado, algumas até muito mais promptamente! Temos uma relação bem grande destas ultimas annotadas. Todas eram possantes, fortes, sanguineas, nas quaes os tataravós (noticias colhidas dalgumas), bisavós (outras) avós (item) paternos e maternos, e paes, nunca apresentaram, nem tiveram molestia alguma nervosa. Essas pessoas não tinham soffrido de molestia alguma outra, nem os seus antepassados, capaz de enfraquecer-lhes o organismo, e *portanto de poder prevalecer a opinião de Charcot*, e predispor-lhes ao hypnotismo e suggestão. Este estudo comparativo, afiançamos, fizeno-lo com todo o criterio; e não estamos agora avançando proposição a esmo, nem é digno de homem de sciencia algum, e muito menos do nosso caracter. Uma vez estavamos sendo já embalado pela doce idéa de immunidade dum senhor que tinha muita vontade de ser hypnotizado, para curar-se duma insomnia tenaz qué o perseguia havia um mez, á hypnose, depois de ter-lhe tentado 30 sessões, na 31, quando menos esperavamos, este homem vigoroso e *sem nervos*, cahio em somno hypnotico, a principio ligeiro, 2 minutos depois, profundo; e coisa notavel! fizemo-lo percorrer os tres classicos estados ou periodos. O caso é que com uma sessão só ficou li-

vre por uma vez, da tal insomnio. Este caso ainda deu-se no Maranhão, onde clinicamos anno e meio, depois de formado, no começo dos nossos estudos sobre esta materia. Uma outra coisa digna de nota, é que os neyrophatas não são todos igualmente hypnotisaveis e suggestaveis. Uma epileptica (no Maranhão ainda) na qual tentamos vinte e tres sessões, só na 24, conseguimos fazel-a entrar em ligeira hypnose. Como estes 2 casos, podiamos fabricar um já bem volumoso livro, de exemplos identicos — uns — quasi identicos — outros — em relação á refractariedade, e facilidade ou igualdade de hypnose nos nervosos. Mas . . . voltemo's ao nosso caso; antes, porém, façamos uma breve digressão sobre o crime.

\*  
\*      \*

Para dar uma idéa ligeira do ponto que vamos estudar neste momento, façamos agora um succinto historico do crime, já que do hypnotismo deixamos ditò no começo deste pequeno trabalho. E neste caso, o melhor que temos a faser, é ceder a palavra ao ilustrado Dr. Emilio Laurent (*Authropologie criminelle*, 1893, pgs. 7 a 15). E' assim que diz este estudiioso mestre: « A questão dos criminosos, preocupou os pensadores de todos os tempos e de todos os paizes. Mas tinha-se antes applicado ao estudo sociologico do criminoso; pouco tinha-se preocupado do criminoso considerado individualmente. Analisára-se pouco este ser complexo e estranho, esta anomalia perigosa; en-

carára-se-o muito mais em relação aos outros que em relação a elle proprio. Inclinára-se sobretudo a defender-se contra elle e a eliminá-lo sem procurar sériamente melhoral-o, corrigil-o e ainda menos a moralisal-o. Desde algum tempo, um certo numero de sabios tomaram um outro caminho. Sem negar o valor dos estudos de sociologia criminal, pensarão que seria mais humano alargar um pouco mais suas vistas sobre estes refugos de nossa sociedade. Seus estudos não serão menos uteis á sociedade que ao criminoso considerado individualmente, ao contrario. Outrora regeitava-se despiedadadamente o criminoso como um membro gangrenado, irremediavelmente perdido e condenado. Era um ramo doente da arvore social; cortava-se-o e lançava-se-o ao fogo. Era preciso antes de tudo preservar a vitalidade do tronco e assegurar o vigor dos outros rebentos. Os criminalistas modernos pensam, com justa razão, que para encarcerar ou prender um homem, por nocivo e perigoso que seja, basta ser mais forte que elle. Porém para melhoral-o, corrigil-o e moralisal-o, é necessario sér melhor. Criou-se uma jovem escola de investigadores que estudam o criminoso como um doente e que procuram curá-lo. E' simplesmente a historia desta escola que desejaria esboçar em algumas linhas.

« A anthropologia criminal — pois que assini é que se chama-a (Quelques-uns ont contesté l'à-propos de cette appellation. Sans doute école de criminologie serait peut-être plus exact. Mais à quoi bon changer un terme déjà adopté et compris de tous?) — é ainda uma sciencia nova na qual marchamos ás apalpadellas na sombra. Suas primeiras pesquisas datam, no maximo, de vinte annos. Esquirol e Morel creando

quasi a psychiatria esboçada por Pinel; Broca, lançando as bases da anthropologia; Orfila e Tardieu, estudando a medicina legal, tinham já preparado as vias. Mas pôde-se dizer que Cesar Lombroso foi o verdadeiro iniciador desta sciencia nova, quando publicou, em 1871, a primeira edição do *Uomo delinquente*. Lombroso é um investigador entusiasta que nos abriu o caminho. E' uma justiça que faz-se-lhe. Porém isto não nos faria esquecer, como disse muito bem G. Tarde «esta falta de methodo, esta insufficiencia de critica e esta complicação desordenada de factos heterogeneos, esta propensão a tomar pela prova dumra regra uma accumulação de excepções, enfim esta precipitação nervosa de juiso e esta obsessão de idéas fixas, eu quero dizer de idéas cadentes que se notam em todos seus escriptos». Entretanto este innovador apaixonado conseguiu faser escola.

«Enrico Ferri, com seus *Nuovi orizonti del diritto penale*, completou a obra do mestre no ponto de vista sociologico, enquanto um joven magistrado, que é ao mesmo tempo um logico fino, o barão Garofalo, esforçou-se em condusir a doutrina ao ponto de maturidade juridica, mais apparente que real, diz ainda Tarde, onde as reformas a tentar se formulam por si proprias. Sua *Criminologia* é uma das melhores produções da escola italiana. «Lombroso reunio ainda em torno de si uma phalange só de homens distintos cujos trabalhos enchem as paginas do *Archivio di Psychiatria*, orgão periodico da *nuova scuola*. Citemos: Virgilio, Morselli, Sergi, Puglia, Ottolenghi, Frigerio, Laschi, Marro, Zucarelli, Rossi, etc.

«Napoleone Colajanni, com sua *Sociologie Cri-*

*minale*, sustentou a these socialista, que é precisamente o contrario da these naturalista.

« Em França, Lacassagne foi um dos primeiros a seguir o professor de Turim, menos como discípulo do que como emulo. Alguns ensaios sobre as tatuagens dos criminosos, sobre a criminalidade dos animaes, sobre o calendario criminal, chamarão atenção. Fundou em Lyon os *Archivos d'anthropologia criminal* e, não tardou também a adquirir discípulos. Kocher, Bournet, Raux, Corre, etc. E' só para lhe pagar minha divida de reconhecimento, de gratidão, que recordarei aqui que foi sob sua inspiração, que emprehendi e publiquei — *Les habitués des prisons de Paris* — prefaciado por elle. (Tenho a recordar aqui a M. Lacassagne que já há muitos annos prometeu-nos um estudo *d'ensemble* sobre os criminosos. Este volume, deve-o aos seus amigos e discípulos. Esperamo-lo (Já está publicado — *Les criminels* — N. do traductor.). « G. Tarde, com sua *Criminalidade comparada* e sua *Philosophia penal*, fez a parte do elemento sociológico na etiologia do crime, e condensou numa magnifica *synthese philosophica* os dados da sciencia nova.

H. Joly e A. Gillot representam em França a escola espiritualista, e não querem ver no crime senão um facto de ordem puramente moral.

« H. Joly sobretudo, numa especie de *trilogie*, encarou a criminalidade sob todas suas faces. Num primeiro volume, *O crime*, sustentou que o crime é quasi sempre um facto *d'entraînement* gradual, começando pelo vicio, continuando pelo delicto, aumentando, se accelerando, se espalhando indefinidamente pela associação irregular e malfazeja, nociva.

« Num segundo volume, *A França criminosa*,

procurou demonstrar como o agente por excellencia da associação criminosa é o *déclassement* que faz sahir tantos individuos do lugar que occupam ou deveriam ocupar na organisação da sociedade estavel e laboriosa.

«Num terceiro e ultimo volume, *O combate contra o crime*, aborda resolutamente o formidavel, temivel problema da repressão e sobretudo da moralisação.

Emfim, M. A. Bertillon, descobrindo o methodo de identificação anthropometrica, prestou á sciencia penal um immenso serviço.

«Em Inglaterra, Thomson e Maudsley, Hack Tuck, Havelocq. Elles têm trasido sérios lucros ao estudo da psychologia criminal.

«Na Austria, Moritz Benedikt tem feito conscientiosos estudos sobre o craneo dos criminosos (Debierre também em França, Lille.—N. do traductor), sua sensibilidade, sua resistencia á dôr.

Na Russia, encontramos a bella monographia de Paulina Tarnowski (Dr.<sup>a</sup>) sobre as ladronas e prostitutas, e as pesquisas tão aprofundadas sobre as crianças criminosas de Dimitri Dril, advogado e publicista distineto.

«E' preciso, deve-se ainda citar na Hollanda von Hamel, na Hespanha Alvarez Taladriz, o director da *Revista de Anthropologia criminal*?

«A anthropologia criminal faz lenta e seguramente seu caminho. Em 1885, um primeiro Congresso effectuado em Roma reunio um grande numero de sabios de todos os paizes. *Lacassagne y a vigouremen battu en brèche les idées de Lombroso*.

«Um segundo Congresso teve lugar em Paris em

1889. Os sabios acudiram de toda parte e mais numerosos ainda.

«As hypotheses de Lombroso custaram desta vez a resistir ás criticas; «le pretendu type criminel est sorti de là bien estropié, on plutôt réduit à l'état de fantôme entrain de s'évanouir.» E, segundo Tarde, deve se ver nisto, um resultado de que é preciso felicitar-se: «Une sciense naissante doit considérer comme un gain la perte de ses chimères, qui auraient pu égarer ses débuts. Il est temps de remplacer les ombres par des corps et les conjectures par des certitudes. Aussi le résultat le plus net du congrès de 1889 est d'avoir mis en lumière la prépondérance des causes sociales du délit et, par suite, l'urgence de traiter l'anthropologie criminelle comme une psychologie avant tout et une sociologie criminelle.»

«Um terceiro Congresso realizou-se em Bruxellas em 1892. A escola italiana toda absteve-se e não fez-se representar por nenhum de seus membros. C'est plus que l'aveu d'une défaite.»

\*  
\*   \*

### Mas o que é o crime?

Garofalo, um dos chefes da escola criminal positiva italiana, estuda-o sobre um criterio naturalista: «os seus methodos são os experimentaes, os seus instrumentos de analyse as estatisticas, os seus elementos documentaes os fornecidos pela psycho-physiologia e pela anthropologia, enfim, o seu idéal a defeza da so-

ciedade pela prophylaxia do mesmo, etc. Como, para prevenir e combater a doença nos individuos, a medicina creou, fundada no estudo das causas e dos symptomas morbos, uma hygiene e uma therapeutica, assim, para impedir a eclosão do delicto e para evitar a sua recidiva, a sciencia criminal tenta crear, fundada no conhecimento das condições genéticas do delicto e nas qualidades do delinquente, uma hygiene e uma therapeutica sociaes. O delicto é, como todos os actos humanos, o resultado de causas externas e internas, quer dizer de condições geraes de meio e de condições psychologicas individuaes. Em que medida relativa entram estas duas ordens de factores na determinação do crime? Garofalo pretende, contrariamente ao postulado fundamental das escolas socialistas, que as causas internas desempenham o papel mais importante (nós também assim pensamos — Lobão Junior); não são, segundo elle, o clima, a altitude, as condições economicas, educativas, religiosas ou quaequer outras inherentes ao ambiente phisico ou social, as principaes responsaveis da criminalidade, mas a constituição organo-phsychico do delinquente, o seu modo de sentir, as suas tendencias congenitas, productos da hereditariedade, as que, sobretudo, devemos incriminar. Este ponto de vista essencial na *Criminologia*, deriva naturalmente da propria definição de *delicto*, que não é para Garofalo senão a violação da parte menos delicada e mais commum dos sentimenos moraes de piedade e de probidade. Porque é em maior ou menor grau privado destas duas ordens de sentimentos, que formam o *senso moral* elementar do homem civilisado, é que o delinquente não encontra dentro de si elementos inhibitorios contra as tendencias a lesar a vida.

ou a propriedade doutrem. Muitas vezes, como sucede com os impulsivos, nenhuma causa externa ou de meio pôde invocar-se para explicar um delicto; o factor individual desempenha então, evidentemente, todo o papel criminogéne. Mas, mesmo fóra deste caso especial, e quando ao delicto se reconhecem causas extrínsecas, elle não poderia explicar-se sem a intervenção do factor individual, da organização psychica do criminoso, destinada a transformar em motivo essas causas de accão. Com efeito, como comprehender que do consideravel numero de individuos submettidos simultaneamente á influencia das mesmas causas ambientes, apenas alguns delinquam? Aqui, como na medicina, a efficacia das causas geraes não pôde comprehender-se e explicar-se sem a intervenção de uma predisposição individual, como sem ella não pôde comprehender-se e explicar-se a variedade de formas especiaes da criminalidade. A' maneira da psichologia quando proclama que *não ha doenças, mas doentes*, a criminologia pôde afirmar que *não ha crimes, mas criminosos*. Daqui, a indeclinável necessidadé de estudal-os nas suas anomalias para poder-se efficazmente exercer sobre elles a repressão, therapeutica social do delicto (Julio de Mattos. — Prefacio á Criminologia de R. Garofalo, Porto, 1893).» Como dissemos, nos filiamos mais á escola italiana, de Turim, de que Lombroso é o grão-mestre, sem deixarmos com tudo, embora por suggestão, secundariamente, ao contrario do exclusivismo de Ferri sobre a theoria patricia e outros, de considerar o factor sociologico, que a escola francesa, de Lyon, e a qual tem também seu grão-mestre — Lacassagne — como podendo exercer alguma influencia. Para a primeira escola, é o factor

individual que predomina na producção do crime; para a segunda, é o factor sociologico. Segundo o chefe desta ultima «a sociedade é o caldo de cultura do crime. O criminoso é o seu microbio. As sociedades não têm senão os criminosos que merecem.»

Taes são os axiomas da doutrina deste mestre. Porém, para nós, no crime, o factor individual representa o papel principal, repetimos. Se não fôsse assim, ou a prova do que avançamos está (e isto é facto de observação nossa), numa familia, da alta ou baixa hierarchia, de oito membros, supponhamos, onde a atmosphéra é asphyxiante de vícios, onde os máos exemplos reinam e pullulam, apenas um ou dous destes membros, saiem desequilibrados, máos, criminosos,. E nas familias, onde desde os tataravós até tataranetos notam-se os máos actos (crime, roubo, etc.), como aldeia de Artena (Italia), de que fala Scipio Sighele, ainda o factor individual, a herança, predomina; porque é mais logico admittir-se que os filhos de ascendentes ruins herdaram sangue máo dos seus, do que terem-no criado, aprendido na sociedade em que vivem. Por isso diz-se vulgarmente, e com bastante criterio: *Fulano herdou os máos bofes dos Paes.* O meio pôde operar alguma fórmia, tanto que ha tambem outro velho e vulgar proloquio «uma ovelha má põe um rebanho a perder» (mas só, na nossa fraca opinião, quando o rebanho todo é degenerado), como acreditamos (e já isto sustentava Samuel Smile, se a memoria não trahe-nos, ha muito tempo, nos seus trabalhos sociologicos); mas ainda uma vez tornamos a diser, por suggestão, secundariamente, para nós. Estamos crente de que se a conformaçō psychica dumha pessoa fôr perfeita, embora diga Enrico Ferri (*Les criminels dans l'art et la*

*littérature*, pg. 18, 1897) «que o homem perfeitamente normal não existe, nem na ordem physiologica, nem na ordem psychologica» que elle resistirá sempre ás más acções, e portanto ao crime. Nos individuos onde não houver tara alguma degenerativa (nevropathias, tuberculose, escrofula, alcoolismo, etc.), elle sairá sempre in-colume, sempre vencedor das lutas que travarem-se em seu cerebro. O criminoso é um doente, um anormal, um anomalo, confusão que Garofalo não admite na sua obra mas acima citada; mas que Julio de Mattos perfeitamente elucida. Como muito bem diz este ultimo auctor, «na pathologia do espirito, doença e anomalia confundem-se:» Ch. Fére (*Dégénérescence et criminalité*, pgs. 81, 82, 83 e 84. Paris, 1888) pensa da mesma forma, e bem assim tambem muitos outros psychiatras.

Uma anomalia é uma alteração organica, uma alteração pathologica, a qual pôde ser transitoria ou permanente. Uma pessoa assim, isto é, defeituosa, alterada em sua organisação, não pôde ser responsavel pela sua imperfeição, e portanto pelos seus actos ruins, consequencia logica desta má conformação do seu organismo. Logo um criminoso, que está neste caso, é um louco, um degenerado («um individuo anormalmente constituido *ab ovo*, pôde-se diser na grande maioria dos casos, e cuja normalidade persiste durante a existencia inteira (Miguel Bonabardo, obra citada pg. 84);» é um irresponsavel por consequencia. Um criminoso, como um louco, como os degenerados em geral, não pôdem resistir aos actos contrários, condenados pela sociedade: é uma questão de organismo enfermo que lhe coube em partilha. Agora quanto «as condições organicas desta falta de resistencia ao crime e á lou-

cura não foram ainda distintos (Ch. Féré, obr. cit., pg. 86 e 87).» Para o criminoso, a cadeia e o asilo, não são os lugares competentes; e sim á moda da velha Inglaterra e da Italia — colonias penitenciarias (Miguel Bombardo, obr. cit., e Ch. Féré, item). Tambem não concordámos com a pena de morte aconselhada por Garofalo «aos individuos destituidos de senso moral», e com Lacassagne e muitos outros mestres, aos criminosos em geral.

Neste ponto estamos de aviso com a escola italiana. Se, segundo ella, o criminoso é um anormal irresponsável, não sendo-lhe possivel uma emenda; ao contrario do que admitté a escola francesa que o considera como susceptivel de melhora, de emenda, e que internando-o tem mais em vista melhoral-o do que punil-o; nada mais natural do que aquella escola não concordar com a pena de morte, «e repudial-a como um ultimo resto da barbaria de nossos antepassados». Quanto a maneira de executal-a, isto é, a pena de morte aconselhada pelo chefe da escola francesa (Lacassagne) e seus adeptos, pouco nos importa; quer seja, como pede Tarde (electrocussão, e não a guilhotina), quer como pede Guillot (á portas fechadas), e preyenindo-se-o ao menos na vespera da execução, «porque, deve-se pensar, diz elle, na pobre alma que o cutello do carrasco envia, contrito ou manchado de crime, ás regiões da eternidade». O que acabamos de diser não é sentimentalismo; como hoje alcunhão os que não apoião-na. E' um acto de justiça que reclamão os mais infelizes que nós. E depois não é a responsabilidade do delinquente, como muito bem diz Julio de Mattos, que nos importa conhecer; e sim a *temibilidade* do mesmo. «Que a aggressão á sociedade, con-

tinua este autor, parta de um irresponsavel, dum responsavel ou dum semi-responsavel, importa medio-cremente, porque não é de *castigar* o offensor que se trata, mas de tutelar a sociedade offendida. A pena é uma arma positiva de defesa, não um instrumento metaphysico de expiação», o que é uma verdade e perfeitamente dita. Sendo assim, não é com o garrote, a força, a guilhotina, a electrocussão, etc., que devem-se punir esses infelizes; e sim com aquellas colonias penitenciarias, onde hajão medicos para estudal-os e tratal-os, e que todos os paises civilisados têm a restricta obrigaçāo de crear. Estes meios violentos de eliminação, nunca poderão servir de exemplo aos organismos defeituosos, degenerados. A criminalidade continuará a evoluir lenta ou progressivamente, à par com a sociedade. Nem na instrucção encontrar-se-á um pardeiro á esta tendencia de todos os tempos. Ha até hoje quem pense que a instrucção muito generalisada, a instrucção primaria obrigatoria, é um mal e um perigo (Herbert Spencer, Lombroso, Faucher, Guillot, Bertillon, Fére, Bombarda, etc.), precipitando mais rapidamente ainda os predispostos, pela sobrecarga que produz; despertando-lhes ambições nunca antes sonhadas, etc.; rasão porque não poderá dizer-se mais hoje como outrora «uma escola que abre-se é uma cadeia que fecha-se».

Não é com a pena de morte, nem com a cadeia, nem com o asylo, que ha de moralisar-se, acabar-se com o crime. Elle ha de sempre existir, e talvez em maior quantidade, devido hoje, e mais daqui para o futuro, á maior difficultade da adaptação aos meios de vida: os alcoos de todas as especies e qualidades, o café, o fumo, a pouca vergonha, o grande mal e a enor-

me facilidade actual da desigualdade de idades (18 a 20 annos) nos casamentos, da idade avançada nos mesmos, da permissão destes entre degenerados de toda natureza (nevropathas, escrofulosos, tuberculosos, alcoolatas, syphiliticos, etc.), prohibidos já nalguns paises civilisados (França, por ex.), se a memoria não trahe-nos; falão em prol do que avançamos. Finalmente, como diz A. Debierre, na introdução do seu *Le crane des criminels*, Lille, 1895 — « que as acções condemnaveis e reprehensiveis do criminoso sejam de ordem interna ou sejam um producto social, pouco importa. No fundo o criminoso é e conserva-se um *inadaptado*, quer ás condições internas, quer externas. A ausencia, a impossibilidade de adaptação, é o caracteristico philosophico do tratante, do falsario, do ladrão e do assassino. Eis tambem porque o crime é variavel com os tempos e os paises: segue, acompanha os costumes e estes mudão. » Mas tambem o que parece-nos não haver duvida, e está ao alcance de todos que têm feito experiencias nesse sentido, é que uma semente rachitica (doente portanto) plantado na melhor, na mais apropriada terra, com os estrumes exigidos para o seu apto desenvolvimento; ou não brota; e se medra, a arvore que della resulta, é defeituosa e os fructos, se ella dá, chochos. Logo, se isto é real, como suppomos não soffrer contestação; não pode haver melhor argumento em favor da theoria que sustentamos — *da preponderancia do factor individual* — que este! Recapitulando, fica portanto assente para nós, pelo menos, que o criminoso é um doente, um degenerado, um louco (transitorio ou permanente), ou pelo menos, entre o crime e a loucura ha um grande parentesco, segundo a opinião dos adiantados e modernos autores

que tem-se ocupado desta questão. E se não é verdade o que avançamos, seguindo o exemplo, ou de acordo com eminentes mestres sobre o assumpto, vejamos o que diz Lombroso (*Uomo delinquente*) — que se podessemos examinar o cerebro do criminoso no momento do crime, havíamos de encontrar-o congesto — e a congestão não é o estado normal de nosso cerebro, como é sabido. Logo o crime deu-se; porque alguma causa de estranho passou-se por lá, obrigando o criminoso (individuo de conformação psychica defeituosa, visto como, do contrario resistiria, repetimos) a não ser mais senhor de si. Nos proprios crimes premeditados, como é muito frequente em doentes de epilepsia, a premeditação já é um começo de desarranjo; e ninguem tem culpa, não pode, nem deve ser responsável, dos actos dos nosros antecessores, da nossa imperfeita organisação. Esta é a nossa humilde maneira de vêr; e a qual não nos parece desituida de logica, de fundamento.

\* \* \*

Sobre o parentesco da loucura com o crime, assim como sobre a analogia deste ultimo com a epilepsia (Lombroso — *Nouvelles recherches de Psychiatrie et d'Anthropologie criminelle*; pgs. 146 e 158. Paris, 1892), podíamos ir longe, transcrevendo aqui tudo quanto tem-se dito e observado nestes ultimos annos; mas sairíamos muito do nosso ponto. Deixamos isto para mais tarde, para um outro trabalho especial, se a tal estivermos disposto, ou para outro mais no caso que nós. O caminho está encetado aqui neste

bello torrão: outros que percorrão-no. Se chegarmos a emprehender outro escripto neste sentido, ventilaremos certos pontos da questão vertente, que hoje passamos em silencio, não esquecendo a celeberrima *nota* da *nevrose criminal*, ainda sustentada por E. Ferri e outros adeptos da mesma; discutindo o que ha de verdadeiro a este respeito, assim como sobre as relações estreitissimas entre a criminalidade e a epilepsia (porque entre esta ultima é a loucura é facto verificado — «o epileptico é sempre um alienado» — Bombarda, ob. cit., p. 350), cuja analogia foi confirmada pela bella descoberta do Dr. Ottolenghi sobre o campo visual dos doentes desta molestia, que é limitadissimo, de peripheria stunosa e irregular, etc.; relações estreitissimas que derão lugar a considerar-se a epilepsia, conforme vio-se, como uma especie de loucura e das mais importantes. Estes novos documentos da sciencia yêm revolucionar a litteratura penal, obrigan-do os nossos profissiōnaes a estudarem conjuntamente com o seu Direito, um pouco, pelo menos, da Biologia (que compõe-se, como é sabido, de tres partes *inseparáveis* e completando-se uma á outra, a physiologia, a morphogenia e a psychologia — Félix Le Dantec — *Le Déterminisme Biologique*, pg. 49. Paris, 1897); e exigir que o jury («condemnado por todos os criminalistas da escola positiva que vivamente o combatem quando applicado a crimes communs»), esta instituição tão acatada na velha Inglaterra, seja composto ou constituido por pessoas idoneas, pela «presuposição de longos e especialisados estudos que nelle não podem admittir-se» e não, certamente, «por quatro merceeiros, cinco industriaes, dois professores de dança e um folhetinista, que a sorte pode ag-

gregar num julgamento, e os quaes não saberão dizer se um réo pertence á classe dos delinquentes natos ou á dos fortuitos. » « Como tantas outras instituições sociaes, a do jury não passa dum mal entendido democratico a corrigir: acceptavel e conveniente quando trata-se dos delictos chamados *de opinião*, ella constitue um perigo em todos os outros casos, porque caracterisa-a, em geral, uma completa ignorancia dos problemas que é chamado a resolver. A este radical inconveniente juntão-se ainda graves defeitos de outra ordem, sobretudo nos paizes em que o nível moral é baixo: o commercio de voto, como sabe-se, é um dos mais communs. Juizes fixos, responsaveis e tendo recebido uma educação scientifica especial tomarão no futuro o lugar hoje usurpado pelos incompetentes nos julgamentos criminaes. Tal é a previsão da escola penal positivista (Julio de Mattos — prefacio cit., ps. 17 e 18). » E nós accrescentaremos que não é só no commercio do voto e na falta do pessoal habilitado para o julgamento, que está o perigo e o inconveniente; e sim *principalmente na suggestão cá fora recebida antecipadamente*, antes da leitura do processo, e do depoimento das testemunhas presentes, do accusador ou do defensor; suggestão que cremos ter sido bem lembrada aqui attendendo a não ser conhecida a historia da vida dos que constituirão o conselho de sentença; se são nevropathas (epilepticos, hystericos — como hoje é sabido que é banal a hysteria no homem, e temos tres casos aqui observado, C. L., D. F., F. M., etc.), degenerados portanto; e aptos, por conseguinte, a acceptarem-na, a serem influenciados por ella, como tivemos occasião de verificar sua poderosa acção na ultima sessão de jury do anno passado.

\*

\* \* \*

Quanto ao typo criminoso-nato, admittido por uns, negado por outros, e aos seus caracteres anatomicos e physiologicos, passamos tambem em silencio, pelo motivo acima já dito. Os que desejarem conhecê-los, podem procurar ler os trabalhos de Lombroso (*Uomo delinquente*, *L'Anthropologie criminelle et ses récents progrès*, 1891, *Nouvelles recherches de Psychiatrie et d'Anthropologie criminelle*, 1892, *Les Anarchistes*, 1894, etc.), e os indicados por elle no prefacio desta sua penultima obra, citada acima (Penta, Havelock-Ellis, Ottolengui, Ferraz de Macedo, Rancoroni, Gradenigo, Arnò, Ardù, Morrisson, Solari, Tenchini, Parissotti, Moeli, Garnier, Clouston, Brouardel, Benedikt, Fauvelle, Morselli, Sémal, Kiernon, Gonzer, Sichart, Clapton, Clarck, Stephanowski, de Mortillet, Tonnini, Joly, Magnan, Guillot, etc.), e por outros mestres — G. Tarde (*La criminalité comparée*, 1894), Ch. Fére (*Dégénérescence et criminalité — essai physiologique* — 1888 —), Émile Laurent (*L'Anthropologie criminelle et les nouvelles théories du crime*, 1893), H. Maudsley (*Le crime et la folie*, 1891), E. Ferri (*Les criminels dans l'art et la littérature*, 1897, etc.), J. A. Lacassagne (*Les criminels*), Corre (*Les criminels*), Miguel Bombarda (*A epilepsia e as pseudo-epilepsias*, 1896), A. Debierre (*Le crane des criminels*, Lille, 1895); autores estes que todos têm concorrido com seus estudos para o engrandecimento e

progresso rapido desta sciencia nova, pode-se mesmo diser, ainda nascente, que chama-se Anthropologia criminal.

\*  
\* \* \*

Um facto de nossa observação, ha cinco annos, notado aqui, sobre o mesmo assumpto, é o seguinte: Nas grandes familias, compostas de 8 a 10 filhos, sem precedentes constaveis, *mas que ha de haver por força*, se chegar-se ás raízes primitivas dos troncos actuaes, quasi sempre um, pelo menos, saie sem juiso, dando desgostos aos paes, irmãos ou outros parentes; não com o roubo porco de estrada, ou o crime á faca ou á arma explosiva, etc.; mas com as peiores armas que produzem maiores damnos, com as armas secretas; porém que mais tarde chegão-se sempre a saber, como tudo que faz-se neste mundo: Ora assaignando documentos falsos, ou tomndo descaradamente dinheiro a praso, para pagar com a herança, por morte dos paes, afim de satisfazer os caprichos, as vaidades e phantasias tolas do seu cerebro doente; ora intrigando, diffamando, enlameanda o lar dos casados, prostituindo as mulheres e filhas, etc. Estes crimes, perante a sociedade, ainda são maiores e mais horriveis. Isto não nota-se só nas familias dishonestas. «E' incontestavel, diz Bombarda (ob. cit. pg. 92), que nas colonias correccionaes o maior numero de crianças, vêm de familias consideradas honestas. E' igualmente incontestavel que em todas as camadas sociaes o crime alastrá

fortemente; mesmo nas camadas mais elevadas, dada a inferioridade numerica do seu recenseamento, talvez não floresça em proporção muito mais baixa. O que sucede é que ahi muda de nome. Já não é o roubo á mão armada e com perigo da propria vida; são os syndicatos fraudulentos que victimão milhares de familias. Não é o assassinato brutal da esquina ou das tabernas; é a guerra surda que fomenta-se, a calunia que propaga-se, e que levão o vencido na lucta pela existencia ao suicidio ou ao isolamento. Não é a prostituição ás escancaras e acompanhada de infames convites; é o galanteio tantas vezes mortifero e o adulterio torpe por mais que envolva-se em finas attracções. Não é a navalha que rasga o ventre do despreoccupado viandante; é o esparto com que estrangula-se um povo. Qual é o crime mais hediondo? As influencias sociaes, continua o mesmo autor, têm importancia; maior importancia tem porem que o homem é um ser fundamentalmente máo e fundamentalmente estupido — máo porque raros são aquelles para quem a desgraça alheia é motivo de sincera e funda commoção, aquelles para quem o mal e todo o mal são objecto de aborrecimento e horror, — estupido porque atacando o seu companheiro neste valle de miserias não vê que ataca a si proprio e á sua descendencia pelo prato de lentilhas do momento.»

Mas deixemos de divagações, não saímos do nosso programma, voltemos ao nosso assumpto; pois que para dar uma idea ligeira do crime, uma breve noticia, conforme prometemos, basta o qne já se acha aqui dito e escripto, tirado dos mais notaveis e modernos autores. A' primeira vista, talvez pareça desnecessario o que exaramos sobre o delicto; mas assim

não o é; e além disto, somos partidário de, não expor, nem falar sobre uma causa ou um facto qualquer, sem primeiro definil-o — diser o que é, em que consiste, o que vem a ser; — porque se uns estão na altura, habilitados a comprehendêr, a mór parte não o está; e um trabalho qualquer pode não ter a dita de só ser lido pelos entendidos.

\*  
\*   \*

Uma pessoa pode ser hypnotisada contra sua vontade? Pode, dissemos atraç; e bastaria citar o caso do hypnotisador que cahie hypnotisado. Segundo Gilles de la Tourette (*L'hypnotisme et les états analogues au point de vue médico-légal*, pg. 490. Paris, 1897), «o verdadeiro crime inherent ao hypnotismo e aos estados analogos, é o estupro (violação de mulher).» Para Emilio Laurent (*Les suggestions criminelles*, pg. 2, 1891) «a possibilidade de commetter um estupro numa somnambula em estado de lethargia é um facto innegavel e este caso já tem-se apresentado muitas veses diante dos tribunaes.» Pitres, de Bordeaux, descobridor das zonas hypnogeneas, como dissemos no começo deste capitulo «demonstrou que as pessoas sensíveis ao hypnotismo, podião ser adormecidas pela pressão destas zonas cutaneas, por surpresa e contrariamente á sua vontade.» Ladame (*L'hypnotisme et la médecine légale. In Archives de l'anthropologie criminelle*, 1897) diz «o estudo dos casos que fiserão o assumpto dum inquerito ou dum julgamento, nos

prova que quasi todas as mulheres violadas durante o hypnotismo, forão adormecidas por surpresa e sem o seu consentimento. » Pitres cita um facto deste genero inteiramente caracteristico. Uma hysterica somnambula deixa seu serviço absolutamente e seguramente virgem. Saie em companhia duma outra hysterica e encontrão douis senhores que offerecem-lhes almoço. « Chegamos, conta ella, a um restaurante fóra da cidade.

Um dos senhores quiz abraçar-me; agastei-me vivamente, e poz-se a almoçar sem que renovasse suas tentativas. Depois do almoço, minha amiga deixou-me só com elle. Quiz ainda abraçar-me; defendi-me, ameacei-o de gritar e peguei mesmo numa cadeira para defénder-me. Lançou-se sobre mim e prendeu-me os braços. Então perdi a rasão e não soube mais o que passou-se. Quando voltei a mim, estavamos todos quatro na salla do hotel e era o momento de partir. Percebi que estava molhada nas partes onde sentia uma dôr-sinha. Voltei a Bordeaux e recolhi-me á casa. » Nove meses depois deste dia, a infeliz dava á luz uma criança de termo. Este é um caso de hypnotismo contra a vontade. Esta doente apresentava zonas hypnogenicas nos cotovellos e nos concavos poplitéos. O estupro pode ainda ser commettido numa somnambula durante o periodo chamado de lethargia lucida, durante este estado em que a hypnotizada ouve tudo, mas não pode reagir, paralysada, immobilisada pela suggestão e como « envolvida numa camisa de chumbo ». Quando o vagabundo Castellar violava Josephina H., é provavel que a victima se achasse neste estado particular (Émile Laurent — ob. cit., pgs. 3 a 4). » Quer para a escola de Nancy, quer para a de Paris (Salpêtrière), é uma

violação, um crime, copular com uma mulher em estado de somnambulismo, embora queira ou não a pessoa hypnotisada. Agora para a primeira (Liégeois), «ha somnambulas que obedecem como automatos e sobre as quaes o hypnotisador poderia abusar á sua vontade». Para a segunda (Gilles de la Tonrette), «ha tambem somnambulas que resistem e que conservam em grande parte sua vontade, sua espontaneidade volicional, em face do hypnotisador». Segundo Liégeois (*De la suggestion et du somnambulisme dans leurs rapports avec la jurisprudence et la médecine légale*, p. 125, O. Doin, Paris, 1889) pode-se violar uma mulher em estado de somnambulismo. «Toda pessoa posta em estado de somnambulismo, diz elle, torna-se entre as mãos do experimentador um puro automato, tanto no ponto de vista moral como no physico. Pode-se comparal-a ao barro que o oleiro amassa a seu modo e reveste formas as mais variadas. Muitas vezes, com effeito, a somnambula parece offerecer-se por si proprio aos desejos da pessoa que adormeceu-a. Só vê o que esta quer que veja, só sente o que ella diz-lhe que sinta, só crê no que quer que creia. Toda espontaneidade desapparece; nma vontade estranha tem como que expulsado da habitação que occupava, sua vontade propria; pelo menos, fixa ella propria os limites de seu domínio, não deixando á pobre expulsa senão as partes do governo que desdenha ou rejeita.»

Portanto, para este autor, como acabou de ver-se, não ha ahi duvida alguma. A somnambula é um puro automato que o que hypnotisou-a tem sob o imperio absoluto de sua vontade. Possuil-a neste estado, seria por consequencia commetter um crime.» Gilles de la Tourette (ob. cit., pg. 368), porém, que, como diz Lau-

rent, representa as idéas de Charcot e de toda a escola da Salpêtrière, é de uma opinião quasi diametralmente opposta. E se não, vejamos o que diz elle: « Um individuo que mergulha uma mulher em somnambulismo, só a possuirá se ella quizer ceder aos seus desejos, como na vida normal. Noutra qualquer circumstância, a violará, na verdadeira accepção da palavra, com enormes difficuldados; porque, nos somnambulos, sabe-se quanto é exaltado o vigor muscular, a ponto de uma mulher fraca tornar-se um verdadeiro athleta. » Mas é este mesmo autor quem confessa na sua dita obra, pg. 369, que « evidentemente será possível obter duma mulher durante o somnambulismo, o que ella nunca quiz conceder no estado de vigilia; muito mais, admittimos quē criminosos, conhecendo o phenomeno do esquecimento ao despertar, acreditarão-se muito mais seguros da impunidade durante um periodo somnambulico. »

Em favor de sua primeira these, Gilles de la Tourette refere um facto de Dyse em que dous individuos introduzidos por uma *corretora* ou *onze-letras*, junto duma somnambula, foi preciso amordaçal-a e prendel-a para vencer a resistencia que oppunha-sé-lhes. Porem Liégeois oppõe ou apresenta-lhes outros factos de somnambulas que entregarão-se sem resistencia e sem querer. Tal é o caso de Dumontpalliier referido por Hugues Le Roux (*Journal — Le Temps* de 20 — 3 — 1888). Uma rapariga que estivera algumas semanas em tratamento no hospital Hôtel-Dieu, passando em frente dum café, dias depois de sua saída desta casa de saude, fôra chamada por estudantes que bebião no terraço e que a mesma conhecerá durante sua molestia naquelle estabelecimento. Sentou-se

junto delles. « De repente, diz ella, um delles levantasse e ordena-me que o siga. Fui obrigada a obedecer-lhe. Levou-me para sua casa. Lá fez de mim tudo o que quiz; depois recommendou-me de voltar só para o boulevard e de sentar-me num banco. Obedeci ainda e foi ahí que despertei. » Esta mulher fôra violada por um externo do serviço (E. Laurent, ob. cit., pgs. 5 e 6). Depois do que acabamos de expor, só temos a acrescentar que estamos plenamente de acordo com Liégeois, visto conhecermos casos semelhantes aos seus — uns — e identicos aos mesmos — outros. — Não relatamol-os, para não ir mais longe neste assumpto, que já vae-se tornando bastante longo; e mesmo porque os dos mestres conhecidos no mundo inteiro, têm mais merecimento do que do obscuro neophyto que escreve estas linhas neste momento. Neste terreno, isto é, dos suggestões criminosos, hão de desculpar os que lerem-nos, estenderemos-nos bastante; porque é preciso que tanto os nossos medicos como os nossos criminalistas ou juristas, estejão ao par destes factos, e possão assim prevenir-se para o futuro, e lavrarem uma sentença conscienciosa, quando algum caso destes apparecer em juízo. A suggestão é uma cousa seria e perigosa; á que qualquer mulher pode estar sujeita, attendendo actualmente sobretudo para esta tendencia a um desequilibrio geral, que nota-se no meio hodierno; não só nos homens, como principalmente nellas, que são imperfeitas e mais fracas, como vio-se mais átraz; e devida ás causas debilitantes acima expostas. Duma suggestão, má ou bôa, ninguem está isento, conforme dissemos no começo deste capitulo. Na nossa humilde opinião, ella é até *epidemica — contagiosa*; e como exemplo basta citar o *cyclismo* presentemente entre nós. Começou a

sugestão cyclista pelos homens; e agora já contam-nou as crianças, os velhos, as saias, e... até as *saias casadas*. Nas menorés cousas a sugestão representa seu papel, e apresenta-se, sem a gente notar. Cremos que ninguem poderá contestar que o grande numero de velocipedes hoje aqui, é o effeito duma sugestão quasi geral; o que é lamentavel, pelas consequencias desagradaveis que pode acarretar o desenfrejamento com que quasi todos servem-se destas machinas tão hygienicas, quando usadas com os preeitos scientificos. Num clima, impropio para essas correrias, como o nosso, em certas horas do dia (das 9 da manhã ás 5 da tarde), de calma horrórosa, teremos a registrar mais tarde, maior numero de obitos de cardiacos, já tão frequentes entre nós, devido á causas varias; cardiopathias que contrastão com a tuberculose que nesta terra é rara, em virtude, na nossa opinião, da igualdade e regularidade do meio ambiente da temperatura.— Mas vamos ao que importa-nos, e deixemos isso. Independente desses que acabamos de mencionar, outros crimes pedem ainda ser commettidos por sugestão, como veremos mais abaixo. Pitres (*Des suggestions hypnotiques*, pg. 51) diz «os phenomenos de sugestão poderião ser explorados numa intenção culpavel. Um malfeitor habil poderia fazer commetter por sujeitos hypnotizados actos criminosos, e isto simplesmente sugerindo á pessoa illusões sensoriaes, allucinações ou impulsões automaticas em relação com o acto a executar.» Segundo Laurent (ob. cit., p. 7) «não só pode-se faser effectuar por certas pessoas, durante o sonnambulismo, e isto contrariamente á sua vontade, actos criminosos ou delictuosos, mas ainda pode-se sugerir-lhes d'executar, depois de seu desper-

tar, em data fixa, tal ou qual acto desarrasoado ou culpavel.» Para Liébault (*Du sommeil et des états analogues*, pg. 519) «o adormecedor ou hypnotisador pode desenvolver, incutir tudo que quiser no espirito dos somnambulos, e faser pol-o em execução, não só em seu estado de sonno, mas ainda depois que delle tiverem sahido.»

É preciso notar que isto que aqui fica e está escripto, é incontestavel e admittido por todos. Emilio Laurent faz judiciosamente esta pergunta: mas estas suggestões post-hypnoticas, estas suggestões de praso são absolutamente irresistiveis? Estamos autorisado a responder pela affirmativa; porque temos duas observações (as notas de muitos outros casos identicos á estas duas perdemos) eni que no fim dum anno, praso, por nós estipulado, para a realisação de duas suggestões que repugnavão á duas hystericas de nossa clinica; e que effectuarão-se. Era nada mais, nada menos, o facto de zanga entre estas hystericas que estavão em tratamento commosco, com duas amigas suas. No fim dum anno as pases fizerão-se por suggestão — T. M. C. e E. D. L. — Não somos nós só que assim pensainos; a escola de Nancy tambem responde: não ha duvida nisto. Para os mestres della, o somnambulo obedece cegamente á suggestão; e para Liébault «marcha no fim com a fatalidade duma pedra que cahe; e para Beaunis (*Du somnambulisme provoqué. Études physiologiques*) «no dia fixado, na hora dita ou marcada, o acto se executa e a pessoa effectua palavra por palavra (o que é uma verdade, como deu-se com as nossas duas hystericas) o que foi-lhe suggerido; executa convencida que é livre, que obra assim porque quiz e que poderia obrar doutra maneira.» Nesta sua

obra mesma, diz este sabio hypnologista, mais adiante « mesmo quando a pessoa resiste, é sempre (o grifho é nosso) possivel, insistindo, acentuando a suggestão, fazer executar o acto desejado (o que é uma verdade, como podiamos citar factos de nossa clinica). No fundo, o automatismo (de que noutro capitulo, em separado, nos occuparemos) é absoluto, e o sujeito ou pessoa só conserva de expontaneidade e de vontade (adeus-illusão do livre arbitrio! como intitulão este — Félix Le Dantec (*Le déterminisme biologique et la personnalité consciente*, Paris, 1897) e Enrico Ferri (*Socialisme et science positive*, pg. 96, Paris, 1896); e uma hypothese sem fundamento scientifico — Ch. Féré (*Dégénérescence et criminalité*, pg. 134, Paris, 1888); uma utopia, uma criação imaginaria, uma idealização (Nós) dum G. Fonsegrive (*Essai sur le livre arbitre, sa théorie et son histoire*, Paris, 1896) e de seus sectarios) aquillo que bem quer deixar-lhe seu hypnotizador: realisa no sentido restricto da palavra, o idéal celebre: é como um cajado na mão do viajante. » Porém a escola da Salpêtrière (Paris) que sempre anda de ponta com a de Nancy « não reconhece as suggestões post-hypnoticas este caracter de fatal irresistibilidade que arrasta o somnambulo como a impulsão arrasta o epileptico. » Para Gilles de la Tourette (ob. cit., pg. 137) « o hypnotizado, fica ou conserva-se sempre alguém, e pode manifestar sua vontade resistindo ás suggestões. » Segundo Ch. Féré (*Les hypnotiques hystériques considérés comme des sujets d'expérience en médecine légale*. Note communiqué à la Societé médico-psychologique le 28 Mai 1883, cit. par Émile Laurent) « um hypnotizado pode resistir á uma sugestão determinada que ache-se em oposição, por

exemplo, com um sentimento profundo.» Brouardel (*Gazette des hôpitaux* numero du 8 Novembre 1887, p. 1125, cit. aussi par Laurent) opina pelo seguinte: que «o somnambulo só realisa as suggestões agradáveis ou indiferentes que faz-lhe um individuo agradável.» Finalmente Delbœuf (*L'hypnotisme et la liberté des representations publiques*) «sustenta que o hypnotizado sabe que pede-se-lhe ou exige-se-lhe que represente uma comedia.» Depois disto, tire cada um agora a illação que quizer, ou acompanhe a escola que convier. Nós, como temos motivos para pensar como a de Nancy, seguimol-a. Apenas accrescentaremos que, seja como for, tinhamos razão, quando mais acima dissemos, que a suggestão é uma cousa seria e perigosa; e como tal só deve ser praticado por pessoas habilitadas, por medicos, como é praxe nos países civilisados (Belgica, Alemanha, Italia, Austria, Suissa, Dinamarca, Portugal, etc.) nos codigos dos quaes ha uma disposição neste sentido, como ha também igual no nosso codigo penal, sob penas de prisão cellular por um a seis mezes e multa de 100\$ a 500\$000.

No Congresso internacional de hypnotismo de 1889, Ladame disse que, se houvesse interesse da parte dos medicos, estes serião, ao contrario, pregadores das idéas de Delbœuf («é preciso que todos saibão o que é o hypnotismo, quaes os seus perigos e benefícios; é é, não somente attentar contra a liberdade, a justiça, a sciencia, mas ainda lesar a humanidade e a moral, querer, para favorecer interesses ficticios, reservar o monopólio á pessoas que, ao abrigo dum diploma poderião, á surdina, praticar a psychologia»), pois as publicas exhibições alimentão os hospitaes e os consultorios medicos (Dr. Virgilio Martius Lopes

de Mendonça — *Do gypnotismo e seu valor therapeutico*, thesé de doutoramento, pg. 71, Bahia, 1889). Por suggestão pode faser-se uma pessoa *assignar papeis falsos, captar testamentos, matar, roubar, jurar falsos testemunhos, substituir crianças, fazendo a paciente desançar durante o sonnambulismo provocado e não lembrar-se ao despertar do ocorrido*, etc., etc.. Quanto ao primeiro caso, temos um exemplo ou facto contado por Liégeois (ob. cit., pg. 138) que «tem muito insistido sobre este ponto — faser assignar por uma pessoa hypnotizada um bilhete, escripto, recibo falso e suggerir-lhe que deve mesmo a somma em questão, suggestão que conservará ao despertar e que tornar-se-á para a hypnotizada uma realidade — » que deu-se com unha senhora muito suggestivel: Emprestei-vos, disse-lhe elle, sabeis, uma quantia de quinhentos francos; ide assignar-me um documento que provará meu credito. Mas, senhor, responde-lhe ella, não devo-vos nada; não emprestastes-me nada. Vossa memoria engana-vos, senhora, replicou elle; vou precisar as circumstancias do facto. Pedistes-me esta quantia e emprestei-vos; remetti-vos-lh'a hontem, daqui mesmo, um embrulho de peças de vinte francos. Sob a acção do meu olhar, continua Liégeois, e em presença de minha affirmação feifa com um tom de sinceridade, senhora P... hesita; seu pensamento perturba-se; procura em sua memoria; finalmente, esta docil á minha suggestão, recorda-lhe o facto de que acabo de evocar-lhe a lembrança; este caso, entretanto imaginario, toma a seus olhos todos os caracteres da realidade; reconhece sua dvida e assigna o papel ou documento. Senhora P... é maior; o *Vale para* (*le Bon pour*)... é ou está escripto por sua mão, de conformidade com

o artigo 1326 do código civil; o documento está conforme á lei. Se entregasse a um official de justiça, a um meirinho, receberia o pagamento.» Esta experien-  
cia temos repetido muitas vezes, com acerto, no nosso  
consultorio, em hystericas. Para Gilles de la Tourette,  
embora este facto seja incontestavel, é puramente ex-  
perimental; e crimes desta ordem «são, para elle, ficti-  
cios que nunca atravessarão a porta dos laboratorios;»  
o que não admira, visto a rivalidade, já conhecida dos  
leitores, que existe entre a escola de Nancy e a da  
Salpêtrière (Paris). Como este caso de Liégeois, pode-  
se tambem captar testamento por suggestão; e isto não  
é para extranhar, dada a circunstancia da semelhança  
de ambos. Embora os crimes praticados por estes meios  
possão ser descobertos, e o verdadeiro criminoso pu-  
nido; contudo o que é facto é que podem dar-se e  
dão-se, como vimos de exemplificar. Mesnet (*Étude  
medico-légale sur le somnambulisme spontané et le  
somnambulisme provoqué*. In *Revue de l'hypnotisme*,  
número d'avril 1887, p. 310, cit. por Laurent) diz:  
«Em presença dum homem que não pode explicar seus  
actos, que oculta-se atraç do desfalecimento de sua  
memoria, o juiz de instrucção é inducido ou levado a  
acreditar num sistema de defesa, *passu alén*, embora  
o doente responda invariavelmente *Eu não sei!* e que  
o acto executado, que ignora realmente, tenha tido  
muitas vezes por testemunha uma numerosa assisten-  
cia. Sobre este caso acompanhamos Émile Laurent  
(ob. cit., p. 13) na seguinte pergunta: «Acreditaes que  
o juiz de instrucção passe por cima ou alén? Se é cla-  
rividente, perspicaz, este sistema de defesa insensata  
parecer-lhe á pelo menos estranho. Fará sem dúvida  
examinar o accusado por medicos legistas, e assim po-

derá descobrir o verdadeiro autor do delicto. E depois não deixará de admirar um crime commettido sem motivo. » Mas perguntamos nós: se o suggestionador tiver dito durante a hypnose que o paciente, nem lembrar-se-á depois de accordado, do facto, nem outra qualquer pessoa mais que elle, poder-lhe-á hypnotisar e suggestar? Ainda mesmo que o criminoso fuja (e nem precisa), a suggestão continua a exercer seu effeito; pelo menos até um anno, tempo maximo até onde temos levado nossas experiencias neste sentido. Aqui neste caso, mesmo que a suggestão tenha sido feita num lugar pequeno, no campo, e não num grande lugār ou cidade, a possibilidade da realisaçāo do acto e a impunidade do verdadeiro culpado podem dar-se; embora pense contrariamente Gilles de la Tourette (ob. cit., pg. 376), que considera impossivel, e da mesma forma Émile Laurent (ob. cit., p. 13). Este facto pode pôr a lei em grande embaraço, e porá. Os nossos estudos sobre uma multidão de crimes experimentaes — roubos temporarios, assassinatos com rewolvers desarmados, etc. — em sonnábulos, para serem realizados meses, e um anno depois das suggestões, sem lembrarem-se do ocorrido, e sem ninguem mais que nós, podesse hypnotisar e suggestar estes doentes, fôrão que moverão-nos a fazer aquella pergunta acima. Estamos auctorizado a pensar assim, visto termos motivos experimentaes para opinar dessa maneira. Se esses factos passão-se no nosso consultorio; porque não hão de dar-se tambem fora, na mão dum explorador habil? Actualmente não deve-se desdenhar de cousa alguma; sobretudo em assumpto da ordem dō que occupa-nos neste momento. O que não nos aguardará ainda o futuro, para presenciarmos?! Exemplifiquemos agora

falsos testemunhos provocados em somnambulos por suggesão e allucinações retroactivas. Benheim (*De la suggestion et de ses applica ions à la therapeutique*, pg. 183, Paris, 1886) diz á uma de suas somnambulas: « A 3 de agosto, fazem quatro meses e meio, pelas tres horas da tarde; recolhestes á casa; chegada que foste ao primeiro andar, ouvistes gritos que saíao dum quarto; espiastes pelo buraco da fechadura; vistes o antigo criado, que habita na casa, commettendo um estupro na rapariga mais nova; o vistes; a rapariguita lutava ou defendia-se, sangrava; elle amordacou-a.

Presenciastes tudo, mas ficastes tão surpresa, nervosa, que nada dissestes quando recolhestes á casa. Quando despertardes, de nada recordareis-vos; não sou eu quem diz-vos isto; não é um sonho; não é uma visão que produsi-vos durante vosso sonno magnetico; é a pura realidade; e se mais tarde a justiça fizer um inquerito sobre este crime, direis a verdade.» Tres dias depois, diz Laurent (ob. cit., pg 15), esta mulher interrogada por um magistrado, contou a scena toda do estupro e, a mão num braseiro, juraria que assistira ao facto. São casos que, embora a verdade possa vir á luz, repetimos, podein dar-se; sobretudo quando o hypnotismo estiver mais ao alcance dos especuladores *degenerados*. A cousa ainda seria mais grave, se ao eni vez de ser na outra, fisesse-se acreditar á esta senhora, que a violada era ella. De sorte que, se esse pobre diabo não podesse invocar em seu favor um *alibi* (ausencia dum lugar provado pela presençā num outro — Pierre Larousse — diccionario, resumo, p. 37), estava atrapalhado. Mas ainda aqui o exame da suposta offendida e o interrogatorio da mesma descobri-

rião a falsidade. Sobre este ponto, Liégeois (ob. cit., pg. 648) ainda vai muito mais longe. E' assim que diz elle: «Supponho um crime effectivamente praticado; um homem foi assassinado, por exemplo: Informo-me exactamente sobre todos os pormenores do caso, e dou a alguns dos sonnambulos que a clinica do dr. Liébault fornece diariamente, uma allucinação identica. Faço-lhes ver, a todos successivamente, os diferentes actos do drama; vêm o assassino espreitando sua vítima; assistem á luta; ouvem gritos, os desesperados pedidos de socorro, as exclamações supremas; ficão terrificados pelo spectaculo que invoco diante delles; mas sobretudo mostro-lhes o criminoso na execução mesmo do seu delicto, e este criminoso será para elles a pessoa que convier-me designar! E todos irão depor perante a justiça, farão narrações concordantes, prestarão juramento de diser a verdade, e, em sua alma e consciencia, dirão-na, pois que só refirirão o que virão e ouvirão.» E accrescenta judiciosamente o mesmo autor: «Que situação não seria a dum homem contra o qual fossem feitas tais accusações, e que estivesse, por uma razão ou por outra, na impossibilidade de invocar um alibi!!!» Laurent, que, manhoso, não deixa de advogar as idéas da Salpêtrière, é de opinião que não poderia prender-se este homem, porque bem depressa descobrir-se-ia o embuste!

E o outro defensor da maneira de pensar da mesma escola — Gilles de la Tourette (ob. cit., pg. 381) — assim exprime-se a este respeito: «Creemos que a posição do accusado seria muito menos perigosa que a do suggestionador. Admittindo mesmo que não possa invocar um alibi (todos os grifos nesta palavra são nossos; porque não sabemos, nem conhecemos sua tra-

ducção em portuguez), poderia, por exemplo, facilmente provar, se este engano grosseiro não fosse revelado pelo inquerito, que X... e Z... não estavão, no momento do crime, em tal lugar, juntos, á mesma hora. Poder-se-ia perguntar então com que fim todos estes nevropathas vêm faser uma deposição, — que toda ella resentir-se-á forçosamente de sua origem, — e accusar A... dum crime que este nega energicamente ter commettido e que cousa alguma em seus antecedentes, em sua maneira de ser ou portar-se, não justificarião. Aussi, termina Gilles, ne tardera-t-il certainement pas d'en cuire au donneur de mauvais conseils. » Seja como fôr, o que é certo, o que é possivel, confessou o proprio Laurent (ob. cit., p. 16), é que uma somnambula por falsos testemuños habilmente provocados, em circumstancias determinadas e principalmente favoraveis, pode prejudicar á tal ou qual pessoa detestada pelo suggestor. Liégeois relata ainda o caso de La Roncière, condeinado por allegações falsas duma hysterica perversa que sentia a necessidade de prejudicar sem outro fim que não fosse o capricho duma imaginação desequilibrada; e Laurente, o do infeliz Urbano Grandier por testemuños de religiosas hystericas que suggestão-se uma a outra. Mas, acrescenta este hypnotologista, « no tempo de Urbano Grandier, não conhecia-se a hysteria, nem o hypnotismo, nem a suggestão, e, graças a Deus, este tempo foi-se. Hoje semelhante processo e sobretudo uma tal condenação serião impossiveis. » Resta-nos agora fallar sobre a substituição de crianças em pacientes descansando em estado de somnambulismo provocado, raptos de crianças por suggestão, confidencias e confissões arrancadas, adquiridas durante o somnambulismo, e abortos consenti-

*dos por suggestão.* Quanto ao primeiro caso, seja-nos permitido apenas dizer que Mesnet (*Un accouchement dans le somnambulisme provoqué; déductions médico-légales*. In *Revue de l'Hypnotisme*, número d'août 1887, p. 32), Auvard e Varnier (*Annales de Gynécologie et d'obstétrique*, mai 1887), Dumont-pallier (*Analgesie hypnotique dans le travail de l'accouchement*. In *Revue de l'Hypnotisme*, mars 1887, t. I, p. 257) e Pritzl (*Wiener medizinische Wochenschrift*, 1886), citados por Emilio Laurent, têm observado factos deste genero, isto é, que uma mulher podia parir em estado de sonnambulismo e não conservar lembrança alguma ao despertar, podendo-se nesta occasião substituir-lhe o filho. E para isto não precisa muita cousa: basta uma combinação com a parteira, e que não hajão testemunhas durante o parto. Se a criança vier viva ao mundo que troque-se por uma morta, se morta por uma viva, se rapaz por uma rapariga e vice-versa: fica á vontade do ou dos interessados. A verdade está em que o caso é facil de realisar-se, visto ser certo que uma mulher pode descansar durante a hypnose, como temos uma dusia de factos registrados, da nossa clinica — 8 multiparos e 4 primiparos. — Sobre o segundo caso (rapto de crianças por sugestão), que têm-se realizado na India, como tem-se assinalado, avançaremos com Laurent, que não serião tão difficéis de effectuar-se, sobretudo em certos meios ruraes onde as crianças correm nas ruas e nos campos e onde são geralmente tão pouco vigiadas; embora pense contrariamente Gilles de la Tourette. Facilmente hypnotisavel como é a criança em geral (dos 7 annos para cima, segundo nossas experiencias), não custará ao interessado mergulha-la depois em sono profundo,

ou somnambulismo (escola de Nancy — Edgar Bérillon — *Hypnotisme et suggestion*, p. 30, Paris, 1891), e «aproveitar-se deste estado de paralysia volicional, para fazel-a seguir-lhe ou acompanhar-lhe.» Felizmente estas coisas, parece-nos, nunca derão-se no nosso meio. Para um sabio, já nosso muito conhecido, os saltimbancos magnetisadores de feiras, preferem as rapariguinhas ás crianças; porque aquellas prestão-se a dous mysteres — ás exhibições públicas e depois... ás suas *cariças* — quando findão as representações. As mais das vezes encontrão uma hysterica; e... o ganhá-pão seguro e quotidiano está garantido. Esta facilmente adormecível, recebe delles suggestões diárias; e ficão como uma automata, um pão para *toda obra*; sobretudo se é bonita, de compridos cabellos louros, olhos asues: eis sua predilecta, eis seus sonhos dourados!! Propõem-lhe adormecer-a para ver. Então durante o sonno suggerem-lhe viajar com elles, seguir-lhos. E está tudo prompto! Ainda é bom quando a cousa fica só nisto; quando «não obriga-o-na a prostituir-se, a fim de augmentar as receitas do dia (*caftenismo*).» Isto é um attentado á pessoa moral, ninguém contestará; visto o hypnotizador paralysar a vontade da paciente e dirigir todos os seus actos a seu bello prazer. Violentar a pessoa moralalgumas somnambulas é um facto indescutivel. Sobre este ponto ouçamos os pareceres de Liébault, Brière de Boismont (*Des hallucinations*, pg. 357, Paris, 1862), Demarquay e Giraud Teulon (*Recherches sur l'hypnotisme*, pg. 33, Paris, 1860), citados por Emilio Laurent (ob. cit., pg. 28). «Um dia, conta o primeiro mestre, affirmei á uma pequena adormecida que eu era um padre, e que ella era uma penitente que vinha confessar-se. Compenetrou-

se seriamente de que era verdade o que disia-lhe, e fez-me uma confissão de peccadinhos gaiatos.» O exemplo de Liébault foi máo escolhido, porque uma vez que a sua suggestão foi feita no sentido de que elle era padre, a pequena só poderia ter-lhe dito o que confessaria a um padre, isto é, o que conviesse deixal-o saber. Esta experiença na opinião de Laurent e na nossa, não parece concludente, em vista do que acabamos de avançar. O segundo autor relata o caso dum a senhora posta em somnambulismo pelo professor Blaudin, e interrogada com *un peu trop* de curiosidade, acabou por diser, depois dum a certa hesitação, bastante corada e embaraçada: « Meu Deus ! amei M... » Felizmente, o medico atrapalhado, não deixou-a acabar; e despertou-a na occasião em que um de sua familia approximava-se, perguntando se acertara a experiença. » Os outros escriptores referem um facto analogo. « Uma senhora hypnotizada por elles, responde ás suas perguntas por confidencias tão graves, tão perigosas para a paciente, que apressarão-se em acordal-a. » Restamnos apenas, para concluir este capitulo, occuparmos-nos agora dos abortos consentidos por suggestão. Laurent, Voisin, Liébault, Goscard e Briant citão exemplos; e o primeiro relata este: « Um estudante de medicina habituado ás praticas do hypnotismo, vem passar as ferias em casa da familia onde encontra uma prima. Aquelle abraça esta que retribue-lhe beijos por beijos; dos beijos passão aos afagos, destes á prenhez, que é-lhe revelada por ella. E agora, ou como ha de ser ? Casar commigo, responde-lhe a prima. Nunca ! responde o primo; não estou ainda formado. E entretanto ella estava já no segundo mez da gravidez. Lembra-se então o primo do hypnotismo; fala á prima que

aceita com alegria o meio; adormece-a e diz-lhe: Tal dia, á tal hora, sentirás quandes dores nos rins, apparecerão tuas regras e com, o que tão desastradamente puz-te no ventre. Quatro capsulas de apiol forão administradas na vespera do dia da derrocada annunciada. A' hora aprasada vierão as regras da prima a qual expulsou com elles a progenitura ainda informe de seu primo. Objectarão, então, continua Laurent, foi o apiol quem agio e provocou o aborto. Não creio, responde este hypnotista; primeiro, porque o apiol não é um abortivo, e depois duvido<sup>a</sup> que pudesse produzir um aborto em hora fixa. Repito, o facto é absolutamente authentico.» E Ladame (ob. cit., pg. 45), a este respeito exprime-se assim: «Está provado que po le-se, em certas pessoas, provocar por assim dizer á vontade a hemorragia menstrual (o que é uma verdade, o notemos 42 casos registrados em nossas notas hypnoticas). A influencia da suggestão sobre as contracções uterinas não pode ser negada. Ora, dahi ao aborto provocado não vae longe, e a questão da possibilidade de commetter este crime por suggestão, apresenta-se em medicina legal.» Depois disto, os incredulos curvar-se-ão; e não taxarão mais de hypothese, o que fica caqui exarado. Se desejassemos ser completo neste terreno de suggestões criminosas, falariamos ainda das commettidas em estado de vigilia, em crianças e adultos, e das auto-suggestões criminosas tambem em vigilia; questões estas veridicas, e que já têm levado á barra dos tribunaes algumas pessoas: taes como os classicos processos de *Tisza-Eslar*, de *Adèle B.*, de *Gabrielle Fenayron* e *Gabriella Bompard*; (suggestões criminosas em vigilia — estes 4 — sendo o primeiro — criança, e os tres ultimos — adultos); de *Trop-*

*pmann*, e da mulher *Enjalbert*: (auto-sugestões criminosas em vigilia - estes 2 -); mas é preciso convir que não estamos fazendo um tratado sobre o assumpto vigente; e sim ligeiros traços sobre o mesmo que propomos-nos esboçar. Os que desejarem instruir-se a fundo neste ponto, não têm mais do que procurarem compulsar os livros, aqui tantas veses citados. Ha ainda, é verdade (e já iamo-nos esquecendo), *sugestão em amor*, como os casos de Chambige, Soularue, etc. Os interessados na questão vertente, podem tambem folhear os mestres sobre estes ultimos dramas da sugestão. A respeito da sugestão em amor, vá lá ainda este facto interessante, citado por R. von Krafft - Ebing (*Psychopatia sexualis*. Beobachtung xxvi p. 74), e consignado na obra de Émile Laurent (ob. cit., ps. 44 e 45). É dum pederasta, dum invertido, que fez áquelle autor, esta confissão: Eu tinha pouco mais ou menos 25 annos, quando um velho capuchinho olhou-me um dia fixamente. Torna-se como um mephisto para mim. Finalmente falou-me. Supponho ainda ouvir hoje as pulsações que enchião meu coração; estava como um ser sem vida. Marcou-me uma entrevista num hotel á noite. Fui; mas, quando cheguei á porta do mesmo, receei algum terrivel mysterio. Na segunda noute o capuchinho abordou-me novamente. Falou-me e conduziu-me a seu quarto. Eu estava como paralysado. Poz-me sobre o sofa e olhou-me sorrindo com seus bellos olhos negros; perdi os sentidos. Nunca poderei descrever esta volupia divina e sobrehumana que encheu meu ser. Só o bem-amado seria capaz de comprehender a felicidade immensa que deu-me seu amor e o quanto fui ditoço nessa noute.» *Que santo ministro de Christo!* Quão sublime foi *csta moral* que pre-

*gastes!* Para Laurent, estes phenomenos são de sugestão. Agora uma pergunta: um individuo que tornou-se criminoso sob a influencia do hypnotismo, tem responsabilidade? Não; respondem todos os autores (Garofalo, Gilles de la Tourette, Laurent, Ladame, Liégeois, etc., etc.) Para o primeiro e para o ultimo, o unico e verdadeiro culpado, é o autor da suggestão. O hypnotizado não tem sido na mão delle, mais do que, ou puro e simplesmente, um instrumento passivo, como a pistola que contem a bala ou o vaso que encerra o veneno, na feliz comparação de Liégeois. Mas Laurent pondera ainda o seguinte: se o criminoso suggestionador tiver sugerido á somnambula a amnesia, como nalguns exemplos já expostos acima? Liégeois, porém, indica o meio de desfazer a suggestão. «Uma vez que, diz elle, em virtude da ordem recebida, o accusado, nunca denunciará directamente o autor da suggestão, deve-se-lhe ou é preciso fasel-o denunciar indirectamente, por actos os quaes não comprehenderá o fim, ou mesmo por tentativas ou processos aos quaes dar-se-á uma apparencia de protecção e de defesa para o proprio criminoso.» Assim X... matou Z..., A... é o autor presumido da suggestão e X... recusa denuncial-o. Diz-se então a X...: Quando o que ordenou-vos matar Z... tiver entrado, desatareis a rir, ou então adormecereis-vos ou então collocareis-vos diante delle para escondel-o. X... obedecerá á estas suggestions que não são directamente e expressamente contrarias á amnesia sugerida, e o verdadeiro culpavel cahirá assim nas mãos da justiça (Laurent), «porque ter-lhe-á sido impossivel prever tudo e afastar todos os perigos por uma suggestão d'amnesia, por mais larga e comprehensivel que seja.» E assim conclue Liégeois.

(ob. cit., pg. 692 e seguintes) com Laurent e Gilles de la Tourette: «Então desvanecer-se-á a segurança absoluta de que parecia até aqui poderem jactar-se os que quizessem recorrer á suggestão para faser praticar um crime por uma pessoa hypnotisavel. A justiça recupera seus direitos; a suggestão criminosa conserva-se possivel em theoria, mas torna-se, na pratica, extremamente perigosa, para aquelles que fossem tentados usar della.» A' primeira vista parece que esses mestres têm razão; e o que acabastes de ler, é a ultima palavra sobre o caso. Mas se voltarmos á nossa pergunta já feita, á nossa pergunta atrasada, isto é, se o autor da suggestão for um sujeito avisado, perspicaz, de expediente, e tiver suggerido á accusada, além da amnesia ao accordar, principalmente que ninguem mais senão elle, a poderá influenciar, hypnotisar ou suggestar? O meio apontado por Liégeois perde de valor; e não obter-se-á cousa alguma da paciente ou ré. Somos levado a pensar assim; porque nunca deu-se na nossa clinica, caso algum duma pessoa suggestada por nós para ninguem mais senão nós poder influencial-a, que fosse hypnotizada por outrem, nem tão pouco que trahisse-se sequer por um gesto. Foi para certificarmo-nos dessa asserção de Liégeois, que fizemos essas experiencias em innumeros casos. Uma vez até um collega nosso ficou bastante surpreso com isso, por occasião d'assistir á uma verificação dessas. Quanto á suggestão empregada para arrancar ou obter confissões dos criminosos, este processo é indecente. Basta já, como diz Liégeois, a penosa situação dos mesmos; e, com Arthur Desjardins, concluiremos que «o juiz que recorresse a este processo de inquirição, deveria ser rebaixado e desrido de sua toga.»

Em relação ás suggestões criminosas, ainda ha um ponto de divergencia entre os autores que tem-nas estudado. Uns querem que só as pessoas degeneradas, predispostas ao crime, delinquentes natas ou instinctivas, possam executal-as; outros (e neste numero collocámo-nos) que todas. Sim; se o suggestado não é mais identicamente o mesmo logo depois da suggestão feita; se já não é mais senhor de si, dos seus actos; se a sua personalidade modifica-se incontinente; se age já pelo cerebro de outrem; como não praticar tudo quanto este outrem lhe ordenar? Se assim é, como é logico pensar-se, não precisa que o paciente tenha um psychico imperfeito! Augusto Voisin (*Actes du Troisième Congrès International d'Anthropologie criminelle*. Bruxellas, 1893, cit. por Fajardo) apresentou as seguintes conclusões, a respeito das suggestões criminosas ou delictuosas e da responsabilidade penal, no Congresso que acabamos de expor:

« 1.<sup>a</sup> A suggestividade criminal ou delictuosa no estado de vigilia ou no de hypnose está intimamente ligada á debilidade ou á degeneração mental do individuo suggestionado. »

« 2.<sup>a</sup> Ao lado dos numerosos casos negativos ou arguidos de simulação, ha outros, raros na verdade, em que, sob a influencia de uma suggestão hypnotica, o individuo é capaz de commetter os actos criminosos ou delictuosos á maneira de certos degenerados impulsivos. »

« 3.<sup>a</sup> A responsabilidade penal de um individuo, tendo commettido um crime ou um delicto sob a influencia de uma suggestão hypnotica deve ser declarada nulla, consoante aos termos do art. 64 do Código Penal Francez: « Não ha, nem crime nem delicto, si o

indiciado estava em estado de demencia ao tempo da acção, ou *quando elle tenha sido constrangido por uma força á qual elle não pouse resistir.*» Edgar Bérillon (*Actes du Tr. Congr. Inter. Anthr. Cr. Bruxellas, 1893, 120*, cit. tambem por Fajardo), no mesmo Congresso, tirou as seguintes deducções:

« 1.<sup>a</sup> Certos individuos apresentam normalmente, no estado de vigilia, e sem manobras prévias, uma suggestibilidade tal que seria possivel fasel-los excutarem automaticamente, sob a influencia de uma suggestão verbal, sem que elles disso tivessem consciencia e sem que pudesse resistir, actos delictuosos ou criminosos. »

« 2.<sup>a</sup> No caso em que fosse demonstrado, pelo exame psychologico do indiciado, que elle commetteu o acto incriminado sob a influencia de uma suggestão, deverá ser chamado a beneficiar-se do art. 64 do Código Penal que exime de responsabilidade aquelles que tiverem agido semi liberdade. »

« 3.<sup>a</sup> Por outro lado, os autores de suggestões criminosas ou delictuosas cahirão sob a applicação dos arts. 265, 267 e 268 do Código Penal, que visão as associações de malfeiteiros, e sobretudo do art. 60 do mesmo Código, que prevê a culpabilidade daquells que por abuso de autoridade, de poder, *machinações* ou *artifícios culposos*, tiverem provocado a pratica de uma acção qualificada de crime ou delicto, ou tiverem simplesmente dado instrucções para o seu commettimento. » Para Moritz Benedikt (Fajardo, ob. cit., p. 358) « a questão dos crimes por suggestão, como a da responsabilidade dos criminosos por suggestão, não tem actualidade. Não existem motivos sufficientes para que a legislação occupe-se, tanto no ponto de vista theorico

como no pratico, já destes crimes, já da responsabilidade dos criminosos que tenhão-nos commettido.»

Conforme acaba-se de ver, esta maneira de entender pessimista de Benedikt vae de encontro á opinião geral. O homem é teimoso ou systematico, não tem que ver; não parecendo ser até dum paiz adiantado como é Austria. Mendel «disse no Congresso de Bruxellas jamais ter visto curas (que horror!) pelo hypnotismo e que a suggestão só pode-se exercer sobre pessoas nervosas, hystericas, neurasthenicas (é o cumulo!), etc. Benedikt, entretanto, sendo arguido por Houzé de possuir idéas analogas, respondeu promptamente: — *Mais j'ai dit que j'ai guéri beaucoup de personnes!* » Segundo os estudos de A. de Jong (*Actes du Tr. Congr. Inter. Anthr. Cr.* 929, cit. tambem por Fajardo) «ha grandes perigos na suggestão no ponto de vista da justiça criminal, porque a execução de actos suggeridos não dependeria da vontade mesma do sujeito, senão do estado de conductibilidade das vias de associação do seu cerebro, conductibilidade muito variável e diferente segundo cada individuo.» Houzé opina que «o hypnotismo é um excellente meio de tratamento e que os actos criminosos podem ser sugeridos durante a hypnose e executados no estado de vigilia sem que o individuo tenha lembrança da suggestão.» E nós pensamos com Laurent, isto é, que a hypnose, suggestão e auto-suggestão devem ser considerados como causas de irresponsabilidade penal. E' assim que diz elle em seu livro — *L'Anthropologie Criminelle*, p. 195, Paris, 1893): «A hypnose, ou melhor a suggestão hypnotica, pode paralysar mais ou menos completamente a vontade dum individuo e leval-o a commetter um crime contra sua vontade.»

\*

\* \* \*

Concluindo este capitulo, diremos que escusado é observar que entre nós ainda não hypnotisa-se com esses fins, pelo menos no Maranhão, aqui e Amazonas; que temos repetido na nossa clinica todas essas sugestões, as quaes não expomos, para não tornarmos fastidioso, como dissemos acima (está claro que só as decentes, a titulo de experiencia), e talvez nós só; porque, mesmo entre os collegas daqui, raro é aquelle que sabe hypnotizar; e que a *auto-hypnotisação voluntaria*, tambem conhecida com o nome de *hypnotisação por erro ou por surpresa* consiste «em que o individuo cahe em somniação sem esperar e sem o propósito de se hypnotisar: tal é o caso de Walker, o amigo de Braid, que, indo hypnotisar alguem, em substituição a este, que achava-se impedido por momentos, foi por elle encontrado em completa catalepsia, de olhar fito no paciente que, entretanto, estava bem acordado a fixar o dedo de Walker.» Tal é o caso tambem, citado por Bouchut duma menina que não podia fazer casas para botão, sem cahir em catalepsia, a exemplo do fakirismo praticado pelos monges do Monte-Athos (mas aqui é a *auto-hypnotisação voluntaria*), fitando a cicatriz umbilical ou a ponta do nariz. Tanto no caso da menina de Bouchut como dos monges do Monte-Athos, o sonno pode e deve ser em parte attribuido á auto-sugestão, involuntaria no primeiro caso, como dissemos, voluntaria no segundo; «porque é bastante a

idéa do sonno para predispor neste ultimo caso, o individuo a dormir. » Na menina de Bouchut, a grande attenção e fixidez do olhar que exige para fazer-se easas para botão, dão a explicação do phenomeno. Temos sempre o habito de antes de hypnotisar qualquer pessoa, pedir-lhe que assista primeiramente á uma sessão do mesmo genero, para predispol-a ao sonno hypnotico, por auto-seggestão. Podiamos expor ainda 4 casos tipicos de auto-hypnotisação involuntaria que temos tido em nossa clinica — A. L., M. C., F. D., e M. A. G. — todas ellas hystericas, hoje completamente curadas, só por suggestão hupnotica, fazem já seis annos, sem que mais repetissem-se os ataques; mas não ha precisão. O numero de sessões para o restabelecimento total destas moças, variou; o que não admira e é natural. A que custou mais a curar-se, foi a segunda — 20 sessões — Finalmente, como diz muito bem Émile Laurent (*Guide pratique pour le traitement des nevroses*, pg. 109, Paris, 1893) e seguimos-lhe á risca o exemplo e conselho « tanto quanto possível nunca recebais em vosso consultorio nervosos e sobretudo hystericas sem que ellas estejam acompanhadas doutras pessoas, e, principalmente, nunca adormeçais uma nervopatha sem testemunhas. Seria expor-vos muito e custar-vos caro. Poderia citar o exemplo dum collega ao qual semelhantes imprudencias causarão-lhe desgosto. Conheço mesmo um cuja carreira foi cortada. » E' por sabermos mesmo que os hystericos são doentes perigosos, que acompanhamos Laurent nesta sua verdadeira maneira de ver e pensar, cercando-nos sempre duma ou mais pessoas que os leva ao nosso consultorio para hypnotisal-os, ou em casa do doente, da familia do mesmo.

Não obstante as precauções de que sempre temos lançado mão, uma hysterica, doente do distinto collega Paes de Carvalho, e filha dum alto personagem, actualmente entre nós, não teve a audacia, conforme contou-me esse collega, no bond, em que vinhamos um dia juntos, de querer atirar-nos o labéo de infame, na nossa honestidade de profissional; o que elle promptamente protestou, visto ter estado sempre presente nas sessões hypnoticas que fasiamos á essa doente. Daqui enviamos ao illustrado medico, os nossos sinceros agradecimentos.



## Automatismo e Distracção

Este capítulo versará sobre douis pontos tambem novos — o automatismo e a distracção, em geral. Como não temos conhecimento próprio sobre estas theses, contentamos-nos de trasladar para cá, o resumo feito por Alfredo Binet, no seu *Année Psychologique* (3.º anno, 1897, com a collaboração de H. Beaunis, Th. Ribot, Bourdon, Courtier, Farrand, Flounoy, Philippe, Vaschide, Varren e Victor Henri), dos estudos e observações recentes de J. Grasset, L. M. Solomons e Gertrudes Stein, sobre estas questões. Foi Pierre Janet, (*L'Automatisme psychologique. Essai de psychologie expérimentale sur les formes inférieures de l'activité humaine.* Thèse de doctorat ès lettres, 1889, et 2.º édit., in *Bibliothèque de philosophie contemporaine*, 1894; *État mental des hystériques. Les Stigmates mentaux.* Bibliothèque Charcot-Debove, 1893. *État mental des hystériques. Les Accidents mentaux.* Thèse de doctorat em Médicine, et Bibliothèque Charcot-Debove, 1893) o primeiro, que mostrou a importancia duma função do sistema nervoso — o automa-

*tismo psychologico.* — Sucedeu-lhe depois, nestes ultimos annos, um grande numero de trabalhos devidos a Myers, Gurney, Richet, Fére, Binet, etc. «É sempre interessante, diz este ultimo autor, ver o que vem a ser no mundo medico as idéas e as theorias que provêm dos psychologos. Essa actividade psychica, que diz-se inferior, existe no estado normal; encontra-se-a nos sonhos e nos actos de distracção, nos individuos saos; constitue o fundo dos phenomenos um pouco especiaes que provoca-se nas pessoas nervosas: mesas gyrantes, lectura de pensamento, escripta automatica; manifesta-se especialmente nos medios. Na pathologia nervosa, a actividade automatica occupa um logar importante, porque é á ella que prendem-se os somnambulismos espontaneos e provocados, os stigmas permanentes dos hystericos, muitos symptoms epilepticos e alguns symptoms da alienação mental. Os medicos têm aceito nestes ultimos tempos muitas destas theorias psychologicas, alterando-as um pouco. Grasset consagrou muitas lições ao automatismo psychologico, a propósito de doentes de seu serviço. Schematisou muito os phenomenos, sem duvida para faser comprehendel-os melhor seus ouvintes; mas receiamos bastante que a luz produsida pelos schemas deste genero não seja um pouco enganadora. Suppõe que o automatismo psychologique resulta *de la mise en activité* de centros cerebraes inferiores, reunidos uns aos outros por fibras d'associação, e formando um *polygono* que basta por si proprio para receber as impressões, conserval-as, elaboral-as e produzir actos, acções combinadas duma maneira intelligente. Demais, o *polygono* é unido, preso, no individuo normal, a um centro O, centro superior, que é a séde da percepção con-

sciente e pessoal, da razão, da vontade e da responsabilidade humana. Eis agora como o autor, servindo-se de seu schema histologico, define o automatismo; para definil-o, distingue-o ao mesmo tempo dos actos reflexos e dos actos livres. Os actos automaticos não são reflexos; o movimento automatico (exemplo: "a fuga dum epileptico) produz-se sem haver necessidade duma impulsão exterior actual. Tem as apparencias da expontaneidade. Pelo contrario, não ha ahi expontaneidade alguma mesmo apparente quando a percussão do tendão rotuliano faz, por acto reflexo, levantar a perna. Por outro lado, os actos automaticos separão-se dos actos psychicos superiores, no que são ou estão submettidos a um determinismo rigoroso, sem variação e sem capricho; não implicão nem liberdade nem responsabilidade. Noutros termos, o polygono *joue sans subir le contrôle* (os grifos são nossos) do centro O. Com este schema o autor explica o mais claramente possível aos estudantes de medicina o mecanismo de muitas perturbações nervosas e mentaes, e encontra ao mesmo tempo, expressões felizes que representão a imagem e gravão na memoria. A distração, por exemplo, é uma dissociação entre o centro O e o centro polygonal. «Quando Archimede saie á rua em trajes de banho, gritando *Euréka*, caminha com seu polygono e pensa em problema com seu centro O.» Erasmo Darwin conta a historia duma actriz que, representando e cantando, não pensava senão em seu canario moribundo. «Cantava com seu polygono e chorava seu canario com O.» No acto da vareta adivinhadora, os movimentos involuntarios e inconscientes são movimentos polygonaes, o polygono estando então completamente separado de O.

Os movimentos pelos quaes faz-se gyrar as mesas, sem querel-o (e tambem, deve-so ajuntar, sem recusar-se a isso) são movimentos polygonaes. A experientia do pendulo explorador, devido a Chevreul, é um pouco mais complexa, pois que tem-se deste a ideia dum certo movimento antes de executal-a involuntariamente com a mão que transmitte-o ao pendulo, é uma idéa que segundo Grasset, emana de O e torna-se polygonal. Nos alienados, hystericos e epilepticos que fogem, o mecanismo varia; se a pessoa é impellida por uma idéa da qual tem consciencia e da qual guarda ou conserva constantemente a lembrança, ha ahi uma accção de O sobre o polygono; no caso contrario, é uma crise d'actividade do polygono, ou cellulas motoras com suppressão das communicações com O. Na catalepsia, tão curiosa por sua inercia physica, ha ahi tambem uma ruptura das communicações com O, e ha, além disto, uma inercia mais ou menos accentuada do polygono. A anesthesia tão caprichos, tão cheia de contradicção apparente, dos hystericos, que permite-lhe vestir-se, abotoar-se, pentear-se com mãos insensiveis, explica-se por uma emancipação do polygono, que recebe as impressões e combina os movimentos sem fazer parte delle em O; a ruptura das communicações sensorias com O explica a anesthesia. As paralysias hystericas e certas abulias puramente motoras resultão duma ruptura entre o polygono e as communicações motoras com O. Na suggestão, o centro O do hypnotizador obra sobre o centro polygonal do hypnotizado.»

Mas, se talvez haja alguma vantagem, para a clareza duma exposição puramente medica, como faz perfeitamente notar Alfredo Binet, em imaginar um cen-

tro psychico superior e um polygono de centros inferiores, segundo Grasset, conforme vio-se acima: commetter-se-ia um erro, pondera com razão aquelle autor, tomado estas hypotheses ao pé da letra. Este centro O, continua Binet, que assemelha-se *un peu trop* á glandula pineal na qual Descartes alojava a alma, que torna-se nos desdobramentos de personalidade analogos aos de Felida, que vive, durante meses, ora numa condição mental, ora noutra? Pode-se diser que uma destas existencias é uma vida automática (polygonal, sem associação de O) e que a outra destas existencias é uma vida completa (com o polygono e O synthetisados)? Evidentemente não; e o embaraço de Grasset a explicar-se sobre este ponto, mostra a falta de couraça que existe em sua theoria.» Para Binet, não ha separação manifesta entre a vida automatica e a vida psychica superior; a vida automatica, complicando-se e refinando-se, torna-se a vida psychica superior, e, por consequencia, segundo o mesmo mestre, é inexacto attribuir á estas formas d'actividade orgãos distinctos. Seja como for, são questões ainda muito obscuras (Binet), e é preciso, um dia, decidir-se a por de lado as hystericas (em quem tem-se feito estes estudos) e cultivar, estudar estes phenomenos em individuos normaes sabendo analysar-se exactamente.

\*

\* \* \*

Agora quanto aos estudos de Solomons e Stein, resumem-se no seguinte: «procurarão se existia phenomenos de automatismo intermediarios, podendo ser-

vir de transição entre os da vida normal, dum lado, e os da vida dos hystericos, do outro. Os dos hystericos são phenomenos de inconsciencia e de multiplicações das personalidades nos quaes funções superiores intervêm; os da vida normal, por exemplo o facto de vestir-se ou despir-se incompletamente sem disto ter conhecimento, consiste em operações relativamente mais simples. O fim dos autores foi procurar desenvolver o automatismo da vida normal até seu maximo de complexidade. Fiserão as experiencias em si proprios; e além disto confessão gosar excellente saude. Suas experiencias consistem na tendencia geral ao movimento, sem impulsão motriz consciente; na tendencia duma idéa em despender-se em movimento, involuntario e inconsciente; na tendencia duma corrente sensorial a gastar-se em reacção motora inconsciente; no trabalho inconsciente da memória e da invenção.

No primeiro caso, eis como procedem os mesmos autores: «A mão é posta ou collocada sobre nma taboinha, analoga á dos espiritas (*c'est une planche glissant sur des billes de métal et armée d'un crayon; on met la planchette sur une table, sur du papier, et le crayon écrit tous ses mouvements*). O espirito da pessoa é ocupado em ler uma historia interessante. Nestas condições, produz-se facilmente, quando a pessoa habitua-se a não observar sua mão, movimentos espontaneos, que derivão ordinariamente de estímulos produzidos por uma posição fatigantes; demais, excitações exteriores (por exemplo se move-se a taboinha), provocão na mão movimentos de diversos sentidos, cuja repetição dos mesmos pode-se provocar, e os quaes continuam por muito tempo. A distração da atenção é uma condição importante; porém não é preciso que

a historia lida para distrahir seja muito commovente, porque esta emoção pode produsir movimentos reflexos ou uma tensão muscular que prejudica aos movimentos inconscientes.» No segundo caso, elles procedem desta forma: «A pessoa lê em alta voz, segurando com a mão um lapis; ás vezes escreve uma palavra que lê, sobretudo quando esta palavra é pequena; as palavras compridas são unicamente principiadas; esta escripta faz-se muitas vezes sem que a pessoa saiba.» No terceiro, praticão assim: «O sujeito lê em alta voz e escreve as palavras que durante a leitura uma pessoa dicta-lhe em voz baixa. A' estas experiencias só chega-se depois de muito enlevamento. No começo, é bastante penoso; para-se de ler desde que ouve-se uma palavra. E' preciso aprender a reter sua attenção sobre a leitura. Chega-se logo a continuar a leitura sem interrompel-a, mesmo quando houver dictados de 15 ou 20 segundos: a escripta torna-se inconsciente. A leitura inconsciente faz-se mais facilmente; a pessoa lê um livro que não apresenta interesse algum, e durante este tempo conta-se-lhe uma historia muito interessante; quando a experiencia *est bien en train* (os grifos são nossos), pode ler uma pagina inteira, sem ter disto consciencia e sem recordar-se de nada; a leitura não fica destituída inteiramente de expressão, mas monotoná; contém erros, substituição de palavra. A leitura é sobretudo boa quando versa sobre assuntos familiares.» No quarto caso, finalmente: «Aqui as experiencias são mais difficeis e só realizarão-se porque as pessoas estavão bem exercitadas pelas experiencias precedentes. Primeiramente, praticarão a escripta automatica espontânea; por exemplo lendo, sua mão escrevia; depois, dispensarão-se

mesmo de ler para desviar ou distrahir a attenção; numa dellas, Miss Stein, a distracção era bastante quando lia as palavras que sua mão acabava de escrever algum tempo antes; a escripta espontanea da mão era involuntaria, inconsciente; as palavras escriptas erão ás vezes despidas de sentido; havia ahi principalmente repetições de palavras e de phrases.

Os autores puderão igualmente, pelo mesmo methodo, reproduzir inconscientemente passagens que sabião de cór, porem nunca escreverão. A condição essencial de toda esta actividade automatica é uma distracção da attenção obtida voluntariamente; não é preciso entretanto que a distracção da attenção seja solicitada com grande empenho; se, por exemplo, relê-se uma passagem duma historia que não havia-se comprehendido logo, e que é necessario para a comprehensão do resto, então, sob a influencia deste accrescimo da attenção, toda a actividade automatica é ou fica suspensa. » Estas experiencias parecem-se com as que Binet publicou ha muito tempo ja no *Mind*, e as quaes elle traz resumidos na sua obra — *Alterations de la personnalité*. — Apenas são um pouco mais complicadas, como este proprio sabio confesssa, devido a terem Salomons e Stein enlevado-se longamente; podendo assim obter a escripta automatica espontanea, o que nunca foi conseguido por Alfredo Binet em seus doentes. « Porem não é ahi que deve ser procurada a novidade do estudo de Solomons e Stein; consiste antes no que sendo psychologos, puderão analysar de muito perto o que passava-se em sua consciencia durante as experiencias; é esta auto-analyse que dá um immenso interesse a seus estudos. Vamos expor as observações que fiserão.

Primêiramente, experimentarão a sensação quando tiverão a occasião de perceber sua actividade automática, que esta actividade tem um carácter *extra-pessoal*, isto é, é-lhes estranha. Assim, se percebem que, durante uma leitura, sua mão faz mover a taboinha, este movimento apparece-lhes como produsido por uma causa exterior; não têm consciencia deste senão para as sensações que acompanham este movimento produsido. Quando a pessoa lê em alta voz, escutando uma outra pessoa o ruido de sua propria voz, se ouvem-no, parece-lhe estranho. E' principalmente na experiença da escripta automática quando é dictada durante uma leitura consciente que tem-se podido notar ou perceber o mecanismo desta inconsciencia. A escripta quando é dictada comprehende quatro elementos: 1.º audição da palavra dictada; 2.º a formação dum impulsão motora; 3.º uma sensação de esforço; 4.º uma sensação centripeta, vindo do braço, e advertindo que o movimento graphico foi executado. A impulsão motriz é difficil de descrever; compõe-se de representações visuaes e motoras do movimento a executar, e de outra cousa ainda. Nas experienças viu-se produzir por gráos a inconsciencia da operação toda ou inteira. O que torna-se primeiro inconsciente, é a sensação de esforço. Ouve-se a palavra dictada, tem-se uma idéa de escrever, e isto encontra-se escripto; não tem-se ou não experimenta-se a sensação da difficuldade de «*quelque chose d'accompli* (são nossos os grifos).» O acto ainda parece voluntario. Esta sensação de esforço volta quando o braço fatiga-se. O segundo gráo é a desapparição da impulsão motriz; a escripta cessa de parecer voluntaria. Ouve-se a palavra e sabe-se que tem-se-na escripto; é tudo. A escripta é consciente e

torna-se entretanto *extra-pessoal*. A sensação de que a escripta é *nossa* escripta parece desapparecer com a impulsão motora. As vezes a pessoa conserva um elemento da impulsão motriz, a representação visual do movimento a executar, e todavia o movimento parecia-lhe estranho. Os autores pensão,— porém avanção esta hypothese com muita reserva,— que ha ahi numa impulsão motora a consciencia duma corrente motora centrifuga, e que é esta consciencia que é o facto capital, que permite attribuir um acto á nossa personalidade, ou que fal-o considerar como estranha. A inconsciencia pode ainda faser progressos, e então o sujeito ou pessoa não tem mais consciencia de ouvir a palavra dictada, nem consciencia de tel-a escripto; esta ultima consciencia é a ultima a perder-se; a pessoa pode tornar-se inconsciente de ter ouvido a palavra, e ficar consciente de tel-a escripto. Porém não é sobre esta base ou motivo que repousa ou assenta a sensação da personalidade, porquanto o sujeito pode ouvir a palavra, saber que tem-na escripto e todavia julgar que o movimento não provem delle.

Esta analyse curiosa, os autores levarão-na mais longe ainda na escripta automatica e espontanea; observarão que podem não só vigiar sua mão, mas prever o que ella deve escrever, e entretanto, mesmo nestas condições, o movimento d'escripta conserva-se estranho á pessoa. Se realmente sua hypothese é justa, se a sensação da personalidade repousa sobre a consciencia da descarga motriz, seria uma solução inteiramente nova e curiosa dum problema que, até presentemente, tem sido bastante discutido (*Je renvoie sur ce point à mon étude sur M. de Curiel*, où l'on trouvera cette idée que la séparation des personnalités vient très probable-

ment d'un phénomène d'inconscience portant sur une partie des processus psychologiques — *Année Psych.*, I, p. 147, Alfred Binet —). Os resultados obtidos parecem mostrar que o automatismo normal, desenvolvendo-se, pode tornar-se quasi tão complexo quanto a vida subconsciente dos hystericos. Era nisto que consistia o fim proposto pelas investigações, e os autores imaginão ou julgão tel-o attingido. Observão que o que distingue aqui o hysterico do sujeito normal, é que o hysterico é distrahido porque não *pode* deixar de sel-o, enquanto que a pessoa normal realisa o estado de distracção porque o *quer*. A hysteria é pois bem, pelo menos em parte, uma molestia da attenção. A propósito do papel da attenção nestes phenomenos de inconsciencia, assignalemos no artigo tres observações curiosas, das quaes os autores não approximaro-se, nem tão pouco medirão-lhe o alcance. Estes tres factos são os seguintes: 1.º quando a historia que lê-se para distrahir-se torna-se muito commovente, os movimentos subconscientes cessão; 2.º cessão igualmente, se é necessário faser um esforço intellectual considerável para comprehendér o que lê-se; 3.º no caso em que escreve-se automaticamente quando dicta-se, se o dictado faz-se em voz muito baixa, exigindo um esforço para comprehendér, a consciencia reappece. Isto mostra que o estado de divisão mental só mantem-se se a attenção empregada não atinge seu maximo. Ha motivo, ou tem lugar aqui de approximar estes factos dumha engenhosa observação de Mercier que vem consignada no « *Année Psychologique*, II, p. 889 — 890. »

## Psychometria e Telepathia

Trataremos aqui de outras questões tambem da actualidade — da psychometria e da telepathia — Papus, em seu monumental *Traité de Magie Pratique*, 1893, pag. 165, expressou-se da seguinte forma sobre estes pontos: «On comprend sans peine que ce sont là des ligues très générales et qui peuvent beaucoup varier touchant les entraînements psychiques préliminaires; nous arrivons maintenant à quelques pratiques plus difficiles, mais bien plus importantes pour le magiste. Ceux qui éprouvent une certaine difficulté à prendre résolument une décision, ou même ceux qui veulent pousser assez loin l'entraînement psychique, feront bien d'user de la pratique suivante»: que é o processo indicado por F. Ch. Barlet, citado na dita obra de Papus; e o qual consiste nisto: «Todas as manhãs ao acordar, e tanto quanto possível no correr do dia, embrulhar-se-ão numa coberta de lã, cobrindo a cabeça com uma das extremidades, e conservar-se-ão assentados no leito, concentrando o pensamento sobre os trabalhos a emprehender durante o dia e passando

em revista o organismo segundo as impressões fornecidas pelo sentido interno. Farão este exercicio de meditação primeiramente durante 10, depois 15, depois 20 minutos cada manhã, seis vezes por semana. Durante este tempo a respiração será lenta e profunda. No fim dalguns dias de pratica deste processo, sentir-se-á um grande bem-estar e o ser de vontade tomará cada vez mais autoridade sobre o ser impulsivo. Pode-se então ensaiar a psychometria, depois a telepathia.» Mas como se pratica a psychometria? « Tanto quanto possível na obscuridade e primeiramente com letras de pessoas conhecidas, letras que mistura-se antes da operação e que põe-se uma a um sobre a fronte (testa), concedendo cinco minutos de meditação á cada uma dellas. No fim dalguns dias de exercicios as imagens precisão-se, tornão-se mais patentes, e a visão ou a impressão das pessoas que escreverão manifestão-se com mais intensidade. Substitue-se em seguida as letras por objectos antigos, e as visões das civilisações antigas apresentão-se *au voyant* e duma maneira consciente, se é bastante desenvolvido, manifesto. Achar-se-á alem disto detalhes complementares sobre a psychometria, quer na obra do creador do methodo, quer na revista a *Iniciação*. » Quanto a telepathia que não é mais do que « a comunicação de pensamento á distancia, » pode-se ensaiar-a, quando tem-se conseguido obter alguns resultados satisfatórios pelo emprego da psychometria. » O phenomeno consiste no seguinte: « Dous operadores applicão-se á meditação numa mesma hora, em dous pontos diferentes. Um destes operadores concentra seu pensamento (pense fortemente) numa cousa, o outro experimenta, sente o pensamento do primeiro. Os Arabes primão neste genero de pra-

tica, graças ao seu habito da meditação. Para deta-  
lhes complementares, procurar nos *Annaes das sciencias psychicas* as experiencias muito curiosas de dous  
homens de letras, M. Léon Desbeaux, actualmente di-  
rector do Odéon, e M. C. Henrique, o autor do *Amour*  
soberbo drama esoterico, e tambem nossas experien-  
cias pessoas entre Paris e Marselha, no *Voile d'Isis* e  
na *Initiation*. Resultados igualmente bastante con-  
cludentes forão obtidos no estudo da psychometria *au*  
*Groupe indépendent d'études ésotériques* (Papus, ob.  
cit. pgs. 166 e 167).» E os factos seguintes que vamos  
expor não serão conhecidos com o nome de telepathicos,  
não se poderá classifical-os de telepathia: o ir-se  
andando por uma rua, de repente lembrar-se a pessoa  
duma outra, e esta ultima surgir dnm canto; o recordar-  
se a gente da morte dum conhecido, e neste mesmo  
instante, bater á porta, vindo o portador traser essa  
nova, ou mesmo só pela facto de recordar-se dessa  
pessoa morta, desenhar-se sua figura amortalhada,  
como tem isto acontecido á muita gente ??? Com o  
Bispo do Pará, depois Arcebispo da Bahia — o finado  
D. Antonio de Macedo Costa — deu-se um caso destes,  
que bondosamente foi-nos relatado pelo distincto col-  
lega Dr. Bonifacio de Carvalho. Esse Padre era muito  
amigo dum outro estrangeiro que fôra seu collega na  
Europa, onde formarão-se ambos; e entretinhão cor-  
respondencia assidua. D. Antonio deixava já de rece-  
ber cartas desse amigo ha muito tempo, quando uma  
noite estando deitado (não sabemos, se neste momento  
estaria a pensar nesse seu collega, como é provavel)  
vio perfeitamente a imagem do seu amigo pintar-se  
diante delle, vestido com os paramentos officiantes, e  
dizer-lhe estas palavras — *deixei de existir ha tantos*

dias — (não nos lembramos agora do numero de dias), e . . . desapparecer. Elle levantou-se, foi ter com o seu secretario (que nesse tempo era o Padre Conego Dr. Feliciano Abreu, do Maranhão, relator deste caso ao Dr. Bonifacio de Carvalho), contou-lhe o facto, e tomorrow ambos nota. No outro dia, D. Antonio escreveu para Europa, perguntando noticias desse seu collega; e a resposta que lhe veio, foi da morte delle, que havia sido, que coincidira com a noticia que lhe havia dado a figura da celeberrima noute, que lhe ficara para sempre na lembrança, enquanto viveu neste mundo. Outro caso identico deu-se na America, com um rapaz. Este, uma bella noute, estando já recolhido, vio abrir-se a porta, e a figura amortalhada do pae entrar, approximar-se do seu leito, e diser-lhe: *deixei de existir hontem ou hoje* (tambem não prendemos a data, nem tão pouco se pensava no pae, nessa occasião, como talvez acontecesse); elle tomou nota; e no outro dia, se não estamos enganado, ou dous dias depois, o telegrapho transmittio-lhe igual nova, que coincidia com a que fôra-lhe feita pelo telegrapho mais rapido — o pensamento. — Citarei outros casos semelhantes, inclusive este que deu-se com dous collegas nossos, quando estudantes ainda. « No dia dez de Desembro de 1887 estavamos muito despreocupado fasendo os nossos estudos do 3.<sup>o</sup> anno, na Bahia, quando, ao meio dia, mais ou menos, ouvimos um grande baque na porta. Um nosso companheiro de casa — o Dr. Antonio da Silva Crûz — que ahi achava-se na occasião, levanta-se, abre a porta, e com bastante surpresa não vê pessoa alguma. Minutos depois ouvimos, eu e elle, ruido igual ao primeiro; e como da primeira vez abriose a porta e nada encontrou-se. Uma brincadeira não

podia ser; porque estavamos a 72 degráos do rez do chão, subindo por um corredor comprido e claro. O facto repetio-se pela terceira vez, tendo nós, eu e elle, ficado do atalaia, com a mão na chave; e como das outras nada vio-se. Surpresos com aquillo, tomamos nota do dia e da hora do occorrido, esperando mais dias menos dias, que alguma desgraça estivesse-nos ameaçando. Infelizmente, vinte dias depois tivemos noticia do fallecimento dum a nossa irmã, victimada naquelle dia e hora. (Dr. Bonifacio de Carvalho.)»

Um outro caso semelhante, que tambem foi-nos referido pelo mesmo collega, é contado por Flammarion, numa de suas obras, que neste momento não recordamos-nos qual seja o seu titulo. Eil-o: «certo dia, o comandante do vapor X (esquecemos-lhe o nome), que atravessava o alto oceano, ficou perplexo, quando encontrou a agulha com direcção diversa ao rumo que trasião. Aborrecido com o facto, sem saber quem tinha ousado penetrar nos seus arcanos, endireitou-a novamente e ordenou vigilancia naquelle compartimento. Um moço que até então não tinha sido visto a bordo, correctamente vestido de lucto, pallido, circumspecto, dirigio-se á bussola, mudou a direcção da agulha, e escreveu numa lousa alli posta, as seguintes palavras: á poucas milhas daqui, está incendiando-se um navio, e precisa de socorro urgente. Tomando a direcção indicada na lousa e na agulha, foi effectivamente encontrado, á pequena distancia, um navio, no meio das chamas. Salvou-se muitas vidas; mas desconhecia-se o salvador daquella situação.» Ainda outro facto semelhante, relatado por Flammarion, e a nós comunicado pelo supra dito collega: «Viajavão douz irmaos, certo dia, por uma estrada. Chegados a determi-

nado ponto, um delles (provavelmente o mais velho) convencionou com o irmão de separarem-se na encruzilhada A., seguindo elle o caminho B., onde deveria ultimar um negocio, para encontrarem-se depois um dia marcado na estrada C. As cousas nesse ponto, despedirão-se, ficando em A o irmão mais moço. Logo á primeira noute, o irmão L. (assim chamaremos o mais velho) não pôde conciliar o sonno; e no meio dum pesadelo terrivel, chegou a ver o irmão M., que pedia-lhe soccorro, que viesse em seu auxilio, pois queriam-no matar para roubal-o. Despertando, procurou afastar do espirito aquella idéa sinistra, supondo-a um sonho. Conciliando novamente o sonno, sentio um pesadelo ainda mais horrivel: viu o irmão ensanguentado, pedindo-lhe por tudo que socorresse-o, e que qualquer demora de sua parte, ser-lhe-ia fatal. Acordando de novo, ficou bastante impressionado; mas ainda desta vez despresou aquella visão do sonho, considerando-a effeito do cansaço ou da fadiga da jornada. Pela terceira vez tentou dormir, e o sonho foi-lhe um desengano terrivel. Apparece-lhe o irmão e diz-lhe: não vieste em meu socorro, agora é tarde, já não existo. Se quiseres punir a minha morte, volta immediatamente, toma a estrada C., e á certa distancia encontrarás uma carroça carregada de lixo, condusida por um aldeão que leva uma vassoura pendida no hombro, assobiando, com ares de inocente. Pois bem: — por baixo do lixo está o meu cadaver com tantas punhaladas, e o assassino é o conductor da carroça. Immediatamente o irmão levanta-se, despertando daquelle pesadelo tremendo, e resolve-se a voltar, seguindo a direcção indicada no sonho. Effectivamente, já não encontrou o irmão, onde havia-q deixado. Tomando o caminho C.,

encontra, á pequena distancia, um individuo com uma vassoura ao hombro, assobiando, e condusindo uma carroça carregada de lixo. Não teve mais duvida, tudo havia-se dado como em sonho elle vira. Preso o carroceiro, que a principio tudo negou, foi encontrado o cadaver com tantas punhaladas (tal qual havia apparecido em sonho), por baixo do lixo. » Como explicar esses factos?! Quantas veses ao recordarmos-nos dum a pessoa, vemol-a apparecer immediata ou quasi immediatamente: *Vocè não morre cedo, costuma diser o vulgo, é pessoa aparecida!* Outras veses é falarem duas pessoas ao mesmo tempo, a mesma cousa e proferirem as mesmas palavras: *Vocè tirou-me a palavra da bocca*, diz o povo, ou *havemos de ser compadres!* Comnosco então, dá-se na vida clinica, quasi diariamente, uma cousa curiosa. A's veses somos chamado para ver um doente que parece já estar despedindo-se deste mundo; chegamos á sua cabeceira, e nada experimentando de funesto, isto é, uma tal *voz interna* que dantemão costuma falar-nos sobre o desfecho do enfermo, não ocorrendo-nos; ficamos satisfeito, porque sabemos que ha probabilidade de salval-o; e muitas veses garantimos á familia do mesmo que elle levantar-se-á (embora este procedimento seja contrario aos nossos habitos, e só usando delle como experienca, podendo ainda um dia sahir-nos caro — manchar nossa reputação de profissional — ). Até hoje, porém, tudo tem sahido de acordo com as nossas previsões; o que não quer dizer que um dia a casa não caia, pois nada é infallivel nesta vida. Outras veses é o contrario que acontece. Um doente que parece apresentar esperança de cura, quer prompta, quer demorada, cujo estado é lisongeiro apparentemente; lá vemi-nos a tal *voz inter-*

na faser o prognostico de — *morre* — mais hoje, mais amanhã, ou depois, etc.; e morre mesmo. Ainda não escapou um só destes. O que é isto? Como explicar? E' o que chama-se presentimento? Mas o que é presentimento, scientificamente falando? Para Emmanuel Vauchez (*La Terre*, tome second, p. 75, 1893) o *presentimento, a lucidez e a telepathia* não são no fundo senão um e mesmo phenomeno, isto é, a percepção dum facto inacessivel a nossos sentidos normaes, e isso por meio de processos psychicos ainda mysteriosos. Que seja no sonho, no estado de vigilia, ou num estado intermediario entre a vigilia e o somno, ou no estado de somnambulismo magnetico, ou por intermedio de diversos processos ditos espiritas..., a formula importa pouco, o resultado é tudo. Ora esse resultado revela uma *força* desconhecida, talvez uma faculdade da alma humana ignorada, consistindo em ver, dans le lointain relatif des âges, assim como vê-se no espaço; e isso, sob uma forma mais ou menos allucinatoria. Para os espiritas, essas cousas são faceis de serem explicadas. Lá arranjavão um espirito, e estava tudo claro como agua. Para um Theotonio Vieira de Castro, para um Manuel Anaquim e um Élie Méric, um poder sobrenatural é o factor explicativo desses factos naturaes, embora ainda nas trevas, ainda não esplanados pela sciencia actual. Porem não vão suppor os que leremos, que esses factos, por não estarem ainda hoje ao alcance, ao corrente da nossa concepção, deixão de ser naturaes. Como nós, pensão todos os scientistas adiantados, todos os cerebros livres, de qualquer nacionalidade que sejão; medicos, physiologistas, hypnotistas, anthropologistas, philosophos, etc., — os Scipio Sighele (*La Foule Criminelle — Essai de Psychologie Col-*

*lective* — Paris, 1892, etc., o joven jurista de genio como chama-o Lombroso, A. Mosso (*La Peur — Étude psycho-physiologique*, etc. Félix Le Dantec (*Le Déterminisme biologique et la personnalité consciente*, 1897, etc.), Louis Viardot (*Libre examen*, etc.), Enrico Ferri (*Socialisme et science positive*, 1896, etc.), Lombroso (*Nouvelles recherches de Psychiatrie et d'Anthropologie*, 1892, etc.), Oliveira Martins (*Elementos de Anthropologia*, etc.), Preyer, Herbert Spencer, Henry Maudsley, Emile Ferrière, Jules Soury, Nordau, Jacolliot, Strauss, Renan, Hoeckel, Magnus, Littré, Nöldeke, Schmidt, Lefévre, Louis Buchner, etc., — e como Mundus (*Bible moderne* — livro primeiro — pg. 9, 1892) diremos sobre o sobrenatural o que este ultimo disse na sua obra sobre as religiões: — *não estão mais em relação com a intelectualidade moderna.* — Hodiernamente falando, quer-se, ou melhor, precisa-se comprehendender para crer. A crença é *une jouissance*, e a duvida *une souffrance*. Certos factos ainda não esplanados até agora, serão mais tarde: os annaes scientificos vão encher-se destes. Mas o que não pode-se concluir, é que uma cousa por não ter recebido ainda sua explicação, deixe de faser parte do quadro das cousas naturaes, tornamos a insistir. E' neste fim que estão empenhados os sabios da actualidade. Terminando, perguntaremos se serão ainda da alcada da telepathia, ou antes, das predicções hypnoticas, da clarividencia, estas predicções que os Anaquins considerão como propheticas? Ei-las: «Commines conta, que Angelo Catho anunciou a Luiz XI a morte do duque de Borgonha no proprio dia em que este valente militar batia-se em Nancy, distante de Tours, onde o rei estava, uma porção de leguas; a 13

de Junho de 1800, na vespera da celebre batalha de Marengo, o grande general Desaix, possuido de tristes presentimentos, disia aos seus ajudantes de campo: « Ha já muito tempo, que eu não bato-me na Europa, as balas já não conhecem-me, ha de succeder qualquer desgraça. » e quasi no fim dessa batalha caiu morto. Lassalle, escreveu á meia noute, do campo de batalha de Wagram, a Napoleão, pedindo-lhe que assignasse o decreto da transmissão dos seus titulos, porque sentia a sua morte no dia seguinte, o que effectivamente aconteceu; e Cervoni, um quarto de hora antes de cahir morto no campo de Eckmühl, ferido por uma bala, disse a Napoleão: « Senhor, haveis-me forçado a abandonar Marselha que eu tanto amava; eis-me aqui, este é o meu ultimo dia (Manuel Anaquim — obr. cit. — pg. 112). »



## Clarividencia

Nos ocuparemos detalhadamente neste capitulo da clarividencia; questão, embora antiga, como os outros phenomenos que temos estudado até aqui, mas que só nestes ultimos tempos vae sendo melhor comprehendida e recebendo portanto a verdadeira interpretação. Sobre este assumpto, eis como exprime-se Sédir:

« Chama-se *Clarividencia* a faculdade de vêr tudo o que se acha fóra do alcance de nosso olhar physico. A clarividencia pode se exercer no Tempo ou no Espaço. No Tempo, faz descobrir as cousas futuras (presentimento, prophecia, etc.) ou deixa perceber as cousas passadas. No Espaço, produz o que os psycho-physiologistas de hoje chamão « allucinação telepathicas visuaes » (Voyez-en de nombreux exemplés dans les *Annales des sciences psychiques* dirigées par le Dr. Dariex, et en général dans tous les organes spiritualistes). Desde Mesmer, illustres philosophos sobretudo entre os allemães, ocuparão-se desta singular faculdade do homem; procurarão sua theoria, e é depois de Kant, Schopenhauer, depois do instaurador do

monismo, o Dr. C. du Prel (*Voyez ses derniers articles dans la Revue « Sphinx » de Berlin, et sa Philosophie der Mystik*) que vou tentar uma elucidação destes phenomenos tão pouco communs. Para estabelecer esta theoria partamos deste axioma de sentido commum que a clarividencia é uma percepção. Ora o que é uma percepção? Uma percepção é uma sensação transportada, transmittida á consciencia, e como nada existe para nós se não temos consciencia, estes dous termos, sensação e percepção, equivalem-se na realidade. Segundo Vyasa (*in comment. Patandjali*), a sensação é esta manifestação da intelligencia, do mental, que consiste principalmente na verificação das qualidades específicas dos objectos, isto é de suas apparencias phenomenicas. Segundo Kapila (*Sankhya Yoga*, I, 89. Voy. l'excellent résunié qu'en a fait en 1884 Rama Prasad dans le *Theosophist*.—Nous avons fait beaucoup d'emprunts à la philosophie orientale parce que ses maîtres ont toujours été unanimes à reconnaître l'irréalité du monde phénoménique, conclusion à laquelle les Occidentaux ne font que d'arriver) a sensação é esta manifestação mental que se produz como uma apparencia daquillo com que está em relação. A sensação vimos, tem por efeito a percepção. Emfim o Nyaya define a percepção como o acto do conhecimento pelo qual o orgão sensorial chega en relação ou em contacto com seu objecto (R. Dubois et J. Renant ont établi que le phénomène de la vision se réduit, en dernière analyse, à un véritable phénomène tactile. Chez les Mollusques étudiés par R. Dubois comme chez les Vers (Darwin), le passage de l'obscurité à la lumière, l'intensité lumineuse et la longueur d'onde, la durée de l'excitation lumineuse provoquent

des contractions d'une certaine espèce encore qu'aucun rudiment d'œil n'existe. Les fonctions photodermatiques nous apparaissent ainsi comme les plus anciennes du sens de la vision. Sous l'influence des rayons lumineux, la peau de ces invertébrés agit déjà comme une rétine élémentaire, et, en se propageant à travers les téguments superficiels, la lumière détermine des contractions réflexes analogues à celles de l'iris.» J. Soury, *La vision mentale*, Revue philos., Janvier 95.— R. Dubois, *Le mécanisme des fonctions photodermatiques et photogéniques dans le siphon du Pholæ Dactylus*). Estas tres definições dadas por tres sistemas diferentes offerecem uma concordancia notavel. Indicação que o acto da sensação como o da percepção requer tres factores para ser realisada: 1.º O que percebe (o mental, o sentido interno). 2.º O que é percebido (o objecto em suas qualidades de apparencia). 3.º O meio de percepção (o orgão sensorial). Tal é o processo do conhecimento descripto por Kapila (*Aphorismes*) (Nous nous appuyons de préférence sur la philosophie Sankhya à cause de son caractère profondément naturaliste qui la met plus à la portée de notre intellect moderne):

COMPREHENDER  $\left\{ \begin{array}{l} \text{1.º A idéa que forma o objecto do conhecimento: } Grahītri \text{ (o subjectivo).} \\ \text{2.º O conhecido: } Grahana \text{ (o instrumental).} \\ \text{3.º O acto do conhecimento: } Grahya. \end{array} \right.$

Se as cousas se passão assim para as percepções sensoriaes, deve o mesmo acontecer para as percepções hyperphysicas na primeira ordem das quaes se colloca a clarividencia. Transportemos-nos para isto ás nu-

merosas testemunhas de experienca que contêm as obras dos magnetisadores modernos. Examinando os casos de *clairevue* notaremos com M. Mohini (*Transactions of the London Lodge of the Théos, Soc.*) que uma pessoa somnambulica que percebe muito bem as pessoas com as quaes seu magnetisador a põe em relação, e os lugares onde envia-a, é absolutamente incapaz de ouvir o que disem estas pessoas; e vice-versa, se a dita pessoa é *développée en clairc-audience* não será clarividente; a mesma observação se estende ás manifestações psychometricas. Pode-se inferir dahi que se numa pessoa magnetizada o mental se manifesta ora por intermedio de tal sentido hyperphysico, ora por intermedio de tal outro, cada um destes sentidos dispõe dum orgão especial: por conseguinte como ha um olho, um ouvido physico, o olho astral, o ouvido astral, etc. existem igualmente. Porem se os sentidos astraes existem porque suas manifestações são tão raras, e tão difficeis de attingir? E' porque não temos consciencia de suas actividades; o campo da consciencia não está ainda desenvolvido até ao plano astral (consciencia transcendente dos allemães). Todo o segredo do desenvolvimento da clarividencia se resolve pois neste unico meio: estender o campo da consciencia. Ensaiemos definir exactamente esta palavra consciencia, poderemos assim achar mais rapidamente o meio de desenvovel-a. A consciencia é esta faculdade do *Soi* que lhe faz reconhecer sua distincção individualista dos outros objectos: é a relação que estabelece-se entre o eu e o não — eu por meio de diversos systemas de sensibilidade. Seu exercicio suppõe necessariamente o da faculdade de percepção. Ora a experienca de cada dia nos ensina que não percebemos

um objecto senão tanto quanto lhe prestamos nossa attenção (Attention: de *tendere ad*, application de l'esprit à une objet). Por outro lado, todas as philosophias reconhecem que a attenção é um phenomeno essencialmente voluntario (Ad. Franck. *Dict. des sciences philosophiques*, p. 121). Remontando á cadeia de deducções que acaba de ser estabelecida, pode-se concluir que o unico meio de alargar o campo da consciencia em vista do desenvolvimento da *claire-vue*, é a *mise en œuvre* da vontade ou do desejo. Como, neste caso, devemos empregar a vontade? Chamemos aqui em nosso soccorro a sciencia oriental; aceitaremos *a priori* seus ensinamentos desobrigado a verificá-los em seguida por minuciosas experiencias. Os antigos sabios da India pensão que o espirito e a materia não são cousas oppostas, mas sim douos polos duma mesma luz; uma das consequencias desta theoria levara-os a revestir as emoções e as ideações do ser humano dum certo caracter de materialidade.

Acima do corpo physico visivel, move-se o corpo subtil, formado dos elementos puros, e comprehendendo todo o apparelho mental (sentido, intellecto, consciencia). E' animado por sua vez pelo corpo causal, primeiro reflexo do *Atma*, do *Soi* divino, do *Logos*. O corpo subtil comprehende os cinco sentidos physicos, as cinco forças psychicas que movem os cinco orgãos externos, e os cinco medios pelos quaes operão estas cinco forças motrizes. Por outro lado o corpo physico é animado por certos orgãos que a sciencia moderna chama plexos e que os Indianos chamão *Chakrams* ou rodas; calculão, contão sete destes focos de energia no corpo humano:

*Muladara Ch.* ou plexo sagrado  
*Souadis thana Ch.* ou plexo prostatico  
*Manipuraka Ch.* ou plexo solar  
*Anahata Ch.* ou plexo cardiaco  
*Viandha Ch.* ou plexo pharyngeano  
*Agneyà Ch.* ou plexo cavernoso (*In Chandilly Upanishad.*, publié en Anglais par Tookaram Tatya, Bombay, 1893) e  
*Sahasrarà Ch.* ou glandula pineal (buraco de Brahma):

Este ultimo fóco é o ponto onde as energias physicas se sublimão para fornecer um alimento ás actividades do corpo subtil; é pois o ponto de partida e o ponto de chegada da grande corrente animadora do corpo physico que Sankaracharya chama Kundalini, e como tal pertence ao corpo subtil onde residé o mental e a consciencia. Por outro lado o sentido da vista psychica (Cet organe est appelé par les livres indous lumière de la tête, œil de sagesse, œil céleste, œil de Siva; c'est le réservoir de la lumière (*Tejas*) du feu qui anime tous les hommes (*Vais wanara*)) é localizado no plexo cavernoso; para transmittir á consciencia as impressões deste orgão basta falar com os Upanishads, fazer passar Kundalini para Agneya Chakram; isto é, em linguagem vulgar, concentrar por um acto voluntario toda a força nervosa do corpo no meio dos superciliaos, ponto onde acha a sede da visão mental (o olho de Siva); chegar-se-á ahi tanto melhor quanto mais força nervosa se tiver em disponibilidade, abolindo toda outra percepção (Remarquons d'ailleurs que le sens de la vue résume et contient tous les autres. Cf. *Man, Fragments of forgotten hist.*,

*London, 1885, in-8.)* «Yogi, diz Patandjali, (*Yoga Sastra*, liv. III, 34 et sqq. Voir aussi pour les détails complémentaires le *Nyaya Siddhanta*, les *Sanbagya-Lakhmi, Dhyana -- Bindou, Amrita -- Bindu*, et *Tripura Upanishads.*) vê as cousas por *Pratibha*, isto é, pela luz ou o conhecimento produsido instantaneamente pela conjuncão da alma e do espirito, antes do exercicio de toda faculdade raciocinante.» E' o que vamos estudar no paragrapho seguinte, diz o mesmo autor (P. Sédir. *Les Miroirs Magiques.. 1895*), de quem temos copilado estas linhas; o qual continua assim: O methodo precedentemente exposto para desenvolver os sentidos psychicos é pois muito de acompanhar, de ebservar. Exige primeiramente uma vigilancia de todos os instantes sobre o organismo astral, cuja sensibilidade torna-se extrema desde que a vontade se orienta para o Invisivel; é preciso empregar em seguida nisso uma constancia grande; é, em summa, uma nova vida que é necessário estabelecer, uma nova direcção que é preciso imprimir ao espirito como ao inconsciente. Nesta luta perpetua com as distracções da vida ordinaria e com os quadros do mundo physico, a vontade devera encontrar auxiliares em cada um dos tres organismos que comprehende o ser humano. O homem intellectual terá de usar, de empregar, de jogar com sua faculdade de meditação, pela qual gerará conscienciosamente iléas; o Homem animico se desenvolverá supprimindo as emoções pessoaes e adquirindo o poder de sentir, experimentar as emoções do Universal; o Homem physico finalmente deverá fechar a porta ás sensações externas, pela auto-hypnotisação. Tudo isto parecerá pouco scientifico aos leitores occidentaes: não é menos certo que taes são

as estrictas regras de educação occulta seguidas desde os tempos os mais remotos de que podemos adquirir a noção (On pent trouver également des preuves de cette antiquité dans les documents écrits, au moyen de l'astronomie, comme le font les savants hindous actuels). Certamente, o principiante deverá, para perceber o Invisivel, se abstrahir do Visivel: não é senão mais tarde, quando um exercicio longo, paciente e continuado com um ardor perseverante, o tiver condusido à *la maîtrise* que poderá ser ao mesmo tempo espectador do mundo occulto e do mundo material.

Abstrahir-se do visivel, é perder sua consciencia; é dormir desta especie de sonno physico, de que nossos modernos sabios redescobrirão as variedades as mais rudimentares sob o nome de hypnotismo. Entre os sentidos por meio dos quaes pomos-nos em relação coni o visivel, dous são ou estão, por sua propria materialidade, absolutamente sobre a dependencia da vontade: para não exercer o tacto e o gosto, basta com effeito ficar immovel. Perdoar-se-á-me a ingenuidade destas observações: são uteis, ainda que fosse unicamente para demonstrar a simplicidade dos meios empregados pelo occulto para resultados «sobrenaturaes» segundo o vulgo. Quanto aos outros tres sentidos, pode-se annullal-os encerrando-se, como os *Yogis*, no silencio e na obscuridade dum retiro, solidão, abrigo (retraite) subterraneo. Mas então que succede: é que a vontade é redusida a tirar dahi ou disto exclusivamente toda sua força do *Invisivel*, do astral, por meio duma concentração intellectual cuja potencia está muito acima do poder da maioria dos estudantes, mesmo adiantados. O ideal seria pois fornecer ao cerebro por meio dos tres sentidos precitados

um adjuvante cuja uniformidade e persistencia não acarretarião distracções á intelligencia: assim o sentido physico será adormecido, e a vontade encontrará novas forças para exercitar-se. O emprego destes adjuvantes é conhecido desde a mais alta antiguidade: são os perfumes, a musica e a luz. Os iniciados egypecios e indianos manejava-os com uma sciencia ou pericia consumada para o desenvolvimonto de seus neophytes, e a tradicção destas praticas encontra-se em todos os povos. Dar mais detalhes seria sahir de meu assumpto; encontrar-se-á excellentes vistas, adoptadas ao intellecto moderno no *Traité de magie pratique* de Papus (Ch. V, *Maniement des Excitants.*) Notemos simplesmente isto. Conforme a temperatura da pessoa (Voir § 5.) os antigos sabios servião-se para transportal-a ao sonno magnetico dum dos seus sentidos: era preparada então pelo abalo monotonio dos outros sentidos que indiquei mais em cima, á uma impressão mais viva sobre o sentido escolhido, determinando «a hypnose». E' assim que o que desejasse desenvolver-se em clarividencia, sopitará primeiramente seu olfacto por uma fumigaçāo apropriada, seu ouvido por uma musica dum caracter especial — enquanto na meia obscuridade duma lampadasinha fixará os olhos sobre o espelho magico. Estas explicações longas conduzem em summa a considerar o espelho magico como um instrumento destinado a absorver, a trasfegar dos olhos da pessoa toda a luz physica. Mas isto é unicamente a primeira metade de sua accão. Vimos quanto era difícil e demorado o desenvolvimento da clarividencia quando não se pode pôr em relação a sensibilidade latente do «olho de Siva» senão com o meio astral situado no espaço. Parece que se pudesse concentrar

esta luz astral em um foco, como os espelhos concavos o fasem para a luz physica, a clarividencia seria muito mais rapida. Uma semelhante condição se acha realisada pelos espelhos magicos: com effeito por toda parte onde ha concentração de luz physica, ha por isto mesmo um foco ethereo, um nexo de vibração do meio gerador; para os espelhos esphericos está pois resolvido: pôr o olho da pessoa em relação com o foco astral, e no fim dum tempo mais ou menos consideravel, segundo o grão de concentração mental ou de vontade: (isto é, segundo a perfeição com a qual a setima força astral de nosso corpo tiver penetrado a *Roda Ignea*), segundo estas condições, digo, — que depende directamente, repito-o, do poder da vontade — a clarividencia produsir-se-á: não será no principio perfeita, nem mesmo precisa talvez, porem um exercicio continuo e cuidadoso dará progressivamente aos orgãos astraes toda sensibilidade que são capazes de adquirir. Assim os espelhos esphericos, isto é, formados duma porção de esphera são os mais poderosos. Os discos chatos só possuem a propriedade de absorpção: é porque os discos magicos são sempre de côr saturnina.»

Antes de terminar este capitulo diganios com M. P. Sédir (obra já citada, pag. 39) que todos não são aptos á clarividencia: ha ahi variações de meio (vida, habitat, etc.), de nascença e de habitos. Astrologicamente, a erecção do horoscopo permite estabelecer o temperamento da pessoa de maneira muito precisa para indicar até que grão os sentidos psychicos são nella desenvolvidos. Buscaremos, procuraremos estes caracteres nas influencias dos planetas superiores, Uranus e Neptuno, que não s'affirment senão em casos excepcionaes e em individuos *fort en avance* sobre o

resto da raça actual. «Quando Neptuno é puissant seus aspectos com o sol e a lua *tendraient* grandemente a produsir clarividencia (Neptuno não deve ser considerado como activo no estado de adiantamento actual da humanidade senão quando acha-se perto da ponta dos casos I, X, VII e IV, isto é, quando é angular, e seu influxo por consequencia potente, poderoso.— Selva.— *Traité d'astrologie genethliaque*, assim como le traité d'Abel Haatan: *Astrologie judiciaire*, Paris, Chamuel, 1895, in-8, ambos citados por P. Sédir).» Da mesma maneira «Raphael (*Guide to Astrology*, tambem citado por Sédir) pretende ter observado que as quadratures e as opoſições de Uranus com Saturno tendem a produzir a clarividencia.» Alem destas, ainda existem outras posições de planetas inclinando a pessoa *vers l'éclosion* destas faculdades; se as encontrará indicadas nos dous excellentes tratados modernos já citados. Porem não é sempre licito recorrer á erecção do thema genethliaco — operação minuciosa e longa — sobretudo quando uma experiençia rápida deve ser feita. Neste caso, pode servir-se para classificar *le sujet* da theoria dos quatro temperamentos (Voyez la brochure de ce nom, par Polti et Gary — recommends o mesmo autor — P. Sédir — donde temos extrahido essas linhas); não encontra-se neste trabalho um systema seccamente analytico, é uma viva e fecunda adaptação do Grande Arcano do Verbo ás formas do rosto humano: dá maravilhosos resultados aos intuitivos divinos. Dado á luz recentemente, este methodo era conhecido dos mestres.— Eliphas Lévi classificou, num dos seus livros, as faculdades magicas destes quatro temperamentos: o Nervoso é predisposto á clariaudiencia e á geomancia (adivinhação por meio

de linhas e circulos traçados na terra); o Bilioso, pode mais facilmente evocar formas ou determinar-as; o Sanguineo é antes desenvolvivel em psychometria; e o Lymphatico clarividente (*Faisons remarquer, pour ne pas dérouter les étudiants, que la nomenclature d'Eliphas Lévi ne correspond pas aux termes de Polti et Gary: un peu d'habitude en fera vite apercevoir la raison* — P. Sédir, obr. cit. pag. 41.) Segundo as experiencias deste ultimo autor, as pessoas naturalmente dispostas ao desenvolvimento das faculdades magicas são as de olhos e cabellos diferentes. Finalmente, ultima e importante recommendação de Sédir: lembremos-nos sempre que nossas actividades gerão no Invisivel formas da nossa imagem: bellas se são nobres, hediondas, desformes se são egoistas; as formas horriveis que percebe-se geralmente no começo das experiencias não são senão a imagem symbolica das fealdades, desformidades da alma, de que seria preciso primeiramente desembaraçar-se.» Como vio-se, este estudo é difficilimo; e só pode ser comprehendido por aquelles que estiverem familiarizados com elle. Por termos falado já duas vezes em «Invisivel:» o que é? Como é considerado pela sciencia actual? E' ainda Sédir quem vae responder, juntamente com Papus e Barlet. «Mais do que em nenhuma outra época da historia occidental, os espiritos afeitos á sciencia actual, fatigão-se no labyrintho sem fim do mundo phenomenico. Sabios de erudição encyclopedica succederão-se em grande numero para edificar simples classificações de sciencias mesmo particulares: trabalhos perdidos; os factos de observação vêm diariamente destruir as theorias as melhores estabelecidas, falta dum incomprehensivel laço de que bem poucos conhacerão a exis-

tencia, e de que um pequeno numero ainda, entre os que o conhacerão, poderão servir-se efficazmente. Este laço, termo equilibrante e canal entre douos contrarios, o leitor adevinhou-o já, é o terceiro termo da Trindade. Para o estudante imparcial dos antigos symbolismos religiosos, a Trindade apparece como a lei capital da creaçao; com effeito, todos os dogmas proclamam-na em primeiro lugar. Esta lei geral deve pois ser igualmente verdadeira em suas applicações particulares (Sédir, obr. cit. pag. 12).» Segundo «a luminosa exposição que fez Papus dos tres mundos do Universo, em sua obra — *La science des Mages et ses applications.* Paris, Chamuel, broch. in-18.<sup>o</sup> § II, cit. por P. Sédir), «cada forma organica ou inorganica que se manifesta a nossos sentidos é uma estatuinha dum grande artista que chama o Creador, ou antes vem dum plano superior que chamamos o plano da creaçao. Entre este plano superior e nosso mundo physico visivel, existe um *plano intermediario* encarregado de receber as impressões do plano superior e de realisal-as obrando sobre a materia.» E' este plano intermediario, diz Sédir (obra cit.), que a tradição occulta chama *plano astral*, do qual já nos ocupamos quando falamos da clarividencia. Visto que um phemoneno qualquer pertence *ipso facto* ao mundo physico, já que sua causa primeiro pertence ao mundo ideal, metaphysico,— conclue o mesmo autor o meio pelo qual esta se manifesta pertence ao mundo das leis, ao mundo astral. Protêo de formas infinitas, continua o distincto philosopho, o astral é este meio, o mediador universal, que recebe passivamente as influencias positivas dos principios do mundo; nutre-as em seu seio, elabora-as, *organisa-as*, e vitalisando-as,

fal-as servir, — tornadas parte integrante de si proprio, e suas faculdades fecundadoras proprias, — *au modellage* do elemento ultimo da materia, deste *protyle* recentemente entrevisto. Por effeito das forças physicas que conhecemos, desta segunda fecundação vão desenvolver-se os phenomenos visiveis, ao mesmo tempo gloria e desespero da sciencia positiva. Tal é o aviso da Tradição: entre uma causa e um effeito obra sempre a faculdade especialmente e espontaneamente adaptada á dupla naturesa do principio e do fim a attingir (La faculté d'adaptation considérée d'une manière générale, et sous toutes ses formes, est le *Fo-Hat* des initiés do Nord de l'Inde, c'est la *Sakti*, la femme des grands dieux, pour le brahmane initié, c'est pour Adam, Èva, etc. — Voz la *Genèse*. Il y a six de ces facultés universelles, synthétisées dans une septième. — Sédir, obra cit. pag. 13). O que acabo de esboçar tão grosseiramente (modestia) não é outra cousa senão a revolução a mais geral do quaternario, — de que pode-se ver o movimento magistralmente descripto nos admiraveis trabalhos de F. C. Barlet (*La sociologie synthétique*, Paris, Chamuel, 1895, in-18 — Sédir, obra cit.). «Eis pois a verdadeira naturesa deste mysterio invisivel que nos amedronta por sua profundesa e que escapa-se, furtá-se com tanta destresa á nossas pesquisas desde que queremos interrogala. Ora, esta faculdade protéana d'adaptação, que é a essencia mesma do astral, visto que se manifesta por movimento, será a vida? O astral será pois um ser vivo, ou uma immensa collectividade de individuos vivos? A analogia obriga a responder pela affirmativa. Demais, os iniciados mais altos, como os mais celebres philosophos exotericos reconhecerão o universo como um todo em perpetua

transformação donde a morte — tomada no sentido estrito d'equilibrio, de nada — é excluida (Voyez entre autres la *Monadologie* de Leibnitz, cit. por Sédir). Eis-nos por consequencia levado a concluir, de acordo com os sabios dos tempos os mais remotos: Da mesma maneira que tudo o que move-se, que tudo o que vive, o Invisivel é ao mesmo tempo um ser e uma immensa assembléa de seres: o homem physico é aggregatedo de innumeraveis cellulas, é elle proprio cellula do corpo cosmic de Adam-Kadmon. Que as proporções gigantescas destas individualidades occultas excedem nossas concepções ordinarias, que o que apparece-nos como um meio inconsciente seja na realidade um individuo dotado de corpo, de alma e de espirito, é o que uma meditação mais profunda convencer-nos-á, é dum tal sublime espectaculo que o espelho magico pode fazer-nos testemunha. » Em summa, os que desejarem aprofundar-se mais nesses phenomenos, isto é, no occultismo, podem procurar ler as obras de Papus (*Traité élémentaire de science occulte* — 1887 — 1 vol. in-18, 4.<sup>a</sup> éd. — épuisé; — *Le Tarot des Bohémiens*, 1 vol. in-8.<sup>o</sup> de 372 p. avec 6 planches phototypiques et 200 fig. et tableaux; — *Essai de physiologie synthétique*, 1 vol. in-8.<sup>o</sup> avec 35 schèmas inédits; — *Traité méthodique de Science Occulte* — préface d'Ad. Franck (de l'Institut); — *La Kabbale*, 1 vol. gr. in-8.<sup>o</sup> de 188 pages — leître — préface d'Ad. Franck (de l'Institut); — *Du Transfert à distance à l'aide des couronnes aimentées*, in-8.<sup>o</sup> en collab. avec le Dr. Luys — sous le nom de G. Encausse; — *La Science Secrète*, 1 vol. in-18 en collab. avec Barlet, Eugène Nus, le Dr. Ferran; — *Petit Glossaire des principaux termes techniques*, couramment employés

dans les livres et revues traitant d'occultisme, de Kabbale, etc., in-8.<sup>o</sup> — 1892 — en collab. avec Augustin Chaboseau; — *Isis-Bulletin Philosophique*, 1888; — *Étude sur une planche de Khunrath*, insérée dans la 2.<sup>e</sup> édit. de *Au seuil du mystère*, de Stanislas de Guaita; — brochures — *L'occultisme contemporain*, épuisé; — *Le Sepher Jesirah*, épuisé; — *La pierre philosophale*, épuisé; — *Les septes principes de l'Homme au point de vue scientifique*, épuisé; — *Fabre d'Olivet et Saint-Ives d'Alveydre*, rare; — *L'occultisme*; — *Le Spiritisme*; — *Hypothèses*, sous le nom de G. Eucausse, 1884, épuisé; — *La science des Mages* et ses applications théoriques et pratiques; — *Considerations sur les Phénomènes du Spiritisme*, rapports de l'hypnotisme et du spiritisme, existence des phases chez médiums, avec 4 planches; — *La Chiromancie*, résumé synthétique in-8.<sup>o</sup>, avec 23 fig.; — De l'Expérimentation dans l'étude de l'Hypnotisme, sous le nom de G. Eucausse); e as apontadas ou citadas por elle em seu livro, já tantas vezes falado neste tosco trabalho — *Traité de magie pratique* — *Fabre d'Olivet* — *Histoire philosophique de Genre humaine* (introduction), *Les Vers dorés de Pythagore* (notes sur la volonté); — Platon — *Le Timée*; — Chardel — *Psychologie physiologique* (pour la psychologie); — Matthias — *Physiologie et le cerveau*; — Luys — *Les emotions dans l'Hypnotisme* (pour les points de science); — Saint-Ives d'Alveydre — *Mission des Juifs* (chap. iv); — Eliphas Lévi — *Rituel de la Haute Magie*; — Stanislas de Guaita — *Le Serpent de la Genèse* (p. 360 — le Haschisch); — Dr. Nobin-Chunder Paul — *La Philosophie éyoga*; — Willim Deuton — *The soul of Things*; — Ivon Le Loup — *La Psychométrie* (Ini-

tiation n.<sup>o</sup> 6, 5.<sup>o</sup> année, mars 1892); — Louis Deinhart — Psychométrie (Brunschvig, 1891); — Gurney et Myers — *Les Hallucinations télépatiques* (Alcan, 1892, in-vol. in-8.<sup>o</sup>); — Agrippa — *Philosophie occulte*; — Léon L. Hébreu — *Le Livre d'amour*; — Louis Lucas — *Médecine nouvelle*; — U. N. Badaud — *La Magie au XIX siècle* (in-8.<sup>o</sup>, Dentu); — *Une planche de Khuurath* (Initiation de décembre 1892); — P. Sédir — *Urim et Thummim*, étude sur les gemmes hiératiques des grands prêtres (Initiation de février 1893) e *Le système planétaire d'après la Rabbale* (Initiation, juin 1893); — Kircher — *Adipus egyptiacus* (pour la science occulte); — etc., etc.

\*  
\*      \*

Finalmente, o illustre professor da Universidade de Leipzig — W. Wundt (*Hypnotisme et suggestion étude critique* — traduit de l'allemand par A. Keller, pags. 16, 17 e 18, Paris, 1893) — que é ainda um pouco reservado, relativamente ao occultismo, assim exprime-se sobre o bello trabalho de M. Ch. Richet (*Études expérimentales faites dans le domaine de la transmission de la pensée et de la soit-disans clairvoyance*), concernente ao nosso assumpto: Consinto em admittir que todas as experiencias relatadas neste livro tenhão acertado, neste sentido que forçarião-nos, nos casos em que o proprio autor considera as causas como verosimeis, a admittir uma ação magica á distancia, e pergunto a que resultado deveríamos concluir

desta investigação. Chegariamos manifestamente a admittir que o mundo que cerca-nos é composto realmente de dous mundos bem differentes. Um seria o dum Copernico, dum Galiléo e dum Newton; dum Leibnitz e dum Kant, um universo regido por leis immutaveis e eternas, onde a parte menor e a maior adaptarião-se harmoniosamente em tudo. Ao lado deste grande mundo que, a cada passo que avançamos, provoca mais nossa admiração e nosso espanto; existiria um outro mundo menor, um mundo de duendes, bruxas e medios, e, neste mundo, todos os objectos do primeiro, do maior, estarião de pernas para o ar, todas as leis, noutra parte immutaveis serião na occasião, postas fora de uso, em beneficio de pessoas as mais vulgares e as mais das vezes hystericas. A gravitação, os effeitos de optica, as leis de nossa organisação psycho-physica curvão-se desde que Madame Léonie do Havre se põe a dormir *magneticamente*, não para prediser algum cataclysmo, mas para presentir se, sim ou não, aconteceu em Paris, alguma desgraçasinha a um dos Richetsinhos, — presentimento que pode ter lugar ás vesse em condições normaes e á distancia onde produz-se o primeiro. Mas admittamos que o facto seja exacto, não obstante todos estes absurdos e muitos outros, pode-se admittir igualmente que um naturalista ou um psychologo não prevenido, ao qual seja licito faser sua escolha, não dê preferencia a este mundo maior e mais nobre, ao mundo das leis eternas desenrolando-se numa ordem intelligivel, sobre este pequeno mundo desarresoados dos medios hystericos? E pode-se ficar admirado, não encontrando-se nos calculos de probabilidade de M. Ch. Richet, senão uma prova da pertur-

bação que a pratica «dos problemas do occultismo» pode lançar até no juizo dum homem sagaz. »

Depois do que acabou-se de ver, sem elementos ou estudos especiaes sobre a questão exposta, só teremos a accrescentar o seguinte:— esperemos pelo futuro.— Elle decidirá quem tem rasão; mostrará de que lado pende a concha da balança da verdade. Wundt não nega, é preciso que note-se, os phenomenos do occultismo, como ver-se-á na continuação da sua mesma obra: « Aqui, se trata dum conjunto de manifestações cuja significação, sem duvida, é pouco certa ainda, mas cuja realidade, se faz-se abstracção de certos detalhes, não pode dora avante ser mais contestado como a existencia do sonho ou da noctambulação. » Apenas, como dissemos, mostra-se ainda reservado sobre o caso vertente, não obstante este ser estudado e aceito por mestres da cultura mental, dos que mais atraç publicamos uma lista; o que não admira, mesmo assim, visto o phenomeno não ter recebido a ultima sancção da sciencia por emquanto.



## Conclusão

O hypnotismo dà mesma maneira que os outros agentes therapeuticos tem soffrido suas decepções, isto é, que ao lado dos seus brilhantes triumphos, insuccessos têm vindo toldar o seu céo côr de rosa. Mas que importa?!... quando é sabido que tudo é relativo, tudo é fallivel. O que não pode-se contestar actualmente, é que elle é um grande recurso de que a medicina hodierna tem tido muitas vezes necessidade, e em grande resultado innumeras vezes, em differentes estados morbidos, de lançar mão. Se não fosse superfluo, era occasião aqui, de apresentar as provas do que acabamos de avançar; porem basta abrir qualquer livro sobre o caso em palestra, para certificarem-se os mais curiosos, ou os mais incredulos. Exparemos resumidamente as molestias e manifestações morbidas em que empregamos a suggestão hypnotica quasi sempre com successo, nas pessoas que desejavão tratar-se seriamente: hysteria, choréa (25 casos), nevralgias de differentes naturesas, rheumatismo (4 casos), febre palustre (o accesso começante foi cortado em 6 casos),

alcoolismo (5 casos), morphiniomismo (2 casos), tabagismo (3 pessoas hystericas) servindo-nos dos artificios usados por Émile Laurent (*Le Nicotisme*, pag. 171 e seguintes, Paris, 1893), incontinencia nocturna de urina, paralysias rheumaticas recentes dos membros superiores e inferiores, regularisacao de menstruos abundantes, amenorrhéa, dysmenorrhéa, metrorrhagias (paradas de), loucura hysterica (10 casos, sendo dous destes em rapazes), insomnia, dyarrhéas chronicas, dysenterias agudas, constipações de ventre velhas ligadas á enterites hemorrhoidarias e dyspepsias nervosas. Na epilepsia nunca conseguimos nada. Apenas em alguns doentes podemos espaçar os ataques por algum tempo; porém depois voltarão com a mesma intensidade. O nosso forte, o nosso baluarte foi e tem sido até hoje a hysteria. Já deixamos noutro lugar impresso o total dos muitos casos que curamos. Em vista delle, os insucessos desapparecem. Em diferentes doentes de panaricio, nalguns casos de parto, empregamos, como anesthesico, a suggestão hypnotica, com um exito brilhante. Na neurasthenia, só obtivemos melhora, sobretudo na antiga e grave; assim como na forma mixta das duas grandes nevroses – neurasthenia e hysteria.

— Se não tivesse muito espaço, e fosse mais barata a impressão entre nós, como já temos repetido mais duma vez no correr deste escripto, publicaríamos essas curas e insucessos *in-extenso*; mas nenhum ou pouco mais merito teria este humilde livrinho. Agora só resta-nos dizer algumas palavras sobre a acção dos medicamentos e substancias toxicas à distancia. Quanto à isto não passou de uma phantasia dos espiritos dos Srs. Bonrru e Burot (Rochefort), os primeiros que ocuparão-se desta questão e comunicarão ao Con-

gresso de Grenoble em 1885, e depois Luys (*Les émotions chez les sujets en état d'hypnotisme*, 1887, 38, Paris), na sessão de 30-8-1887. Os professores Bergeron, Gariel Herard, Brouardel, e como relator, Du-jardin-Beaumetz, para dar parecer sobre as asserções avançadas pelo Dr. Luys sobre o ponto em discussão, que a Academia de Paris nomeou, chegou a conclusão de que nada havia de verdadeiro nellas; de que *nenhum dos effeitos observados pela commissão está em relação com a natureza das substancias postas em experientia*, e que por consequencia, nem a therapeutica, nem a medicina legal têm nada que ver com taes effeitos. E assim poz-se termo á questão, ficando provado que os effeitos conseguidos não foram mais do que « puro resultado da acção de estados psychicos especiaes sobre o phisico ». no sul, o professor Erico Coelho e o Dr. Fajardo (ambos do Rio de Janeiro), aqui no norte, nós, nunca tambem podemos notar os effeitos á distancias das substancias medicamentosas e toxicas, nas pesquisas que operamos para este fim; embora Rouxel (*Histoire et philosophie du magnétisme*, tomo II, p. 294, Paris, 1894) diga que tenha visto, apresentado muitos exemplos no curso desta sua obra, podendo-se alem disto encontrar muitos outros nos escriptos dos magnetisadores. Continua esse autor (ob. cit., p. 295): « unicamente os bons magnetisadores sabem que estas experientias não acertão á vontade, e que não é prudente tentar-se produzil-as sobretudo diante de pessoas mal dispostas a presencial-as. M. Luys ignorava isto, foi o que fez que encalhasse perante os sabios, merecendo por isso ser considerado no rol dos charletães ». Delenze (cit. pelo mesmo escriptor) diz: ha uma grande imprudencia tentar convencer incredulos anunciando phe-

nomenos; porque uma ciremstancia imperceptivel pode desarranjar a clarividencia, e não sabemos se o objecto que acabamos de fazer examinar está ou é do numero daqnelles sobre os quaes esta clarividencia pode exercer-se. E' impossivel prever o resultado duma experienzia quando ignora-se a sua theoria; e a theoria do somnambulismo, ou a dependencia reciproca dos phenomenos que apresenta é-nos inteiramente desconhecida (*De la clairvoyance des somnambules*), Emfim, remataremós este trabalho a maneira de Marius De-crespe nos seus — *Principes de Physique occculte* — *La matière des œuvres magiques* — pg. 54 Paris, 1894, — isto é, disendo, ou melhor avisando aos que lerem-nos que *la matière est loin d'être épuisée*, visto não termos falado nem do *zoomagnetismo* (magnetismo animal), nem da *cataplexia* (hypnose do terror ou schreckhypnose), tão bem estudada pelo sabio professor berlimnense W. Preyer, nem de outros phenomenos que com este estado tem analogia, taes como: o fascino, mão olhado ou jettatura (leia-se sobre este ponto o magnifico tratado de Nicolo Valetta, o pequeno romance — *Jettatura* — de Theophile Gautier, 1807 e o Dr. Félix Regnaut — ob. cit., p.—), etc..

Obras que nos servirão de guia, e das quaes extrahibimos  
os dados para confecção deste trabalho:

#### NACIONAES

- DR. CARLOS AFFONSO ALVES.—*Das Suggestões no tratamento das doenças psychicas.* These de doutoramento. Bahia, 1888.  
DR. LANDULPHO MACHADO DE MAGALHÃES.—*Hypnotismo e livre arbitrio.* These de doutoramento. Bahia, 1889.  
DR. VIRGILIO MARTINS LOPES DE MENIONÇA.—*Hypnotismo e seu valor therapeutico.* These de doutoramento. Bahia, 1889.  
DR. F. FAJARDO.—*Hypnotismo.* Rio de Janeiro, 1889.  
DR. F. FAJARDO.—*Tratado de Hypnotismo.* Rio de Janeiro, 1896.

#### ESTRANGEIRAS

- MONT'ALVERNE DE SEQUEIRA.—*Hypnotismo e Suggestão.* Segunda edição. Portugal, 1889.  
MANUEL ANAQUIM.—*A moderna questão do Hypnotismo.* Coimbra, 1895.  
THEOTONIO MANOEL RIBEIRO VIEIRA DE CASTRO.—*Lourdes — Milagre e Sciencia.* — Zola — Charcot — Bernheim. — *Hysteria, Hypnotismo, Suggestão.* Porto, 1895.  
DR. GILLES DE LA TOURETTE.—*L'Hypnotisme et ses états analogues au point de vue médico-légal.* Paris, 1887.  
DR. BERNHEIM.—*Hypnotisme, Suggestion, Psychothérapie.* Paris, 1891.  
ROUXEL.—*Histoire et Philosophie du Magnétisme* — 2 vol. Paris 1894—1895.

- ÉLIE MÉRIC. — *Le Merveilleux et la Science. — Étude sur l'Hypnotisme.* Paris, 1887.
- DR. ÉMILE LAURENT. — *Les Suggestions Criminelles.* Paris, 1891.
- C. LLOYD TUCKEY. — *Thérapeutique Psychique ou Traitement por l'Hypnotisme et la Suggestion.* Paris, 1893.
- ALFRED BINET. — *Les Altérations de la Personnalité.* Paris, 1892.
- DR. EDGAR BÉRILLON. — *Hypnotisme et Suggestion.* Paris, 1891.
- W. WUNDT. — *Hypnotisme et Suggestion.* Paris, 1893.
- H. BOURRU ET P. BUROT. — *La Suggestion Mentale et les Variations de la Personnalité.* Paris, 1895.
- P. FÉLIX THOMAS. — *La Suggestion. — Son rôle dans l'Éducation.* Paris, 1895.
- DR. AZAM. — *Hypnotisme et Double Conscience.* Paris, 1893.
- ALBERT DE ROCHAS. — *Les États profonds de l'Hypnose.* Paris, 1896.
- DR. FOVEAU DE COURMELLES. — *L'Hypnotisme.* Paris, 1890.
- HENRI NIZET. — *L'Hypnotisme.* Paris, 1893.
- DR. FÉLIX REGNAULT. — *Hypnotisme, Religion.* Paris, 1897.
- DR. E. MESNET. — *Le Somnambulisme provoqué et la Fascination.* Paris, 1894.
- GURNEY, MYERS ET PODMORE. — *Les Hallucinations Télépathiques.* Paris, 1891.
- ALBERT DE ROCHAS. — *L'Extériorisation de la Sensibilité. — Étude expérimentale et historique.* Paris, 1895.
- DR. PAUL GIBIER. — *Le Spiritualisme (Fakirisme Occidental).* Étude historique, critique et expérimentale. Paris, 1896.
- R. GAROFALO. — *La Superstition Socialiste.* Paris, 1895.
- CH. FÉRÉ. — *Dégénérescence et Criminalité. — Essai physiologique.* Paris, 1888.
- CESARE LOMBROSO. — *Les Anarchistes.* Paris, 1894.
- A. MOSSO. — *La Peur. — Étude psycho-physiologique.* Paris.
- EURICO FERRI. — *Les Criminels dans l'art et la littérature.* Paris, 1897.
- CESARE LOMBROSO. — *L'Anthropologie Criminelle et ses récents progrès.* Paris, 1891.
- A. RIANT. — *Les Irresponsables devant la Justice.* Paris, 1888.
- FÉLIX LE DANTEC. — *Le Determinisme Biologique et la Personnalité.* Paris, 1897.
- Y. A. LACASSAGNE. — *Les Criminels.*
- A. DÉBIEURRE. — *Le Crâne des Criminels.* Ville, 1895.
- HENRY MAUDSLEY. — *La Pathologie de l'Esprit.* Paris, 1883.
- EMILE LAURENT. — *Le Nicotinisme.* Paris, 1893.
- EMILE LAURENT. — *Guide pratique pour le traitement des Nevroses.* Paris, 1893.
- EMILE LAURENT. — *L'Anthropologie Criminelle et les nouvelles théories du Crime.* Paris, 1893.
- ALFRÉD BINET. — *L'Année Psychologique.* Paris, 1897.
- R. GAROFALO. — *Criminologia.* S. Paulo, 1893.
- PAPUS. — *Traité élémentaire de Magie Pratique.* Paris, 1893.
- SEDIR. — *Les Miroirs Magiques.* Paris, 1895.

- MUNDUS -- *Bible Moderne*. Paris, 1892.
- DR. PAUL GLATZ. -- *Dyspepsies Nerveuses et Neurasthénie*, Paris, 1898.
- TH. HUXLEY. -- *Les Problèmes de la Biologie*. Paris, 1892.
- DR. A. CORRE. -- *Les Criminels. -- Caractères physiques et psychologiques*. Paris, 1889.
- ALBERT LEMOINE. -- *Le Vitalisme et l'Animisme de Stahl*. Paris, 1864.
- H. THULIÉ. -- *La Folie et la Loi*. Paris, 1867.
- G. TARDE. - *La Criminalité Comparée*. Paris, 1894.
- CESARE LOMBROSO. -- *Nouvelles Recherches de Psychiatrie et d'Anthropologie Criminelle*. Paris, 1892.
- SCIPIO SIGHELE. -- *La Foule Criminelle. -- Essai de psychologie collective*. Paris, 1892.
- PAUL JANET. -- *Le Matérialisme Contemporain*. Paris, 1893.
- HENRY MONDSLEY. -- *Le crime et la Folie*. Paris, 1891.
- MIGUEL BOMBARDA. -- *Licões sobre a Epilepsia e as Pseudo-Epilepsias*. Lisboa, 1896.
- EURICO FERRI. -- *Socialisme et Science Positive* (Darwin-Spencer-Marx). Paris, 1896.
- DR. PAUL BLOCQ. -- *Études sur les maladies nerveuses*. Paris, 1894.
- GEORGE L. FONSEGRIVE. -- *Essai sur le Livre Arbitre. -- Sa théorie et son histoire*. Paris, 1896.
- ÉMILE FERRIÈRE. -- *Les mythes de la Bible*. Paris, 1893.
- SKEPTO. -- *L'Hypnotisme et les Religions ou la fin du Merveilleux*. Paris, 1888.
- WETTERSTRAND. -- *L'Hypnotisme et ses applications*. Paris, 1899.

